



Abraham Alcaim . Adriana Brito . Alê Silva .
 Aleteia Daneluz e Bosco Renaud . Alzira Judice . Ana Cristina Teixeira .
 Ana Luiza Mello . Ana Morche . Ana Pose . Ana Schieck . Analu Nabuco .
 Anderson Tibau . Anita Fizon . Attilio Colnago . Augusto Herkenhoff . Bahie Banchik . Bel Guimarães
 Bel Mota . Benedito Neves Jr . Benjamin Rothstein . Bill Lundberg . Cacia Chemin . Carmen Bello . Carmen Givoni .
 Celia Gimenez . Celina Nolli . Cesar Coelho Gomes . Cesar Paes Barreto . Chica Granchi . Chris Quellmann .
 Claudia Carneiro . Claudia Watkins . Clayton Ferreira . Conceição Durães . Debora Carneiro da Cunha . Deneir .
 Denize Torbes . Dirce Fett . Dora Portugal . Ecila Huste . Eda Miranda . Edgar Fonseca . Edineusa Bezerril . Eduarda Costa .
 Elaine Fontes . Elis Pinto . Eliane Carrapateira . Eneas Valle . Fernando Botafogo . Fernando Brum . Fernando Gomez .
 Francinete Alberton . Gilda Lima . Gloria Conforto . Gloria Seddon . Graça Pizá . Helena Lustosa . Helena Pontes .
 Henrique Rodrigues . Hortensia Maria . Ilda Fuchshuber Falacio . Isabela Bentes . Isabella Marinho . Isis Braga . Izabel Vidal .
 Jânio Leonardelli . Jarbas Paullous . João Saboia . Jorge Barata . Jorge Cerqueira . Karla Gravina . Lando Faria . Leila Bokel . Lena Tejo .
 Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Lia do Rio . Liana Gonzalez . Liane Briand . Ligia Teixeira . Lizete Zem . Lucia Lyra . Lucia Meneghini .
 Luciane Villanova . Luiz Nogueira . Luzia Velloso . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti . Marcio Atherino . Maria Cecília Leão .
 Maria Cherman . Maria Lucia Maluf . Maria Matina . Maria Perdigão . Maria Stefanon . Maria Verônica Martins . Marilou Winograd .
 MarQo Rocha . Marta Strambi . Martha Pires Ferreira . Mauricius Farina . Mauricio Tassi Teixeira . Maurício Theo . Meiga Rodrigues .
 Moema Branquinho . Nilton Pinho . Noemi Ribeiro . Olívio Neto . Paloma Carvalho . Paulo Innocencio . Pedro Leão .
 Peter O'Neill e Popklik Gabriella Massa . Pilar Domingo . Raquel Camacho . Regina Moura . Regina Vater .
 Ricardo Newton . Rogério Reis . Rosangela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre . Rubens da Silva .
 Sandra Macedo . Sandra Passos . Sergil Sias . Silvana Soriano . Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Xavier .
 Tania Andrade . Tavinho Paes . Teresa Coelho . Teresinha Mazzei . Uiana Bartira .
 Vania Beatriz . VeraLu . Verônica Camisão . Vilma Lima . Vitoria Szejnman . Vlad da Hora .
 Walkyria Proença . Wil Catarina . Zoravia Bettiol .

ZAGUT

Abertura

10 janeiro às 19h
2021

Exposição

virtual permanente
www.espacozagut.com

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - loja 315
Copacabana - Rio de Janeiro
Brasil

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

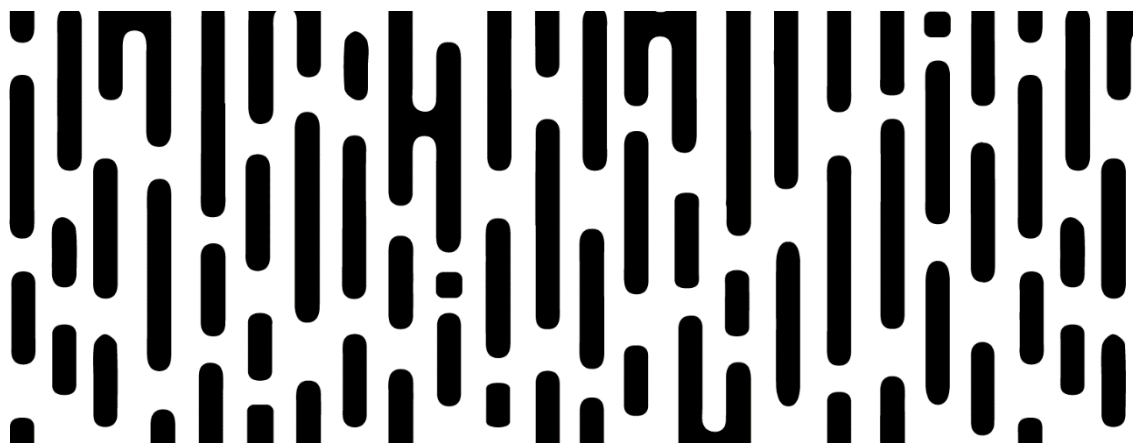
Ensaaios críticos: Carlos Taveira, Gloria Seddon

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



Obs: a leitura deste catálogo não é recomendada a menores de 18 anos não acompanhados por seus responsáveis (assuntos: sexo e nudez).

Erótica Eroica Universale

A ideia desta exposição veio pelo apreçado que o tema é entre os artistas, desde a pré-história até arte contemporânea, passando por gregos, romanos, africanos, pré-colombinos, japoneses com a shunga por exemplo com Hokusai, chineses, Kama Sutra indiano, e entre tantos ocidentais, mestres renascentistas, Picasso, Matisse, Gauguin, Klimt, Andy Warhol, David Hockney, performances de Marina Abramovic e Ulay...

O tema inesgotável, ainda mais em um mundo que vem tentando se livrar de seu heterocentrismo tão exacerbado, não vem livre de suscitar opiniões as mais diversas, sendo certamente o grupo de artistas entre os de todas as exposições já ocorridas na Zagut no qual houve mais colocações de textos sobre o tema, opiniões as mais diversas e até mesmo antagônicas.

O erotismo abrange uma infinidade de nuances de representações que provocam reflexões diversas, ligadas ao desejo, com inúmeros sentidos, inclusive o explícito da beleza do corpo humano nu.

Obras de conotação erótica com praticamente 30 mil anos como a calcárea Vênus de Willemdorf fazem parte da vida da raça humana desde seus primórdios, assim como as inúmeras peças em alas específicas em museus, como as de Pompéia (no Museu Arqueológico de Nápoles), ou pré-colombinas (no peruano Larco Herrera). Muitos museus no mundo se dedicam especificamente à arte erótica nas cidades as mais diversas: Nova York, Miami, Praga, Amsterdam... Colecionadores se dedicam a conseguir essas peças, como o primor de coleção em exibição na visita à casa do Rio Vermelho de Jorge Amado e Zélia Gattai em Salvador. Programas de televisão são dedicados à arte erótica, maravilhoso está Aderbal Freire Filho na TV Brasil com seu "A arte erótica posta a nu" ou "Tirando o véu da arte erótica".

Na cidade do Rio de Janeiro, algumas importantes exposições trataram especificamente do tema. Em 1993 no Museu de Arte Moderna, com 50 artistas, texto de Reynaldo Roels e fotografias de Vicente de Mello. No Centro Cultural do Banco do Brasil, em 2005, com curadoria de Tadeu Chiarelli, com aproximadamente 70 artistas. Chiarelli refere: "Frente às obras de arte, somos todos voyeurs, sendo que o voyeur maior é sempre o próprio artista, aquele

que primeiro observa a imagem que produz (enquanto ainda a produz), numa tentativa quase vã de posse/fusão entre criador e criatura”.

Apesar de toda essa constância da arte erótica ao longo da existência humana, muitas vezes veio acompanhada de importantes escândalos sociais. Goya com sua Maja nua, Courbet e sua Origem do Mundo, o Deujeuner sur l'Herbe de Manet recusado no Salon de Paris e exibido no Salon des Refusés, mesmo assim considerado um escândalo (apesar de inspirado em clássicos como Rafael, Tiziano e Watteau), entre tantos outros. A publicação Beaux Arts de Claire Maingon lista mais de 70 escândalos desde começados milênios antes de Cristo até os que continuam até nossos tempos.

Vale ressaltar que esta exposição não tem uma curadoria, mas uma organização, e que as obras são escolhidas pelos artistas. Os trabalhos desta exposição convidam a um mergulho nesse mundo do erotismo, trabalhos com olhares diferentes que propiciam uma incrível variedade de reflexões!

<https://www.beauxarts.com/produit/scandales-erotiques-de-lart/>

<http://casadoriovermelho.com.br/a-casa/>

<https://www.x-working.com/pt/revista-de-arte/artes-performativas/arte-erotica/os-museus-eroticos-mais-excitantes-do-mundo>

ARTE Erótica. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento238988/arte-erotica>>. Acesso em: 02 de Jan. 2021. Verbetes da Enciclopédia.

Chiarelli, Tadeu. Os sentidos na arte. Erótica. Associação dos Amigos do CCBBSP. 2005.

van Deursen Felipe. 30 mil anos de erotismo na arte. 2017. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/blog/contaoutra/conheca-7-das-obras-de-arte-mais-polemicas-e-obscenas-da-historia/>

"A função da crítica deveria consistir em mostrar *como é o que é*, até mesmo *que é o que é*, e não em mostrar *que significa*. No lugar de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte."

Susan Sontag

Eros e a arte

Carlos Vinicius da Silva Taveira

Mestre em teoria da história pela PUC-Rio e doutor em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio.

A epígrafe desse texto é pertencente a um texto da norte-americana Susan Sontag que foi escrito nos anos sessenta e posteriormente publicado em uma coletânea chamada "*Contra a interpretação*". O conteúdo pode ser resumido em uma crítica, justamente, da forma de se fazer a crítica. Como uma hipótese que esboça um método, é proposto que deveríamos nos distanciar do uso exagerado da hermenêutica e analisar os objetos artísticos via uma "erótica da arte". Dito isto, a proposição de Sontag é essencial para abirmos esse texto, pois amplia o papel do erótico que comumente é associado somente ao que é apresentado pelo objeto de arte, para outra dimensão de experiência estética que engloba canais analíticos como a sensibilidade do espectador, ou seja, o "erótico" atravessa o objeto e está também contido em quem participa da experiência do objeto.

Pretendo desenvolver essa idéia um pouco mais adiante, mas no momento prefiro saudar o leitor desse catálogo, os artistas presentes, e a Isabela Simões e Augusto Herkenhoff pelo convite de escrita dessas breves palavras e pela exposição que será desenvolvida. Cabe mencionar um comentário particular aos artistas presentes os parabenizando por enfrentaram o desafio de pensar e produzir arte que de alguma maneira tocasse na temática do erótico que é um assunto que, nos dias atuais, tem levantando profundos debates.

Para dar início à travessia desse texto, segundo a mitologia grega o Deus Eros, ou popularmente conhecido como cupido, era um dos filhos de Eroses, sendo esse, filho da deusa Afrodite. Neto da beleza e bisneto de Urano, a figura de Eros entrou para a cultura popular como uma espécie de anjo que carregava um arco e flecha na mão e as atirava em direção dos corações apaixonados.

Essa visão romantizada perdura até os dias atuais na cultura de massa e nas mídias de entretenimento dominando o simbolismo e a imagética sobre Eros.

Porém, para aprofundarmos o tema, cabe pensarmos como um dos grandes filósofos da antiga Grécia, Platão analisou o papel de Eros. No livro *Banquete* existe um encontro entre vários personagens que começam a esboçar explicações para a origem de Eros. Cada um possui uma originalidade, mas podemos apontar que Sócrates junto com a sacerdotisa Diotima como a principal conclusão da obra.

Nas palavras de ambos, Eros seria filho de dois deuses: de um lado Poros que podemos traduzir como recurso, e de outro, Pênia, que poderia se classificar como uma representação do simbolismo da pobreza. De uma breve intercessão dos dois nasceu o filho chamado Eros que herdou capacidades contraditórias dos pais, podendo ser ao mesmo tempo composto do que não tem e, também, portador da possibilidade de ser o recurso de ir em busca de algo.

Antes de avançarmos é necessário salientar que uma das características presentes em sociedades de funcionamento religioso mítico é possuir uma multiplicidade de narrativas para dirimir as distintas origens de suas divindades. Na explicação da teogonia de Eros proposta por Sócrates é exposto algo que podemos aproximar da ideia de desejo. Falar de desejo é transitar no campo da intensidade, acontecimento, e simultaneamente, da desmedida e do contraditório. Trata-se de uma força que simplesmente acontece, mas que não opera dentro do campo da racionalidade e da lógica.

O posicionamento de Eros como um ser incompleto e ao mesmo tempo como um ser que busca, revela a qualidade de intermediário, um “entre”. Isso o aproxima também com a ideia de desejo que já é tratada como um meio, ou uma espécie de atravessamento. Uma desmesura incapaz de ser contida entre limites definidos. É possível apontar que nos escritos de Platão podemos observar um sistema de pensamento em que Eros está inserido, onde este opera, dentro de uma ordem em direção ao belo como uma metafísica que lhe impõe um limite. Posteriormente se concluirá a ideia platônica de um Eros que é movimento em direção a algo tem um caminho teleológico definido em buscar a beleza, mas ao mesmo tempo, de não conseguir alcançá-la, pois esta seria de um tipo ideal.

Desta concepção que podemos definir como clássica e platônica podemos deslocar o papel de Eros para outras leituras, sobretudo, nos

desdobramentos encontrados no conceito de erótico. O Eros Platônico era um ser intermediário entre “não ter” e “buscar” e basicamente ganhou conotações de amor cortês ou idílico em algumas leituras e de desejo e volúpia em outras. Destes dois desdobramentos outros múltiplos surgiram e se adaptaram às variações culturais.

Já no século XX, um dos autores referenciais que abordou o tema foi o francês Georges Bataille em seu livro *Erotismo* publicado na década de cinquenta. Antes disso, já havia sido publicado pelo autor *História do olho*, em 1928, um romance autobiográfico que escreveu com o pseudônimo de Lord Auch e que causou enorme polêmica por seu conteúdo chegando a ser censurado em alguns países. É digno de menção que também foi desenvolvido o tema do *erotismo* nas páginas de outros livros, como por exemplo, quando Bataille analisou a noção de experiência em si.

Entretanto, o livro *Erotismo* é dedicado especialmente ao tema. Antes no século XX, Sigmund Freud já havia posicionado Eros como representante da Pulsão de vida, frente a Tanatos como a pulsão de morte. Apesar de ambas atuarem simultaneamente e de possuírem diferenças tênues, possuindo diversos pontos de contato, o autor austríaco optou por separá-las em campos específicos e autônomos. Bataille, em outra direção, abordara o erotismo como um misto de ambas.

Isso fica claro quando no início do livro o autor apresenta uma de suas principais teses exatamente no primeiro parágrafo quando diz “Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte.”¹. A argumentação será aprofundada em outras direções potenciais do erótico, mas um critério que deve ser valorizado na sua escrita é a capacidade de observar o erótico como algo capaz de atravessar o indivíduo e criar uma continuidade, até então perdida, e de como morte e vida assumem papéis metafóricos e transgressores nesse processo.

Neste caso, Eros cria uma conexão com o outro de forma sempre singular e envolvendo uma transgressão. É como se para Bataille existisse uma dinâmica de limites e de superação desses, constantemente. Contudo, essa forma de superação empregada na transgressão, nem sempre deve ser vista como

¹ O erotismo P. 10

pacífica ou mensurável, mas também, como possivelmente violenta com capacidade de abalar estruturas.

Podemos deslocar e ampliar esse debate acrescentando um elemento presente e desenvolvido por Michel Foucault e que pode corroborar para essa discussão que é biopolítica. Esse conceito remete que a noção de poder atua em seu primeiro plano diretamente nos corpos, o que é nitidamente perceptível na dinâmica do erotismo.

São nos corpos que a política atravessa com inúmeros poderes e onde se materializam seus principais resultados. E são exatamente nos corpos que o erotismo parece atingir seu maior protagonismo. Eros, ou seu derivativo erótico, é um deus que exige que pensemos ou discutamos sobre o que é o corpo.

Uma erótica da arte

Ao apontar que era necessário ocorrer uma “erótica da arte” dentro dos domínios da crítica especializada, a pensadora Susan Sontag, salientou justamente o excesso de interpretações, e o pouco uso da sensibilidade para avaliarmos os objetos artísticos. O ato de pensar, aqui sob o ponto de vista de análise cartesiano, não poderia ser um substituto do que a presença, e por desdobramento, o corpo, poderia pressentir.

Dito isto, o que geralmente é encapsulado na expressão “arte erótica” e que parece formar em diversos casos um grupo dentro da história da arte, merece uma revisão epistemológica, para um melhor uso e adequação do termo. Quando se diz que algo é “erótico” existe um conglomerado de significados e sentidos semânticos que o epíteto transporta e que personaliza ao que consideramos como “objeto erótico” ou “arte erótica”. Isso significa que a própria natureza do que consideramos como “erótico” possui dimensões que perpassam para quem o enuncia, ou seja, quem diz que algo é erótico tem um papel preponderante na definição do termo, ficando o restante a cargo do contexto cultural de aplicação.

Se esboçarmos uma epistemologia de Eros poderíamos o situar como encontrado em qualquer acontecimento da existência humana. Porém, algumas construções culturais criaram associações ao termo como articulá-lo à sexualidade, ou mesmo, à ideia de nu, que merecem sempre um cuidado especial para não reduzir o erótico a formalidades fechadas. Uma dessas, foi a

que separa de um lado “arte erótica” e de outro “pornografia”. Um dos autores que investiram em uma separação entre os campos foi Roland Barthes que escreveu no seu livro *A Câmara Clara*:

Uma outra foto unitária é a foto pornográfica (não digo erótica): a erótica é um pornográfico desviado, fissurado. Nada de mais homogêneo que uma fotografia pornográfica. É sempre uma foto ingênua, sem intenção e sem cálculo. Como uma vitrine que mostrasse, iluminada, apenas uma única joia, ele é inteiramente constituído pela apresentação de uma única coisa, o sexo: jamais objeto segundo, intempestivo, que venha ocultar pela metade, retardar ou distrair.²

Publicado nos anos setenta, o livro *A câmara clara* cria uma separação, e por derivação, uma hierarquização entre os termos. Ao contrário do erótico, que seria algo que envolveria mostrar e esconder e que lidava com a manifestação, o pornográfico seria algo que mostraria tudo em primeiro plano de forma explícita e sem nenhum disfarce. Por isto, na citação acima, o autor Roland Barthes tentou caracterizar a foto pornográfica como uma imagem de visibilidade extrema. Nela, nada é feito para retardar, ou distrair, e sim, para mostrar e intensificar sem deixar nenhuma possibilidade de escapatória do espectador.

Essa mesma linha limítrofe entre os campos do pornográfico e da arte erótica seria questionada por Susan Sontag ainda nos anos setenta. Para ela, a história da arte deveria incorporar o pornô e não o tratá-lo como um polo oposto e pejorativo. Dito isto, deve ser salientado que a proposição da pensadora está focada em deslocar as cargas semânticas que esses termos possuem socialmente, mantendo o papel da crítica operacionalizando sob ambos. Na citação abaixo podemos observar brevemente uma síntese do argumento:

O que faz de uma obra de pornografia parte da história da arte, ao invés da pura escória, não é a distância, a superposição de uma consciência mais conformável à da realidade comum sobre a "consciência desordenada" do eroticamente obcecado. Em vez disso, é a originalidade, a integridade, a autenticidade e o poder dessa própria consciência insana, enquanto corporificada em uma obra. Do ponto de vista da arte, a exclusividade da consciência incorporada nos livros pornográficos não é, em si mesma, nem anômala, nem antiliterária.³

² BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. P. 67

³ SONTAG, Susan. "A Imaginação Pornográfica". P.52

Sontag demarca que a singularidade presente em uma obra pornográfica é capaz de possuir traços como a originalidade, a integridade, a autenticidade, que devem ser levadas em conta na promoção da pornografia como pertencente ao campo da história da arte. Em outras palavras não existiria uma antítese, ou polarização entre os termos, mas sim, diferenças que não são capazes de anularem suas particularidades.

Se trouxermos a discussão para os dias atuais, mais especificamente para as últimas duas décadas, o debate sobre arte erótica e pornografia tem tido uma aproximação gradativa com as discussões desenvolvidas por membros da arte *queer*, tanto artisticamente, quanto teoricamente. O movimento intitulado “pós-pornô” ou “pós - pornografia” é um exemplo dentro do universo das artes que tem avançado nesse tópico na construção artística em diversos suportes, tendo como principal argumento, explorar novas narrativas e linguagens presentes na pornografia, com o intuito de discutir temas ligados ao corpo.

Trata-se de um movimento polifônico e que se fragmenta em distintas linhas de atuações. No Brasil alguns artistas ganharam visibilidade em performances que apareceram no decorrer dos protestos políticos de 2013 como o Coletivo Coyote no Rio de Janeiro. No plano teórico o filósofo espanhol Paul B. Preciado tem servido como uma das principais referências teóricas e investigado questões relacionadas ao corpo em seus livros, tendo dedicado várias linhas em criticar e analisar as aproximações da pornografia no universo cultural contemporâneo.

Conclusão:

A conclusão que podemos chegar após a travessia desse texto é que o erótico é uma dimensão intrínseca da existência humana e que as artes, e outras formas de investigação tem pesquisado e explorado como campo de conhecimento. Por ser caracterizado como transgressor, ou existir prescindido de interdições para o superá-lo, o erótico é capaz de produzir cultura, e esforçar, e fazer com que a imaginação vá além.

É nesse esforço de árdua tarefa e prazer que os artistas presentes nesse catálogo procuraram pensar, sentir e criar tendo o erótico como um eixo de orientação, ou mesmo de desorientação. São trabalhos múltiplos, distintos, e que abordam o tema de maneira subjetiva e sofisticada realizando percursos cada

qual à sua maneira e subjetividade. Realizo por fim, o convite, de que assim como o ser transgressor do erótico procura se elevar sempre em direção à expansão, ou à desmesura, que se caminhe nas próximas páginas transgredindo seus próprios limites.

Bibliografia

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 2. ed. Lisboa: Moraes, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. 11. ed. -. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

PLATÃO. **O banquete, ou, Do amor**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SONTAG, Susan. "A Imaginação Pornográfica". In: **A vontade Radical**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

Da cômte ao corte de amor?

Ensaio sobre a ética e a estética da erótica do sujeito contemporâneo no Brasil⁴

Gloria Georgina Seddon

Psicanalista, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, Especialista em História da Arte e da Arquitetura no Brasil. Doutora em História Social da Cultura.

Um novo cenário amoroso

Se até meados do século XX, o cenário amoroso no Brasil era ocupado quase com exclusividade pelo casamento monogâmico tradicional e o estilo de namoro que o precedia, a partir dos anos 1960 essas formas amorosas viram-se obrigadas a compartilhar e até disputar esse cenário, com novas formas de relacionamento erótico, que desde então vêm roubando a cena.

A revolução sexual, como foi denominado esse novo cenário amoroso, foi e é vista em muitos casos como um caos moral que invadiu toda a sociedade. A mulher seria, dentro dessa visão, a grande responsável por esse caos. Mesmo no ambiente psicanalítico, ouviu-se e ainda se ouvem vozes que fazem referência a uma sociedade decadente, banal, sombria e violenta, atribuídas a essa liberdade sexual. Vozes que exigem uma posição por parte da sociedade civil, no sentido de criarem-se formas sublimadas que dela deem conta civilizadamente. Porém, para começar, devemos lembrar o que disse Lacan a respeito:

O campo da vida erótica, que representa apenas um capítulo da vida sexual do ser humano — como Freud esforçou-se em demonstrar — tem sido pouco estudado depois de Freud. [...] Por que a análise, que forneceu uma mudança de perspectiva tão importante sobre o amor, colocando-o no centro da experiência ética, que forneceu uma denotação original, certamente distinta do modo pelo qual o amor até então fora situado pelos moralistas e pelos filósofos na economia da relação inter-humana, por que a análise não foi mais longe no sentido da investigação daquilo que deveremos chamar,

⁴ Este trabalho é um resumo e uma atualização do que foi publicado anteriormente na Revista Controvérsias em Psicanálise, Publicação Oficial do Centro de Ensino, Pesquisa e Clínica em Psicanálise – CEP COP-USU. Editora da Universidade Santa Úrsula, Ano 2. N.1.ISSN.1516-2184, 2000a. Tratava-se de uma síntese de minha Dissertação de Mestrado *A ética da erótica*, defendida na PUC/RJ, em 1991. Foi apresentada em 1991, no Evento Comemorativo “15 anos CEP COP”, com o nome “Vida erótica contemporânea: ética e estética”.

propriamente falando, de uma *erótica*? Isto é coisa que merece reflexão. (LACAN, 1959-1960: 18, grifo meu).

Começando a refletir então: que conceito de “erótica” era esse? O que seria essa nova erótica e quais seriam os mecanismos inconscientes ativos no sujeito contemporâneo, que determinariam essas novas formas de relacionamento sexual e amoroso entre o homem e a mulher?

Da vida amorosa à erótica

Segundo Freud, o *protótipo de toda relação de amor é “uma criança que suga o seio de sua mãe”, e “o encontro do objeto é, na realidade, um reencontro dele”*. (FREUD, 1905, 229; grifos meus).

O ser humano aprende a se reconhecer nos seres humanos porque “um objeto semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório [do sujeito], seu primeiro objeto hostil e também sua única força auxiliar” (FREUD, 1895: 438). O *próximo* é “uma outra pessoa pré-histórica, inesquecível, que nunca é igualada por nenhuma outra posterior” (FREUD, 1896: 324).

O *primeiro gozo — das Ding —* do qual advém uma sensação de completude é fruto desse encontro com o Outro, representante do social. *Das Ding, perde-se para sempre, e o vazio deixado passa a funcionar como referência, como limite, como barreira* para a organização psíquica do *sujeito desejante*. Do primeiro encontro com o próximo surge o sujeito desejante, a partir da referência do gozo.

Um *mal-estar* toma conta do sujeito, que então inventa diferentes formas para dele desfazer-se, guiando seu desejo por essa referência, surgindo dessa forma sua *ética*. Diz Freud: “o *desamparo inicial* dos seres humanos é a fonte primordial de *todos os motivos morais*” (FREUD, 1895: 402, grifos meus).

A *vida amorosa* é um dos caminhos para recuperar a completude perdida, para *fazer um a partir de dois* (FREUD, 1929:129; grifos meus), isto é, tomar partes do outro para completar-se.

O campo da vida amorosa é, no entender de Freud, aquele que mais felicidade pode proporcionar ao ser humano, por ser o que se encontra na

origem de sua própria vida psíquica. Mas é, na mesma medida, o que mais infelicidade lhe pode acarretar, caso seja tomado como fonte única de felicidade (FREUD, 1929: 122).

Lacan considera que o objetivo da vida erótica é transformar o mal-estar em bem-estar, ou, melhor ainda, transformar “seu mal” em “seu bem”. Diz Lacan que a *erótica* tem a ver com “o que podemos fazer desse *dano* [mal-estar] para transformá-lo em *dama*, em nossa dama” (LACAN, 1959-1969: 107; grifos meus).⁵

Foi esta conceituação de Lacan sobre a erótica, que tomamos como bússola para orientar nossa pesquisa, nossas descobertas e no aprofundamento na análise da nova erótica.

Assim, o mal que é produzido pela perda do primeiro encontro amoroso é, no campo erótico, *deslocado pelo sujeito, de si próprio, para o objeto amoroso e*, uma vez localizado por essa via no outro, o sujeito esforça-se para transformá-lo em bem, através do que demos em chamar, de *trabalho erótico*. Na procura da completude pela vida amorosa, o sujeito sente-se *atraído e repellido*, a um só tempo, em relação ao objeto amoroso.

Freud considera, ao analisar o casamento monogâmico, que as *restrições de ordem moral impostas pela sociedade são mais respeitadas pelas mulheres e*, de modo geral, *transgredidas pelos homens* (FREUD, 1912a: 170; grifos meus).

Lacan, indo além, considera que é a partir da transgressão, que surge a erótica: “Temos de explorar aquilo que o ser humano, ao longo dos tempos, foi capaz de *elaborar que transgredisse essa Lei*, colocando-o numa relação com o desejo que ultrapassasse esse vínculo de interdição e introduzisse, *por cima da moral, uma erótica*” (LACAN, 1959-1960: 106; grifos meus).

Ética e estética da erótica

A *ética* da vida erótica diria então, respeito à regulação do jogo com os tempos e espaços, às distâncias e proximidades do sujeito desejante em

⁵ Cabe aqui, passados tantos anos, chamar a atenção para a visão masculina de Lacan, sobre a erótica, quando fala em “dama”. Nota de 2018.

relação ao objeto desejado, que poder-se-ia confundir com o primeiro gozo e com a interdição dele decorrente. A suspensão do desejo antes da legalização da relação, como ocorre no casamento tradicional, tem implícita uma obediência à lei, e fala de uma atitude moralista. A transgressão da lei produziria o surgimento de uma ética erótica na vida amorosa.

A *estética* da vida erótica seria a forma segundo a qual a vida amorosa, pelas vias do significante, regida pela ética de um determinado sujeito, produz um efeito sensitivo – visual, auditivo, olfativo, gustativo e tátil – traduzindo-se no social por diversos tipos de relacionamentos que podemos considerar “formas imaginárias”.

De um lado, o casamento tradicional com seus passos, normas sociais e formatos repetitivos — o namoro, o noivado, o vestido de noiva, a festa de casamento, a lua de mel — e do outro, os relacionamentos modernos, com uma estética informal, curta, crua e imprevisível, abrindo a possibilidade de diversas formas imaginárias, o que nos permite falar de uma estética, de por certo, mesmo que muito diferente, em cada caso.

Eróticas e eróticas

Podemos afirmar ainda, que cada ser humano possui uma ética própria para relacionar-se amorosamente, isto é, possuiria então, uma erótica própria. É inegável, como já vimos, porém, a existência de formas amorosas próprias de uma certa sociedade e de uma certa época.

Freud elaborou conceitos que permitem a análise da vida amorosa, como o conceito de pulsão. Para chegar ao que a pulsão tem de universal, Freud comparou a vida amorosa dos antigos gregos — onde se glorificava a pulsão sexual em si — com a vida amorosa que lhe era contemporânea, em que a glorificação recaía no objeto sexual. O elemento comum aos dois tipos de vida amorosa é a existência da glorificação (FREUD, 1905: 150), que se pode melhor entender como *valorização* e que, em cada sociedade, incidiria com maior intensidade sobre um elemento em detrimento de outros.

[...] se não se limita a liberdade sexual desde o início, o resultado não é melhor. Pode-se verificar, facilmente, que o *valor psíquico das necessidades eróticas* se reduz, tão logo se tornem fáceis suas satisfações. *Para intensificar a*

libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outras, convencionais, a fim de poder gozar o amor. Isto se aplica tanto aos indivíduos como às nações. Nas épocas em que não havia dificuldades que impedissem a satisfação sexual, como, talvez, durante o declínio das antigas civilizações, o amor tornava-se sem valor e a vida vazia; eram necessárias poderosas formações reativas para restaurar os valores afetivos indispensáveis. Nessa conexão, pode-se afirmar que a corrente ascética da Cristandade criou valores para o amor que a antiguidade pagã nunca fora capaz de lhe conferir. (Freud, 1912a: 170; grifos meus).

Casamento monogâmico tradicional: uma côrte de amor

Freud estudou exaustivamente o casamento monogâmico em muitos de seus textos e o considerava a forma mais representativa do estágio da moral “sexual civilizada”, porque é produtor de um tipo de estrutura de relacionamento e de postura do homem e da mulher em relação à lei vigente no social

Ao descrever as características do casamento em sua época, nos legou uma visão sobre a vida amorosa da Viena do fim do século que se depreende nitidamente da leitura de alguns de seus textos, cuja estrutura decidimos chamar, pelo que tem de semelhante, de amor cortês ou da côrte de amor.

A primeira característica do casamento monogâmico é a *exigência, pela sociedade, de um tempo de espera entre a maturidade e a atividade sexual*, atividade esta que está a serviço da reprodução (FREUD, 1929: 125; grifos meus).

Essa espera tem como objetivo uma restrição ao gozo de ambos os parceiros, e como consequência um mal-estar específico.

A segunda característica é que *essa restrição, apesar de ser exigida a ambos, é respeitada, apenas pelas mulheres, e transgredida pelos homens, de um modo geral* (FREUD, 1912a: 170).

No casamento, o homem cultiva a vida social e intelectual, a mulher recria sua afetividade no âmbito do lar: o homem, conquistador e a mulher, receptiva, formam, juntos, supostamente um único ser. A estética torna-se

harmônica e estável, levando a pensar na ilusão de uma complementação biológica e social eterna.

Mas toda estética é produto de uma ética. A que *ética* corresponde a beleza estética dessas formas imaginárias que são o namoro e o casamento tradicionais?

Segundo Freud, a moral sexual dupla é “a melhor confissão de que a própria sociedade não acredita que seus preceitos possam ser obedecidos” (Freud, 1908a: 200). Destaca ainda Freud um comentário de Von Ehrenfels (1907) que considera que “essa moral ambígua não pode levar muito longe o ‘amor à verdade, à honestidade e à humanidade’, e deverá induzir seus membros [da sociedade] à ocultação da verdade, a um falso otimismo e a enganarem a si próprios e aos demais” (Freud, 1908a: 187-188).

Erótica do companheirismo

Mudanças econômicas, científicas, tecnológicas e sociais profundas, entre as quais a necessidade do ingresso da mulher no mercado de trabalho, a invenção das pílulas anticoncepcionais, a difusão da ideia de controle de natalidade e o surgimento de movimentos libertários, igualitários e antibelicistas contra a discriminação racial, sexual e social, conduziram à liberação das amarras que reprimiam até então a mulher. E veio o que se denominou a *revolução sexual da mulher*.

A estética dos anos de 1960-70 é de casais abertos, de grupos que realizam amor livre. Da valorização da família, passou-se a valorização do casal ou grupo. Homem e mulher confiam no parceiro. As correntes de ternura canalizam-se mais pelo amor-dom ou companheiro do que pelo amor-ágape. O ideal de lealdade e de expressão sincera de sentimentos veio substituir o de fidelidade. As exigências são dirigidas ao/à companheiro/a, que agora encarna em sua pessoa a lei.

A revolução sexual aconteceu dentro de um clima de defesa de novos valores para o relacionamento sexual. A ética que guiou e guia essa revolução é de *amor à verdade*. Desta forma, a consequência imediata é que tanto o homem como a mulher possam exercer sua liberdade sexual em iguais

condições. A expressão sincera e clara de sentimentos, a confiança e o companheirismo são consequência necessária de tudo isso.

Como anunciou Freud, uma vez que os obstáculos à sexualidade desaparecem ou se tornam insuficientes, constroem-se outros. Em um primeiro momento, quando à sociedade não é mais atribuída a função de regulamentar os relacionamentos amorosos, *a lei* deixa de ser exercida por um terceiro para ser implementada pelos *próprios participantes do jogo amoroso*, produzindo-se uma mudança na estrutura da relação. Daí a confissão mútua.

A erótica, nesta fase, é produto da ética de *sujeitos*, cada um com seus desejos. As técnicas utilizadas são as *técnicas eróticas de transgressão*, que vão direto ao ato sexual. Só depois, em *um segundo momento*, vem o relacionamento. Não há mais definição de passos consecutivos e rígidos, e denominações como namoro e casamento perdem sentido.

Caem por terra os tabus que cercavam a mulher e certos ideais sociais que eram produto de repressão da mulher pela sociedade, uma vez que ela se torna dona de sua sexualidade: as mulheres estão livres de barreiras e não são mais classificadas de acordo com qualquer tipo de atitude sexual. A fidelidade, a monogamia, o compromisso social, o registro de casamento, a família e até a procriação, como ideais, passam a ser questionados.

A proposta teórica de compartilhar tudo com o ser amado — as correntes pulsionais sensuais e de ternura devem estar voltadas para o parceiro em primeiro lugar — viu-se minada, na prática, pelos valores tradicionais ainda ativos nos homens e nas mulheres, com estas posando ainda de frágeis e os homens de poderosos. Muitos viram, nessa fase da erótica, um “conto do companheiro... ou da companheira”.

O corte de amor?

Passado o momento de mania, a falta aparece e, não havendo consenso em relação a qual é a parte “frágil” na relação, estabelece-se um jogo de forças que, no discurso de divulgação “sociológico”, ficou conhecido como a “guerra entre os sexos”. O igualitarismo leva a tensões dentro da relação que estimulam as separações e os inúmeros tipos de relacionamentos diferentes que têm surgido nos últimos anos. A cantada, quase como uma bofetada, é

uma provocação mútua em que ora o homem seduz a mulher, ora a mulher seduz o homem, ambos em igualdade de condições. O que temos assistido é a uma erótica em que “a cômica de amor” é praticamente inexistente, produzindo-se assim um novo efeito estético: o do “corte de amor”.

Ora ganha um, por assim dizer, que passa a representar a potência, ora ganha o outro, estabelecendo-se desse modo uma dinâmica instável na relação, que põe fim às relações “eternas”. O amor da primeira fase desta erótica pode reverter-se em ódio, e uma virada súbita leva de acreditar plenamente no outro a acreditar-se só em si mesmo. Passando-se do companheirismo ao individualismo.

Ao companheirismo utópico, guiado por uma ideologia feminista, segue-se um movimento de retorno a valores machistas que pretendem voltar, não mais à família, mas a uma exacerbação do cinismo, que atinge dessa vez não apenas os homens, mas também as mulheres.

Alguns homens que se sentem atacados pessoalmente reagem de forma machista às propostas feministas do companheirismo, tornando-se conhecidos como “cafajestes”. Algumas mulheres — denominadas “mulheres fálicas” —, também, radicalizam os mecanismos feministas, passando a perceber os homens como inimigos, não podendo reconhecer a falta em si próprias. A guerra se declara: são feministas contra machistas; machistas contra feministas. Nesse grupo, é comum que mecanismos de *sedução perversa* (BOONS, 1987: 94-106) ou de hostilidade mútua sejam utilizados tanto por homens como por mulheres para conquistar e logo abandonar o outro, como quem se está vingando.. Em verdade, cada um vê o outro como um inimigo muito poderoso, que merece ser destruído.

Uma vez liberadas as amarras sociais e findo o consenso de que a mulher representa a falta, a não-elaboração da diferença sexual fica, por assim dizer, “solta”, sobrevivendo os horrores de uma guerra na qual as mulheres representam a falta para os homens, mas os homens representam a falta para as mulheres. Aqui a falta aparece nua, sem as maquilagens do amor cortês: é o *corte de amor*.

Nesta erótica, há uma grande luta para cada um fazer prevalecer seus pontos de vista à força: a mulher, o igualitarismo, que confunde muitas vezes a diferença social com a diferença sexual; o homem, a hierarquia, que confunde

a diferença sexual com a diferença social. De um modo geral, nem homens nem mulheres conseguem lidar com a diferença sexual.

Poiesis de amor

Depois da derrubada do companheirismo utópico, algumas poucas mulheres perceberam que a batalha estava perdida, mas que a causa era nobre. A decepção as fez crescer psiquicamente, desenvolvendo-se nelas a capacidade de sublimação e fortalecendo-se uma ética de amor à verdade, contra a dupla moral. Alguns homens sentiram-se identificados com essa proposta e a levam adiante até hoje. Ao haver um deslizamento de barreiras de repressão social há uma produção nova de valores amorosos, de criação de obra poética — *Verdichtung*.

Trata-se de um encontro amoroso com formas mais elaboradas e singulares, que passam por uma conscientização da falta, no homem e na mulher, por meio do mecanismo psíquico de juízo de condenação — *Verurteilung* —, regido pelo processo secundário e que possibilita a vida amorosa de forma mais racional, sem que fique esquecido o lado afetivo.

Há espaço para que os dois sujeitos assumam seus desejos, o que já traduz um grande avanço em relação às fases anteriores. Esta erótica é guiada por uma *ética de desejo* (LACAN, 1959-1960: 373-390) de ambos os parceiros, em que os dois tentam lidar da melhor forma possível com a diferença sexual anatômica, numa situação de direitos sociais simétricos.

O companheirismo e o respeito são possíveis, não através de um processo guiado pelo processo primário regido pelo princípio do prazer, mas graças a um processo secundário de elaboração da diferença sexual que permite perceber que o perigo não está na mulher, ou no homem, mas dentro de cada um de nós, no mal que nos habita.

A erótica do corte de amor teve lugar graças ao peso social crescente das mulheres e de seus ideais éticos, calcados no mundo afetivo ao qual sempre ficaram relegadas: é a proposta de amor à verdade com o intuito de atingir, por sobre todas as coisas, uma simetria, contrapondo-se ao mundo tradicional, guiado pelos ideais éticos dos homens, calcados no mundo social, de ocultação da verdade para disfarçar a assimetria. Nesse sentido, não há

dúvida de que as mulheres trouxeram o elemento de desestabilização da relação, mas é inegável o aporte do *novo*.

Referências Bibliográficas

BOONS, Marie Claire (1987). “Da sedução entre homens e mulheres; uma abordagem lacaniana”. In Carmen Da Poian (org.), *Homem-mulher, abordagens sociais e psicanalíticas*. Rio de Janeiro, Taurus, 1987.

FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. *Obras Completas*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1896). Carta 52. *Obras Completas*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras Completas*, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1908a). Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna. *Obras Completas*, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. *Obras Completas*, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1910). Um tipo especial de escolha de objetivo feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I). *Obras Completas*, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1912a). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (Contribuições à Psicologia do Amor II). *Obras Completas*, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1912b). Recomendação aos médicos que exercem a psicanálise. *Obras Completas*, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1977,

_____ – (1913). Totem e tabu. *Obras Completas*, vol. XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Freud, Sigmund (1914). Sobre o narcisismo: Uma Introdução. *Obras Completas*, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1918). O Tabu da virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III). *Obras Completas*, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1927). Futuro de uma ilusão. *Obras Completas*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1929). Mal-estar na civilização. *Obras Completas*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1931). Sexualidade feminina. *Obras Completas*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ – (1933). Feminilidade — Conferência XXXIII: In Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise”. *Obras Completas*, col. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

LACAN, Jacques-Alain (1959-1960). *O seminário — Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

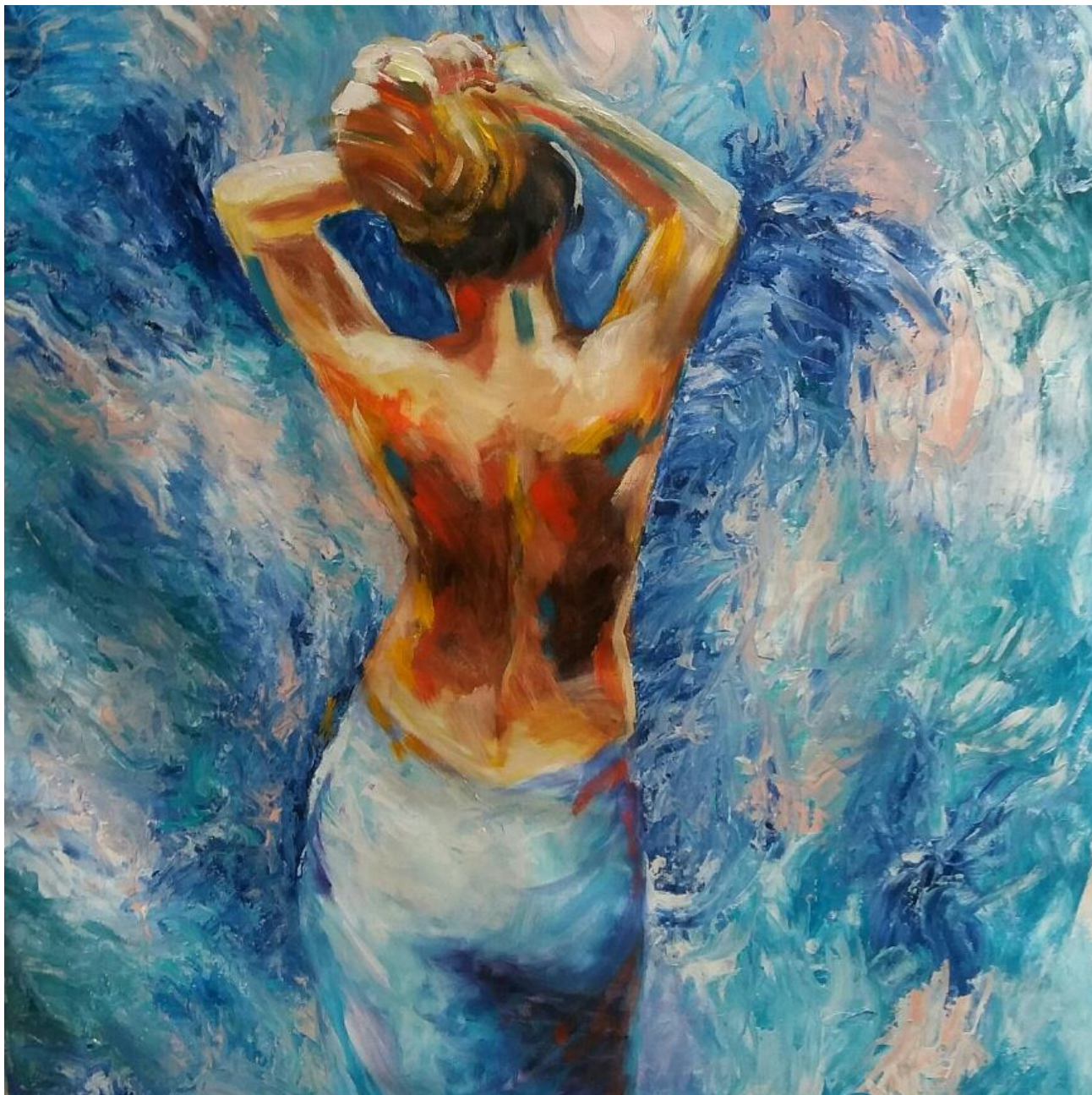
SEDDON, Gloria Georgina (1991) *A ética da erótica*, dissertação de Mestrado, PUC/RJ. Rio de Janeiro, março de 1991.

Abraham Alcaim



Sensualidades Cariocas; acrílica s/ tela; 70 x 50 cm

Adriana Brito



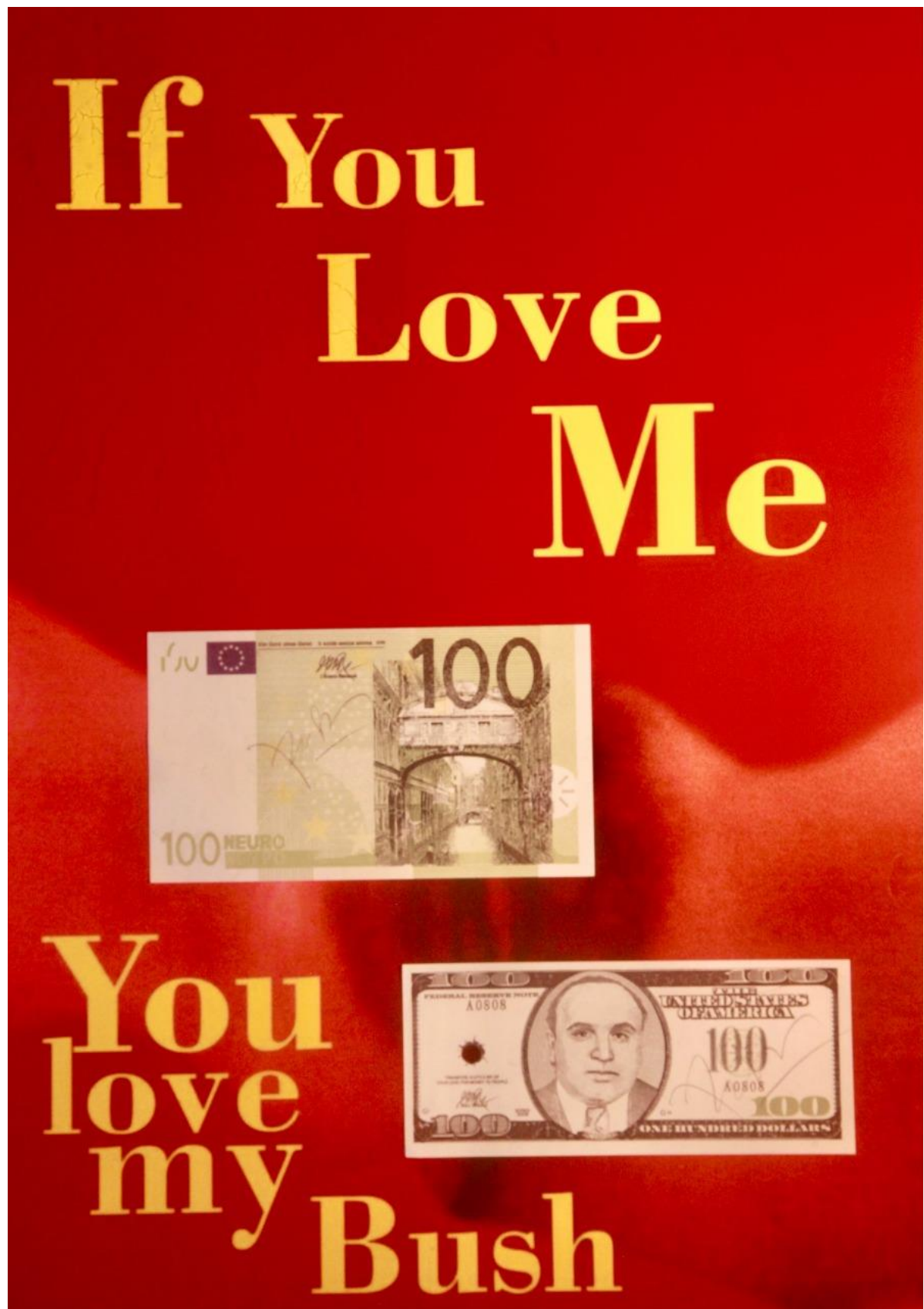
Insólito; acrílica s/tela; 100 x 80 cm

Alê Silva



Black Lives Matter; fotografia digital; 29 x 42 cm; edição: 1/10; 2020

Aleteia Daneluz e Bosco Renaud



Dinheiro e sexo; fotografia impressa, dólar furado e neuro, impressão em talho doce; 30 x 42 cm; 2021

Alzira Judice



Lilium; acrílica s/tela; 20 x 30 cm; 2020

Ana Cristina Teixeira



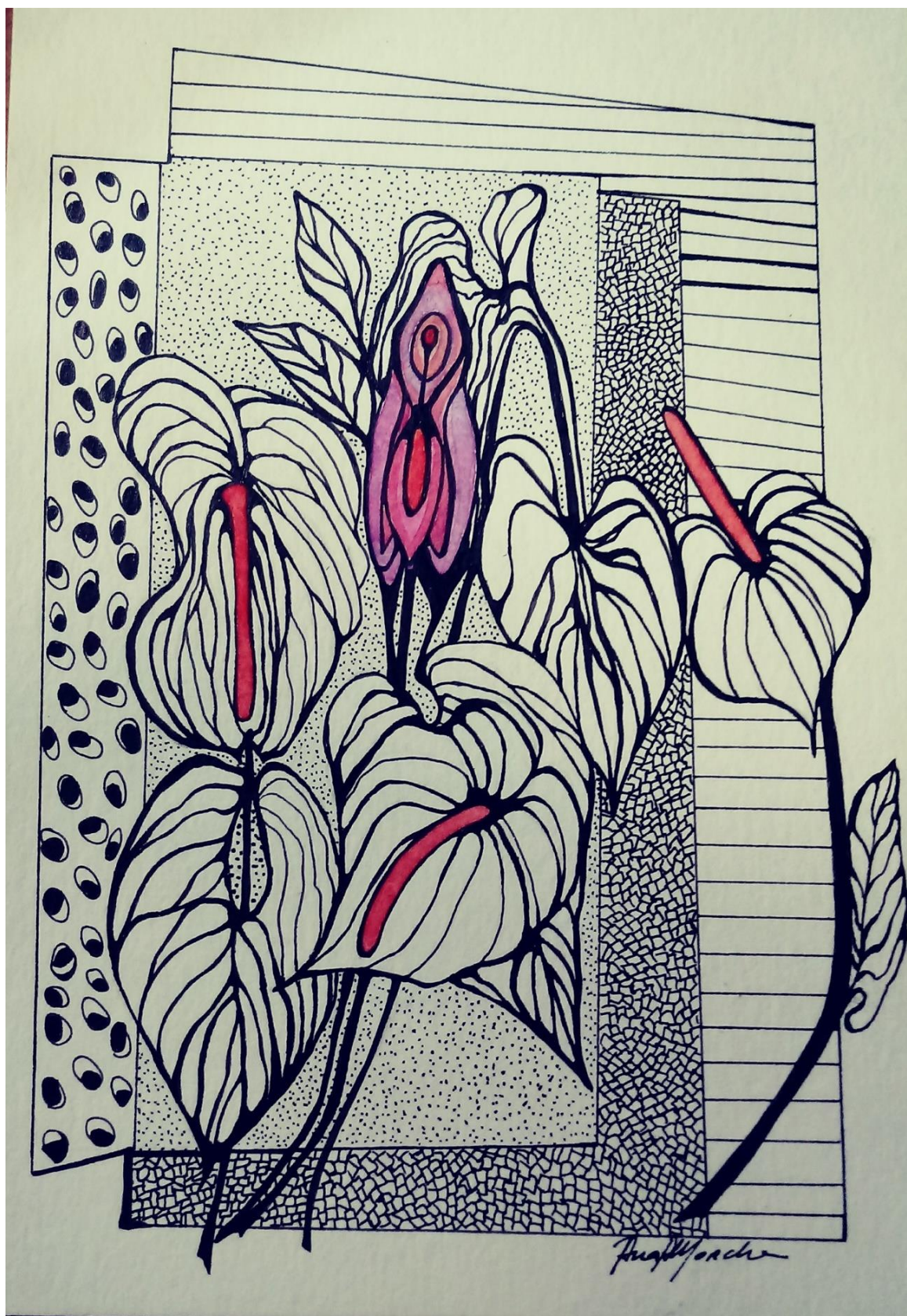
Priapo; acrílica e colagem sobre papel Hahnemühle; 30 x 40 cm; 2020

Ana Luiza Mello



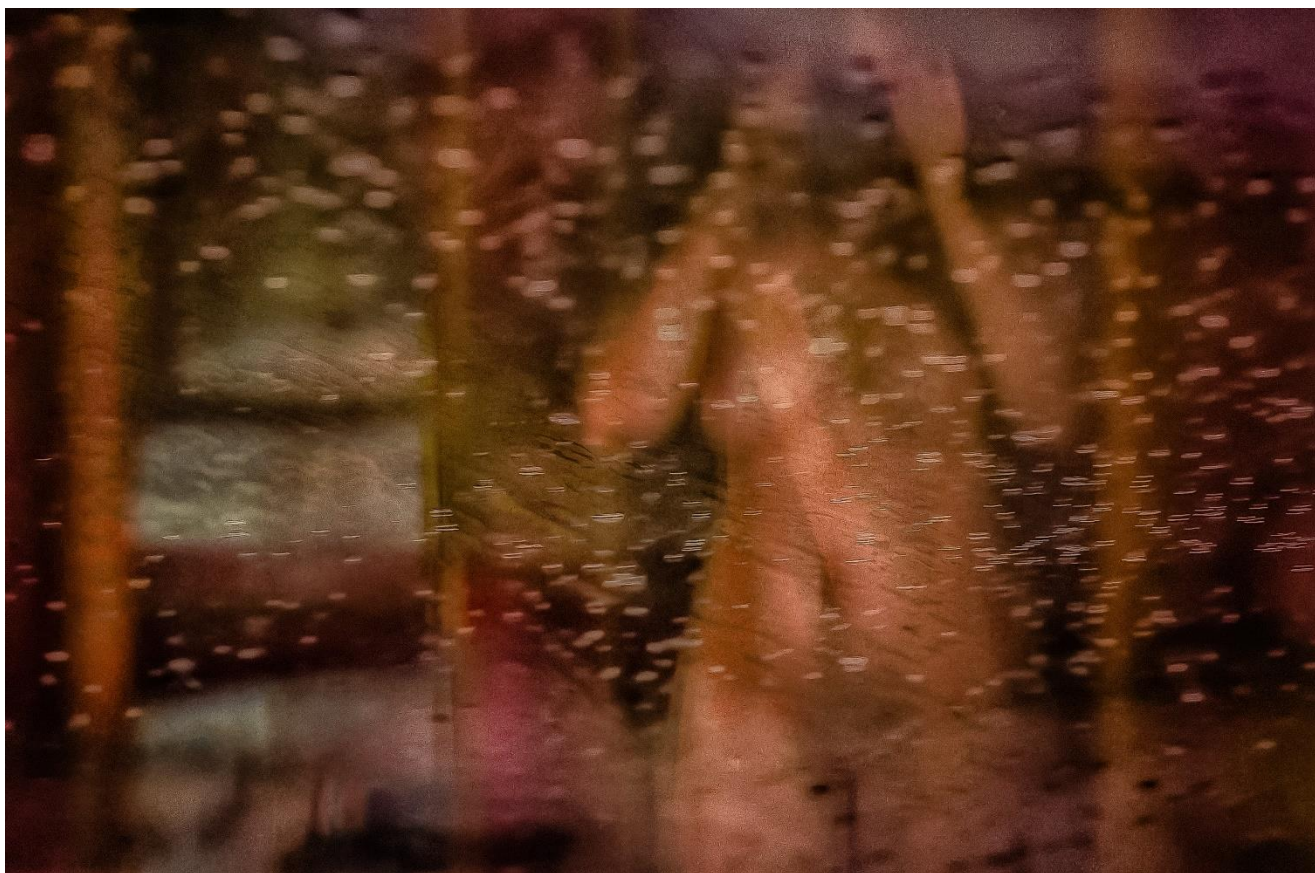
Energia vital; acrílica s/tela; 30 x 30 cm; 2021

Ana Morche



Calma... que eu tô chegando!!!; técnica mista s/ papel Hahnemuhle; 20 x 30 cm; 2020

Ana Pose



Deixa eu te ver; fotografia, impressão fine art com pigmento mineral s/ papel;
tiragem 1/7; 60 x 40 cm; 2020

Ana Schieck



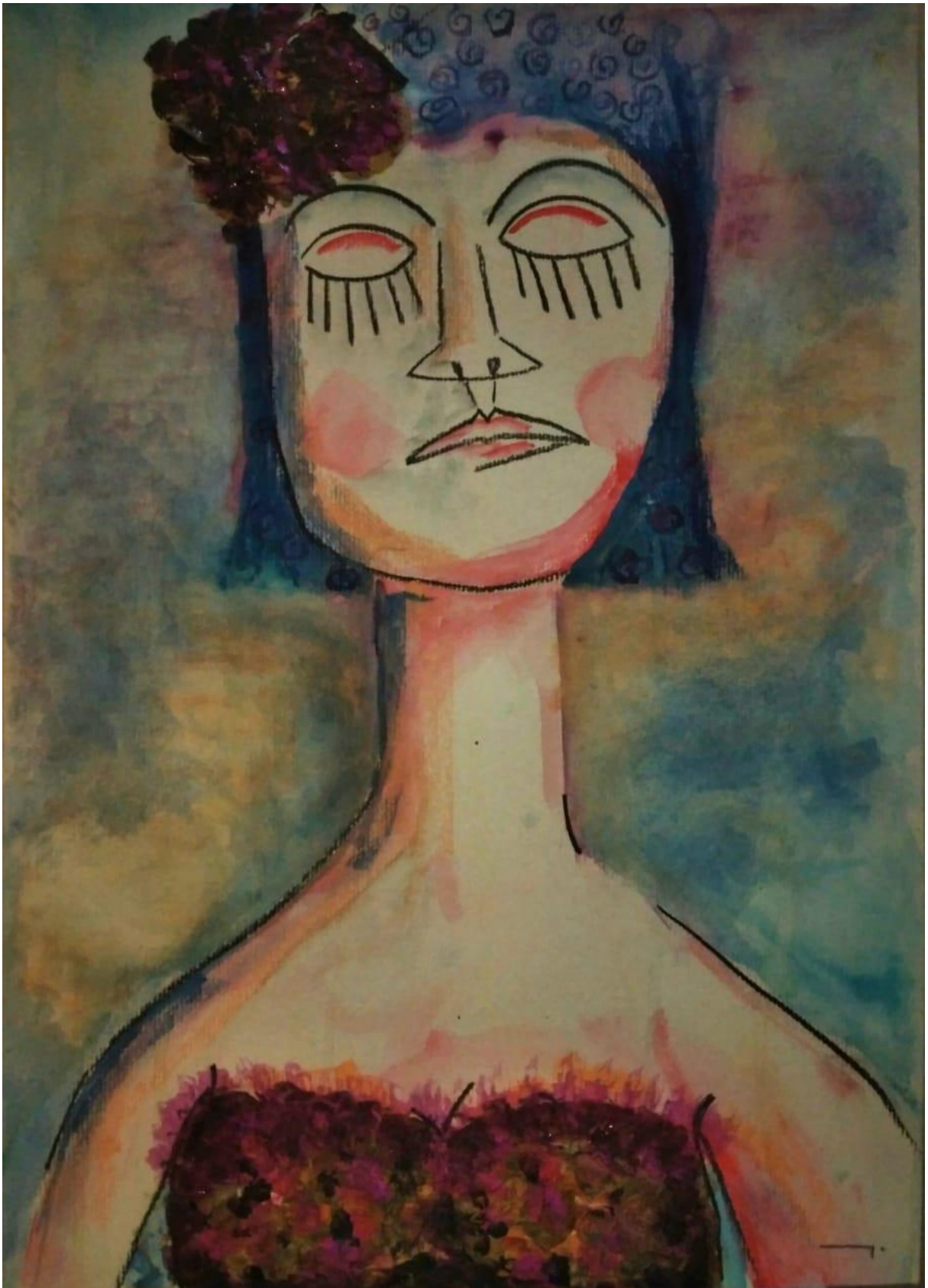
La Peur; grafite e aquarela s/ papel; 29,5 x 41,5 cm; 1995

Analu Nabuco



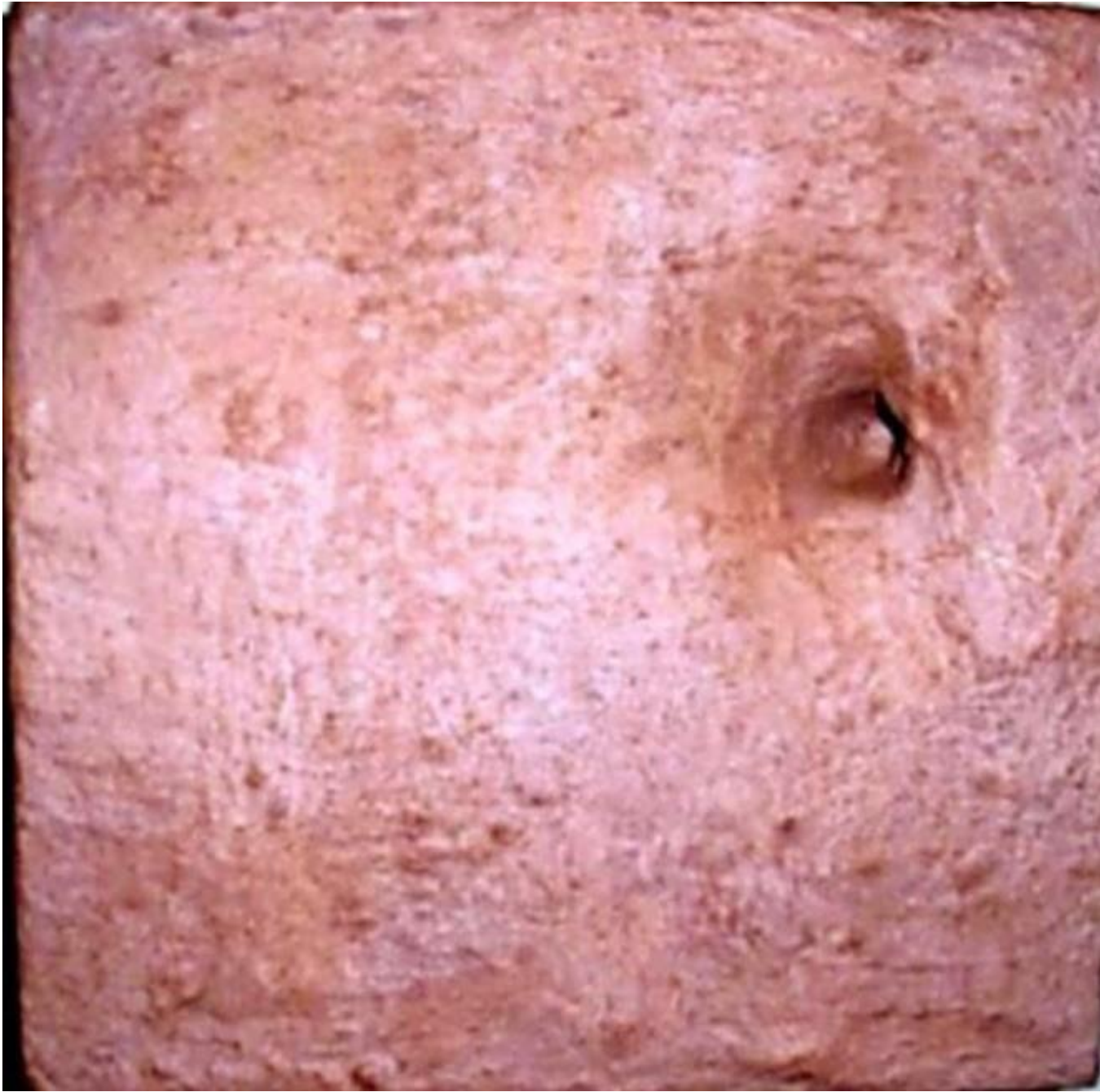
Vermelho; objeto técnica mista, livro, couro, mão de madeira c/anel de metal;
23 x 11 x 20 cm; 2020

Anderson Tibau



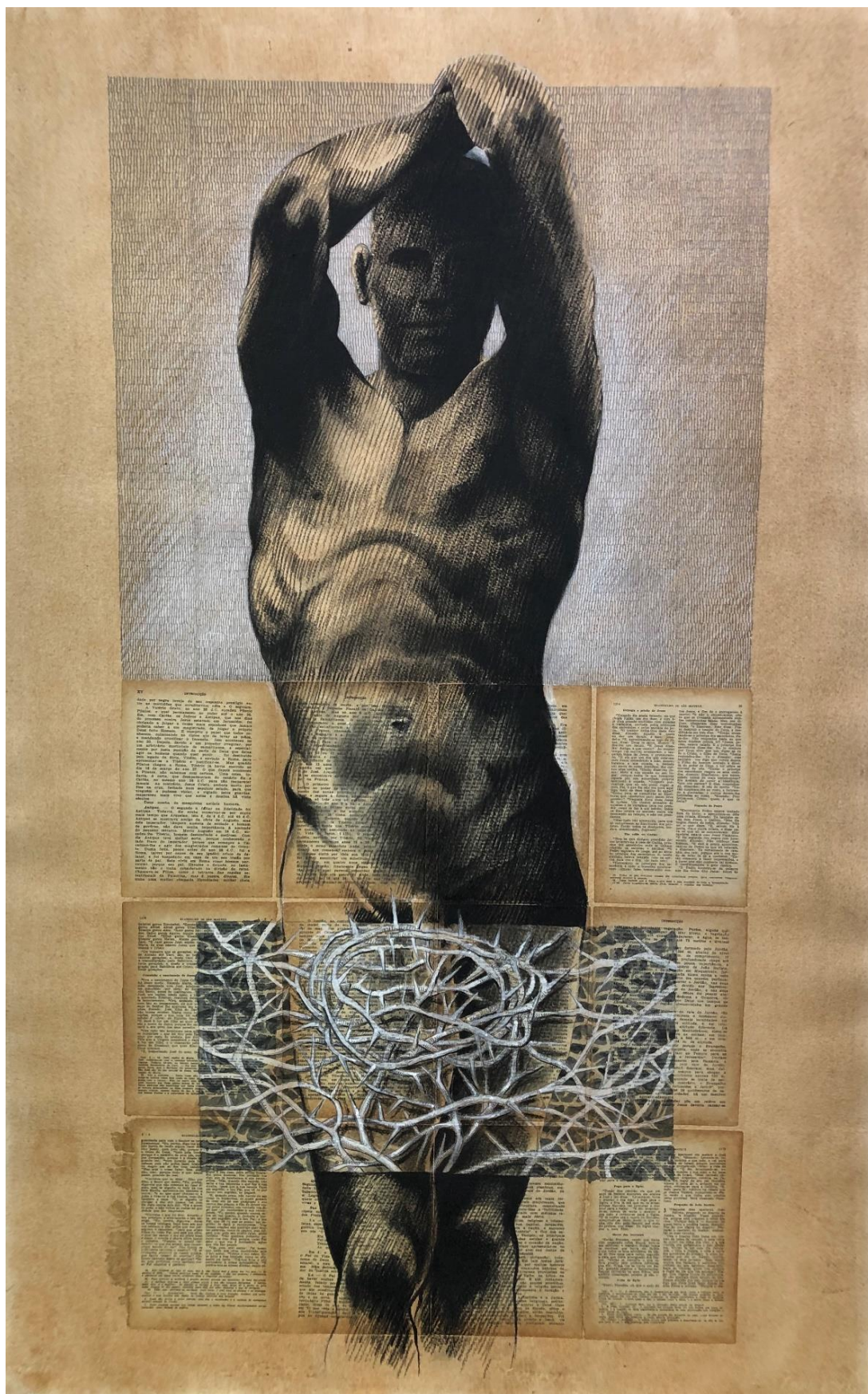
Zoé Porfirogênita; técnica mista (aquarela, pastel seco, gouache, Conté, flores de buganvílias s/ Canson); 29,5 x 42 cm; 2020

Anita Fizon



Sem título; objeto: madeira, tecido, pigmento mineral, linha de bordar;
30 x 30 x 10 cm; 2005

Attilio Colnago



Stigmata; colagem, Conté, aquarela s/ papel tonalizado; 83 x 70 cm; 2020

Augusto Herkenhoff



Rocha erótica (Pico do Itabira - ES), fotografia, impressão fine art, 30 x 42 cm, 2019, tiragem 5

Bel Guimarães



Objetos estranhos 1; técnica mista s/ tela, 30 x 30 cm

Bel Mota



Tudo-Nada; colagem digital, impressão fine art; tiragem 1/6; 34 x 114 cm; 2020

Benedito Neves Jr



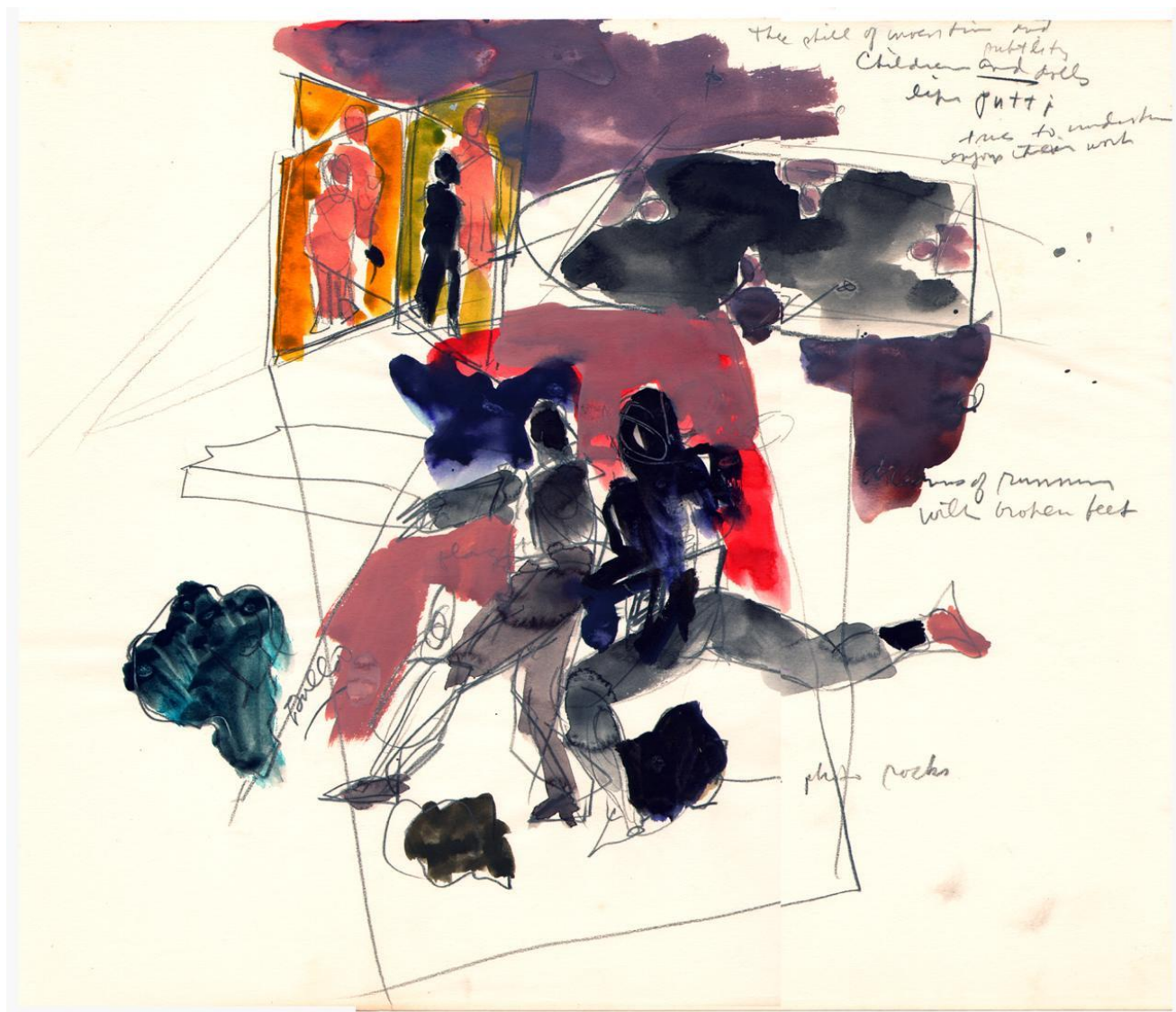
Sem título; óleo s/ madeira de demolição; 30 x 40 cm; 2020

Benjamin Rothstein



Prazer a três; acrílica s/tela; 115 x 76 cm; 2020

Bill Lundberg



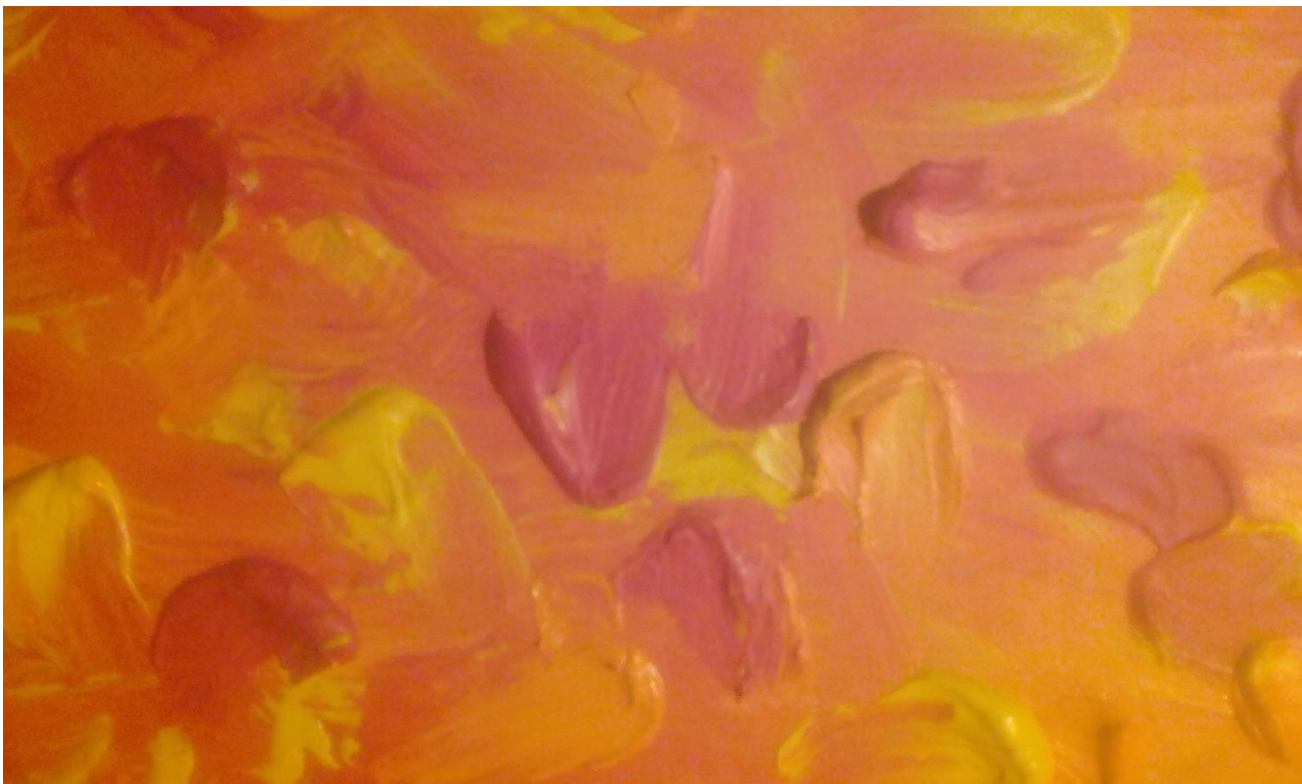
Running on broken feet; aquarela e lápis; 42,5 cm x 35 cm; 1990
Da coleção de Valerie Cassel Oliver - Curador de Modern and Contemporary
Art no Virginia Museum of Fine Art.

Cácia Chemin



Eroica sinfonia para o risoto com vinho da erótica Monalisa; acrílica sobre recorte e colagem; 42 x 23 cm; 2020

Carmen Bello



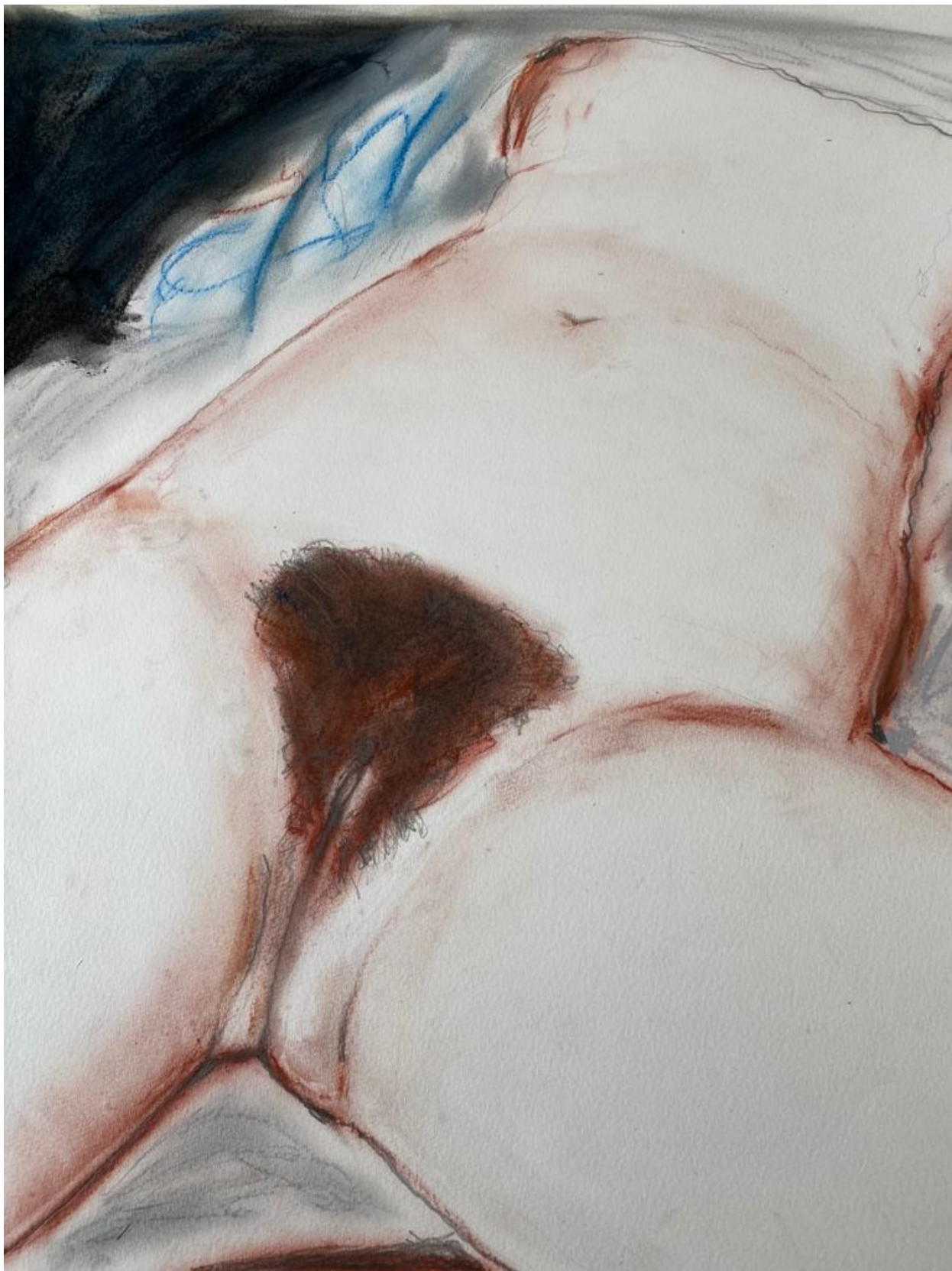
Erótica em Re Maior; acrílica s/ tela; 20 x 30 cm; 2020

Carmen Givoni



Entrega; acrílica s/ papel; 70 x 90 cm; 2014

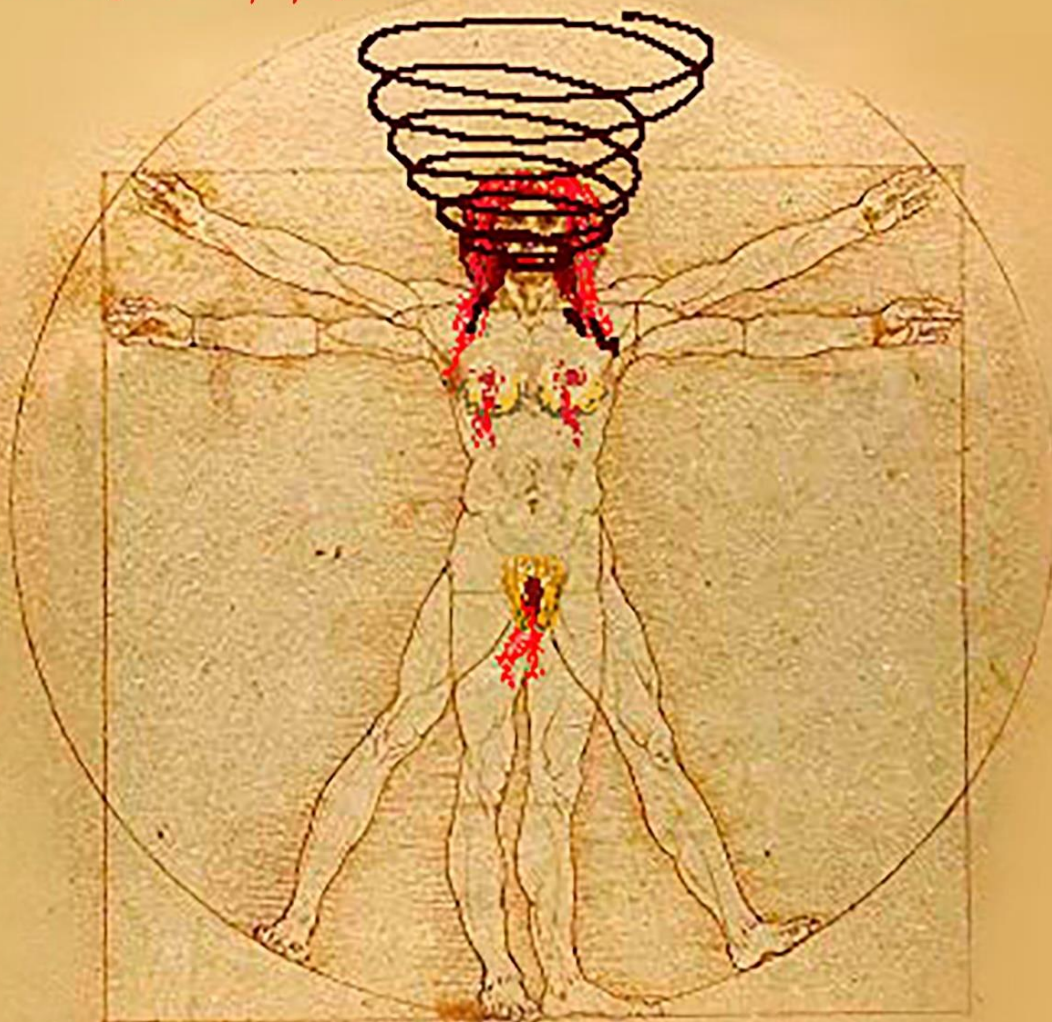
Célia Gimenez



Homagem a Gustave Courbet, A Origem do Mundo; desenho sanguínea sobre papel alta gramatura 1000; 46 x 55 cm; 2020

Celina Nolli

*.Direito ao não. Controle social, parental, espiritual, universal.
Direito a sublimação, negação, castração, mutilação. Sexo da
procriação, subjugação.*

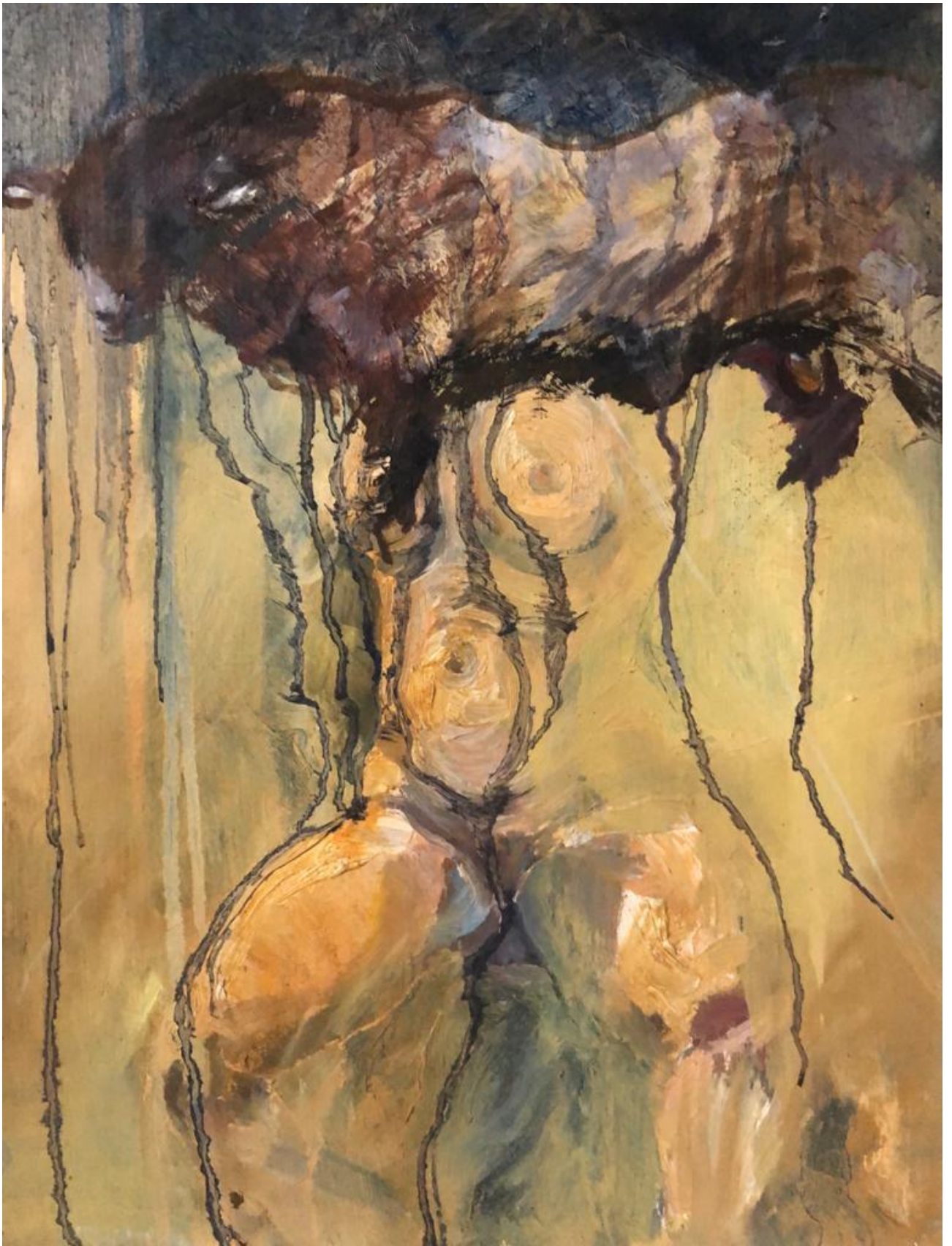


*Amordaçar, calar, controlar. Prazer na servidão, na
escuridão. Falar, libertar. Direito, lei, indivíduo, sociedade.
Totem, tabu. Felicidade, necessidade, do primitivo a
atualidade. Transferência, troca, não aceitação, coerção.
Violência, banalização!*

Celina Nolli

Direito ao não; apropriação e ressignificação de imagem, impressa em papel
fotográfico; 29,7 x 42,0 cm; 2020

César Coelho Gomes



Ronda; óleo s/ tela; 35 x 27 cm; 2018

Cesar Paes Barreto



A prima; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g com tintas de pigmento mineral; edição única; 61,5 x 46 cm e com 10 reprints impressão em papel Canson matte 180g com tintas de pigmento mineral, 48 x 33 cm; 2020

Chica Granchi



The wonderful bouquet from my Garden; plástico; 50 cm; 2002 / 2020

Chris Quellmann



À venda; fotografia digital; tiragem: 5; 50 x 60 cm; 2019

Cláudia Carneiro



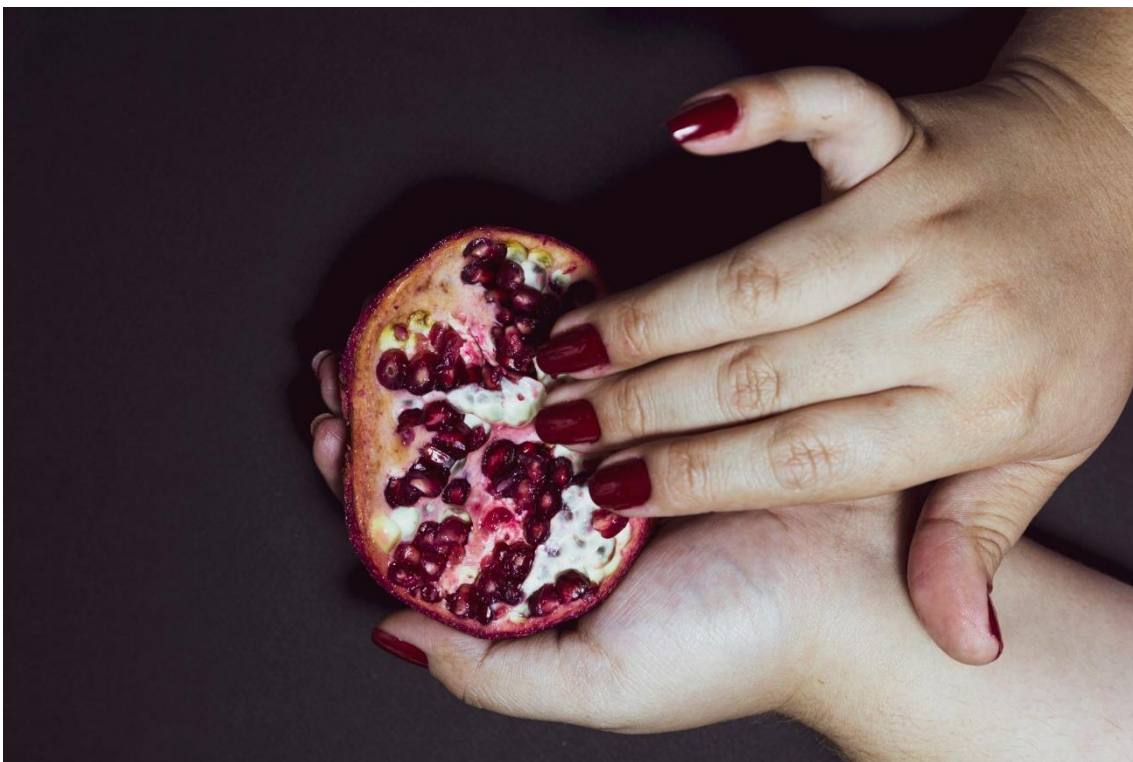
Autorretrato; acrílica s/ tela; 87 x 148 cm; 2014

Claudia Watkins



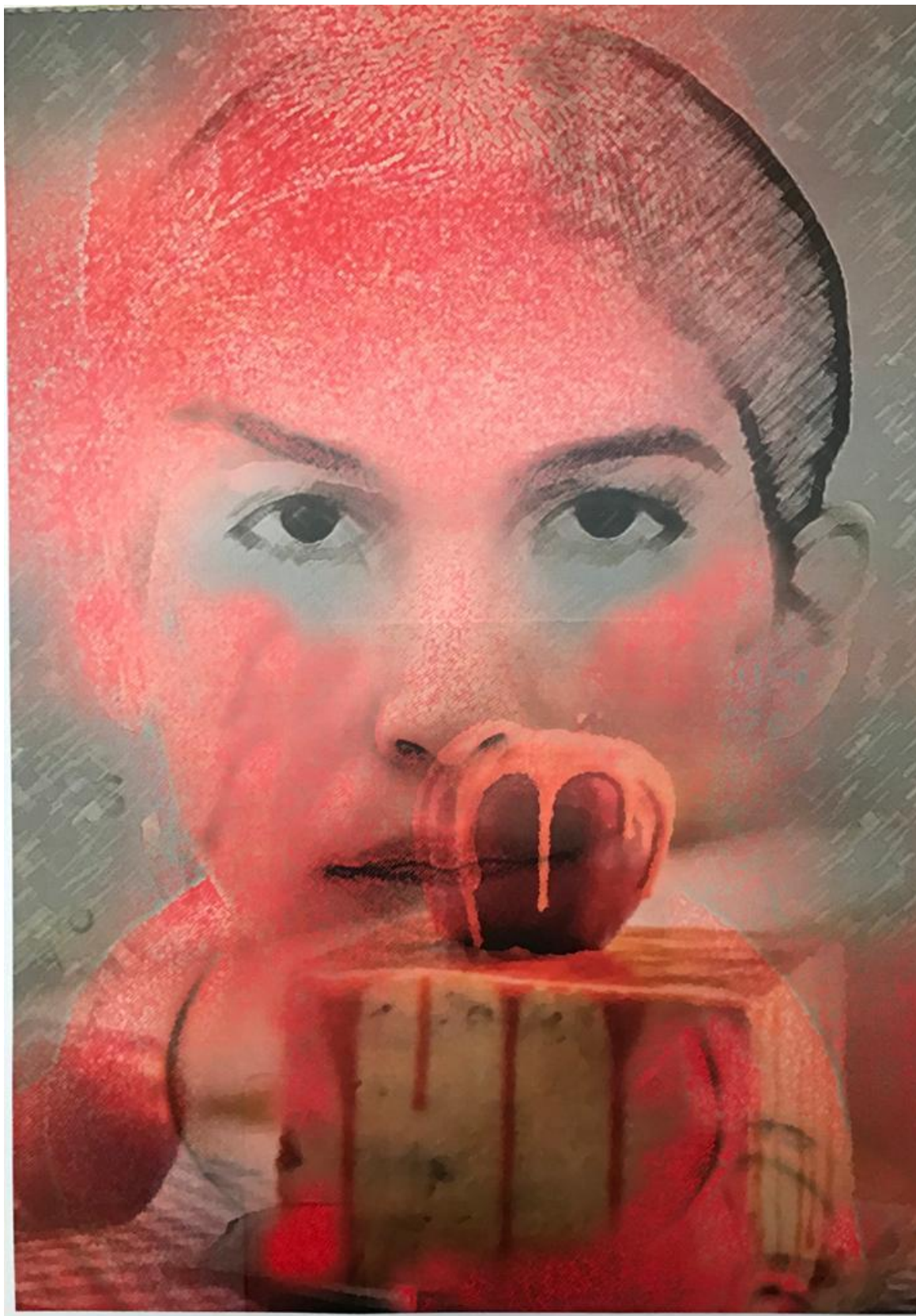
Natureza exótica; 2 fotografias em um porta retrato de madeira e vidro; 20 x 25 cm; 2020

Clayton Ferreira



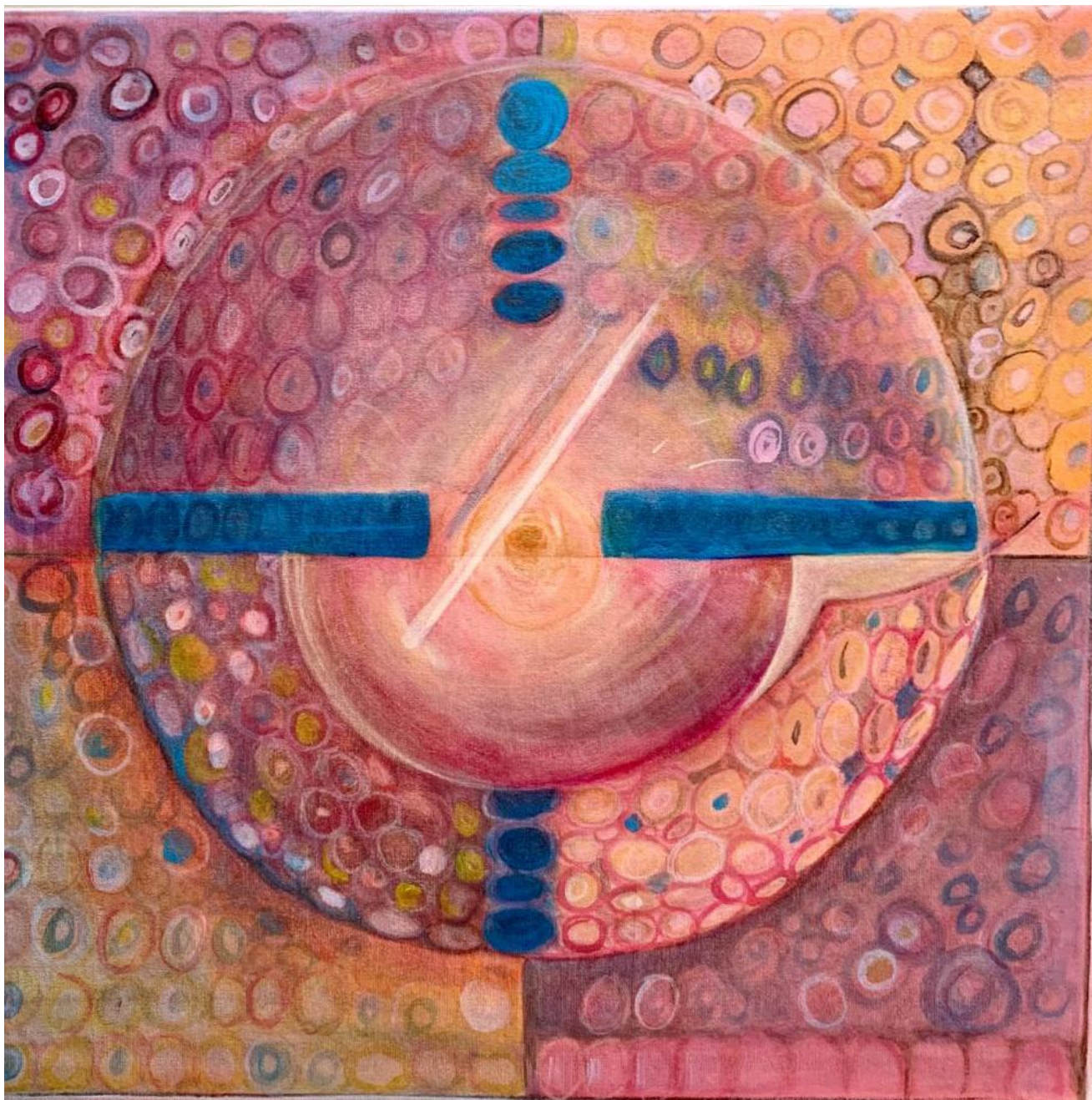
Eros Ludus; fotografia impressa s/ papel algodão; 40 x 60 cm (díptico); 2020

Conceição Durães



Trabalho digital, impressão a laser em papel couchê 180g.; tiragem 1/5; 29,7 x 42 cm; 2020

Daniela Veronesi Deboni



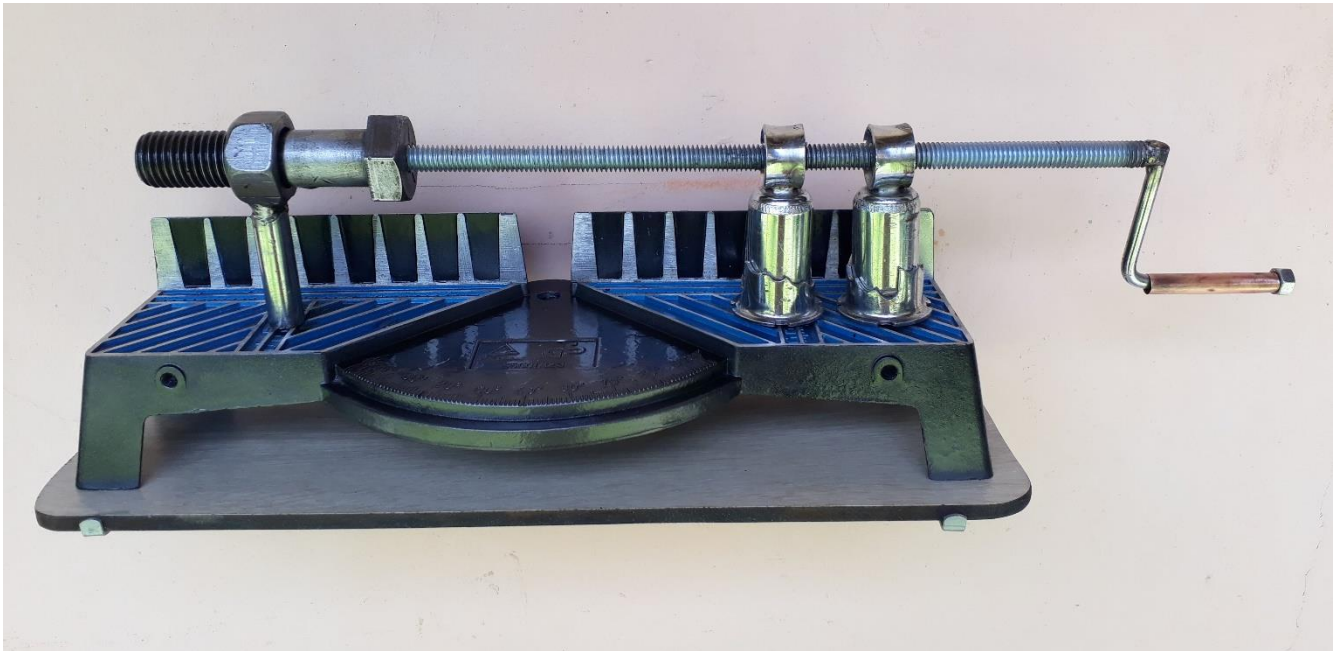
Eroica; acrílica s/tela; 58 x 50 cm; 2020

Débora Carneiro da Cunha



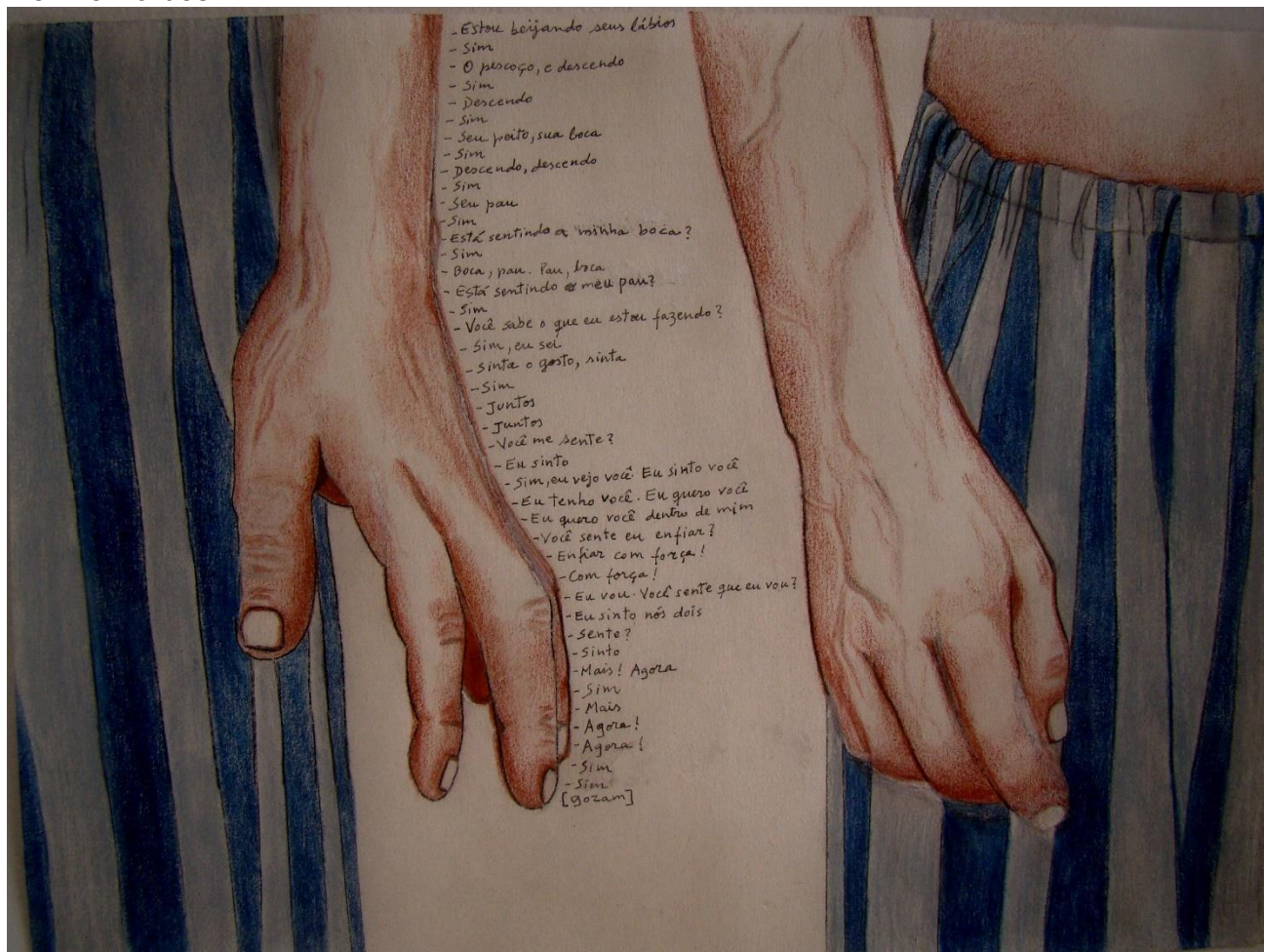
Delírios eróticos; objeto díptico, entalhe de madeira, acrílica s/ cartão; 12,5 x 10,5 cm cada; 2020

Deneir



Amor Enroscado; objeto interativo, metais; 17 x 17 x 67 cm; 2020

Denize Torbes



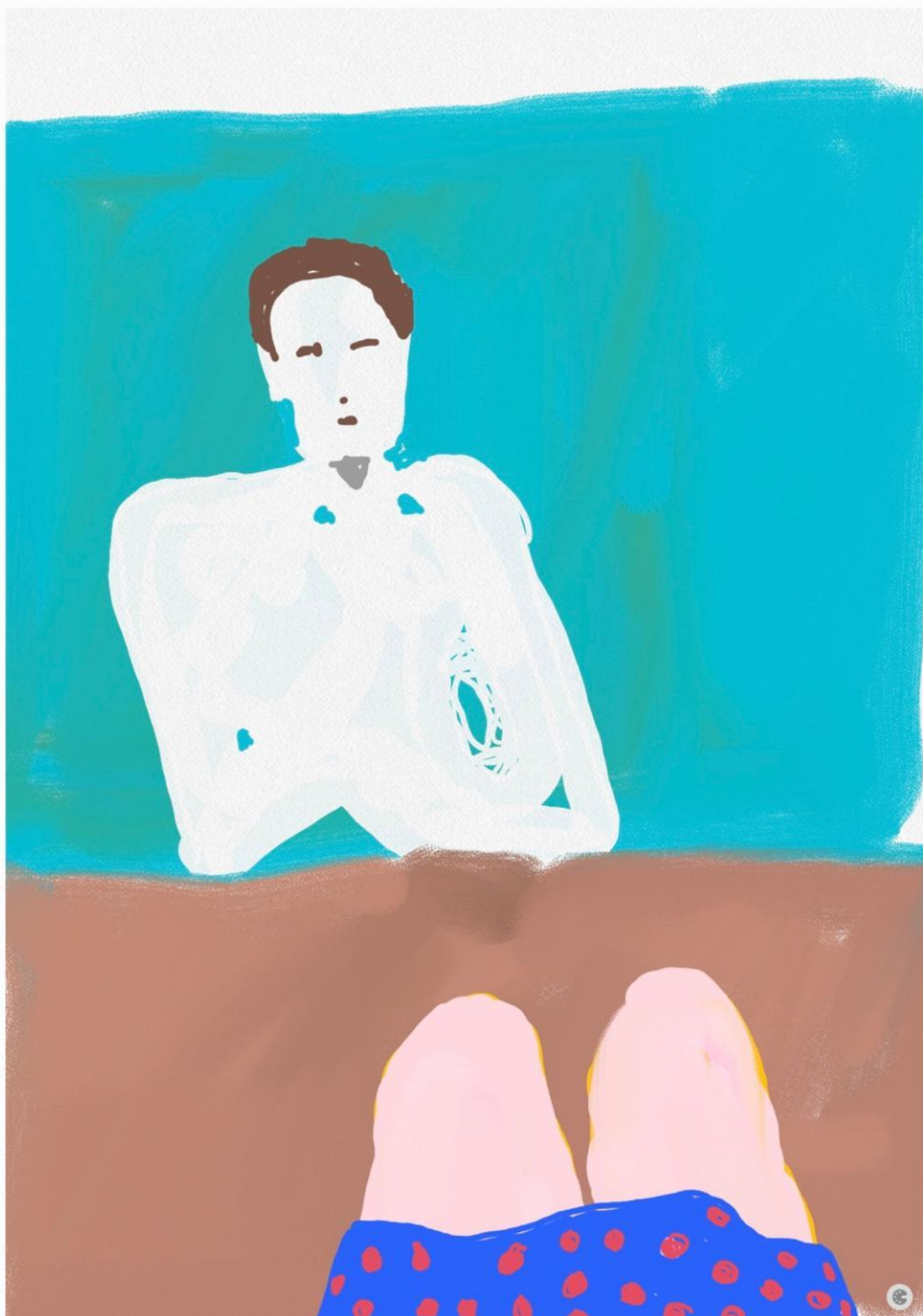
Diálogo Inspirador; lápis de cor s/ papel; 28 x 21 cm; 2021

Dirce Fett



Laço; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2009

Dora Portugal



O homem da TV; mão livre em computação gráfica com impressão em fine arts; 40,8 x 22,8 cm (podendo ser impresso em outros tamanhos); tiragem: 1/3; resolução: 1536 x 2048; 2020

Ecila Huste



Introvertida; fotografia em papel 100% algodão; tiragem 5 cópias; 50 x 60 cm;
2020

Eda Miranda



Infinito enquanto dure; vídeo; fio de lã ovelha, acrílica, porcelana fria; 13 x 18 cm diâmetro; 2020

Edgar Fonseca



O beijo; aquarela s/ papel Fabriano 600gr.; 55 x 38 cm; 2019

Edineusa Bezerril



Epigrama; acrílica s/ papel; 30 x 42 cm; 2020.

Baseada na poesia de La Fontaine do livro de Paulo Paes, "Poesia Erótica".

Eduarda Costa



Contato; acrílica s/ tela; 30 x 40 cm; 2020

Elaine Fontes



O Sexo das Deusas; acrílica s/ tela; 100 x 100 cm; 2014

Eliane Carrapateira



Enlace ancestral; monotipia com têmpera guache e desenho sobre papel; 13,5 x 27 cm; 2021

Elis Pinto



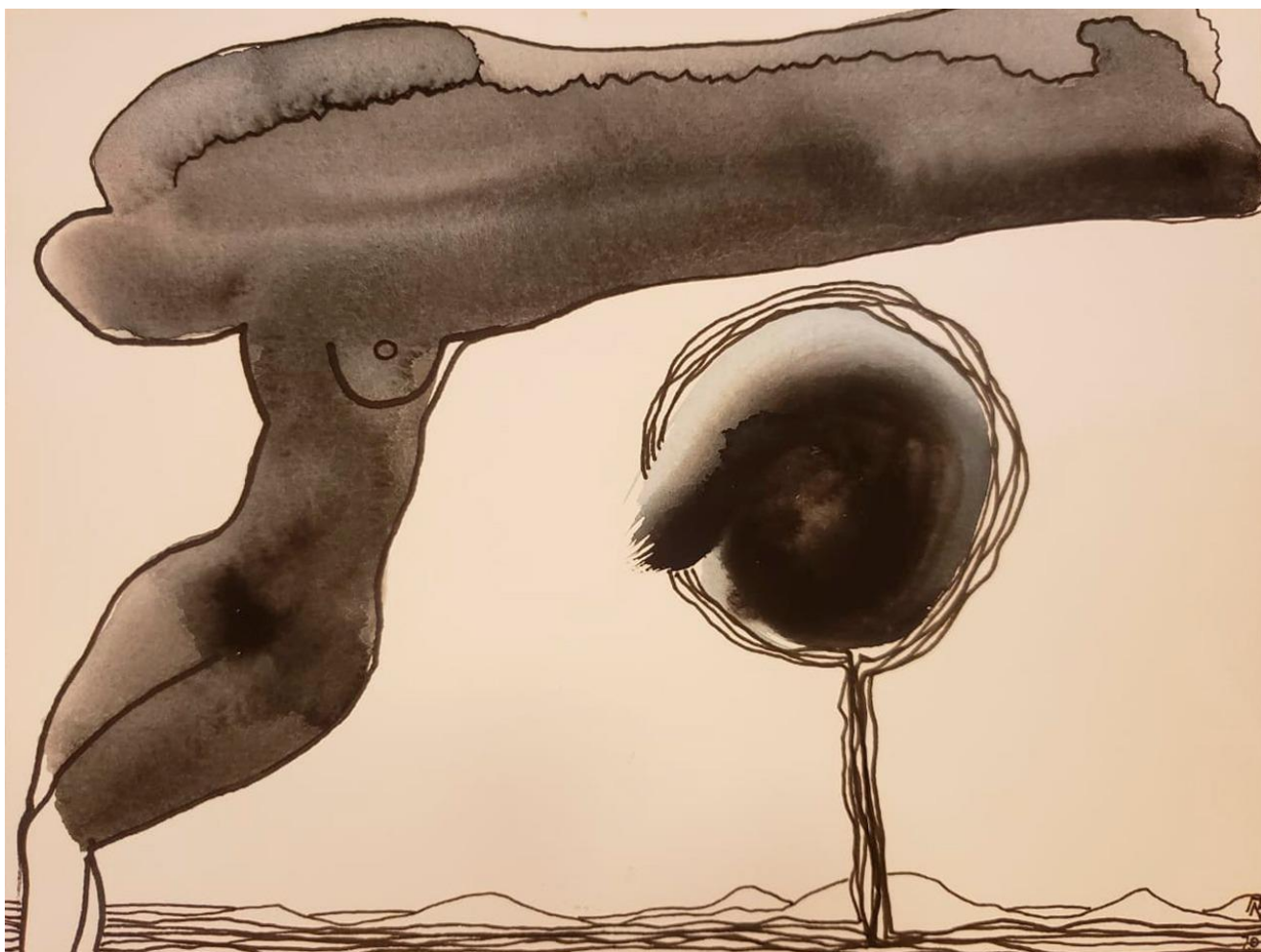
Diana do Novo Mundo, da série O que minhas ancestrais me dizem; acrílica e óleo s/ tela; 107 x 145 cm; 2021

Enéas Valle



Rainha do Rock (Nina Hagen); acrílica s/ papel-cartão; 97 x 66,5 cm; 1985

Fernando Botafogo



Regerar; bico de pena em nanquim e aquarela s/ papel Chambрил 300g.; 14,8 por 21 cm; 2020

Fernando Brum



Sem título; óleo s/tela; 30 x 24 cm; 2020

Fernando Gómez



Gaia na floresta; monotipia e frotagem com grafite; 65,1 x 48,2 cm; 2016

Francinete Alberton



Il bacio rosso; óleo s/ tela; 30 x 30 cm; 2020

Gilda Lima



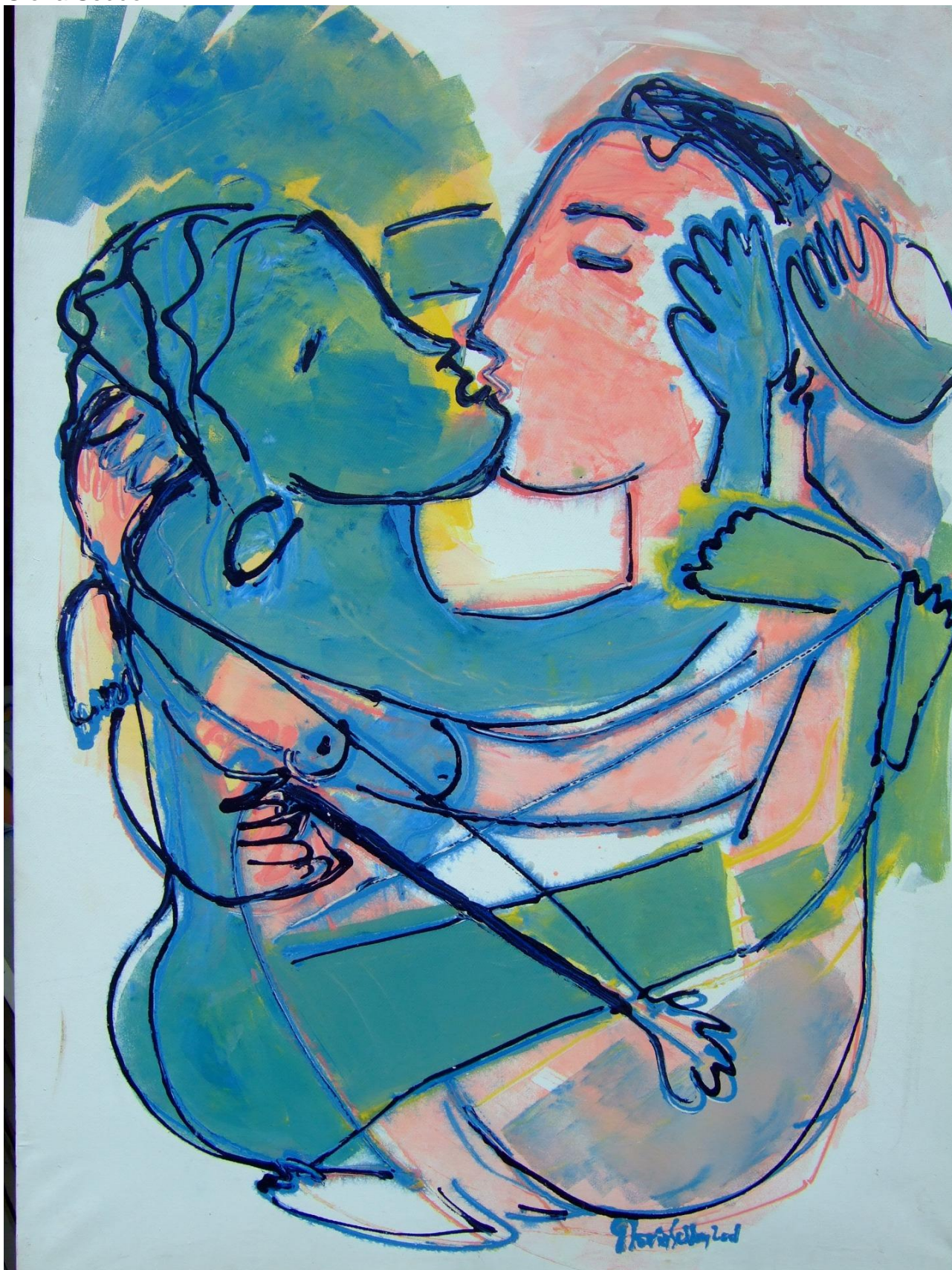
Convite; fotografia digital impressão fine art; 45 x 60 cm; 2017; edição única

Gloria Conforto



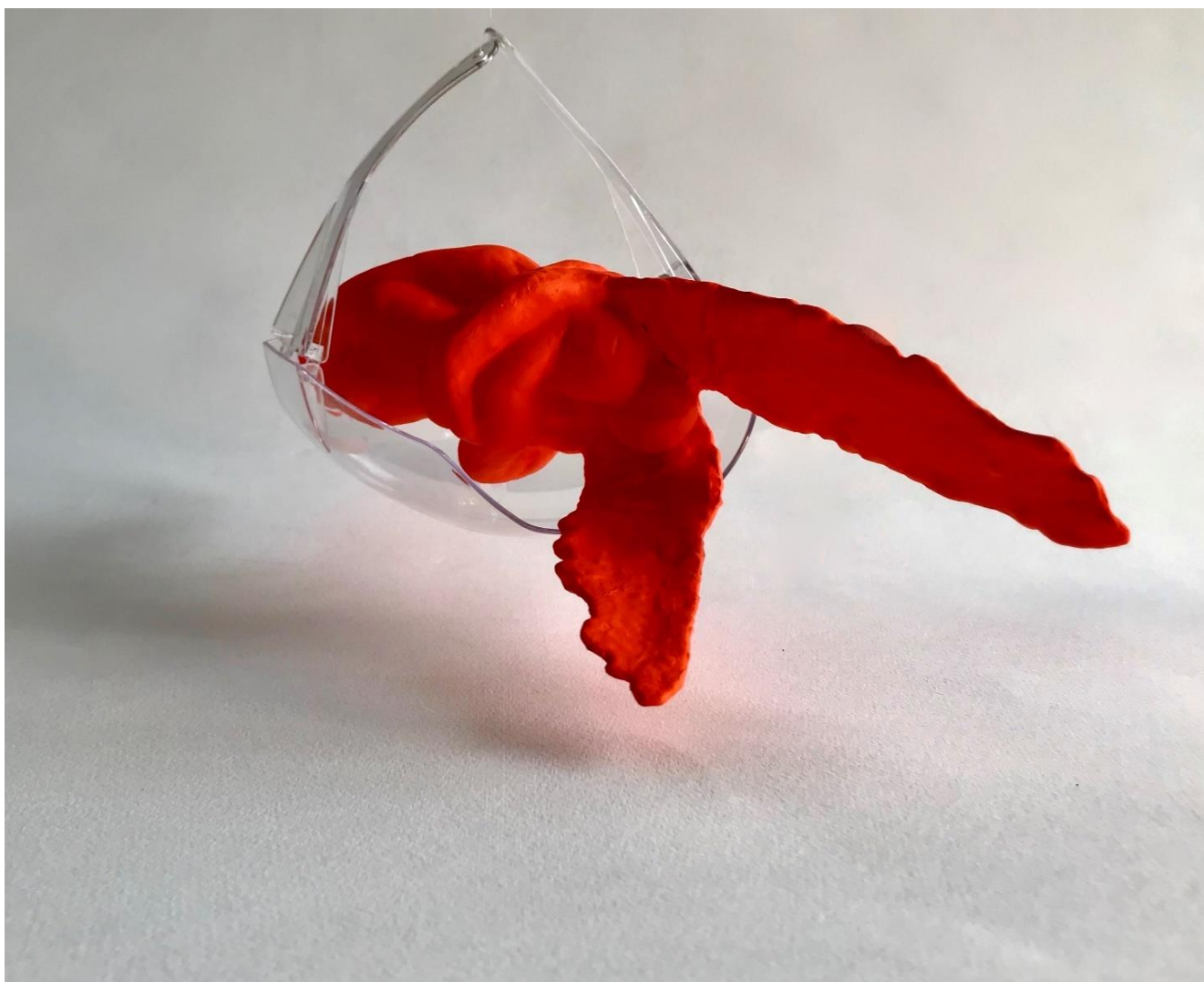
Erótica; têmpera s/ papel; 24,5 x 19 cm (sem moldura); com moldura 30 x 40 cm; 2020

Gloria Seddon



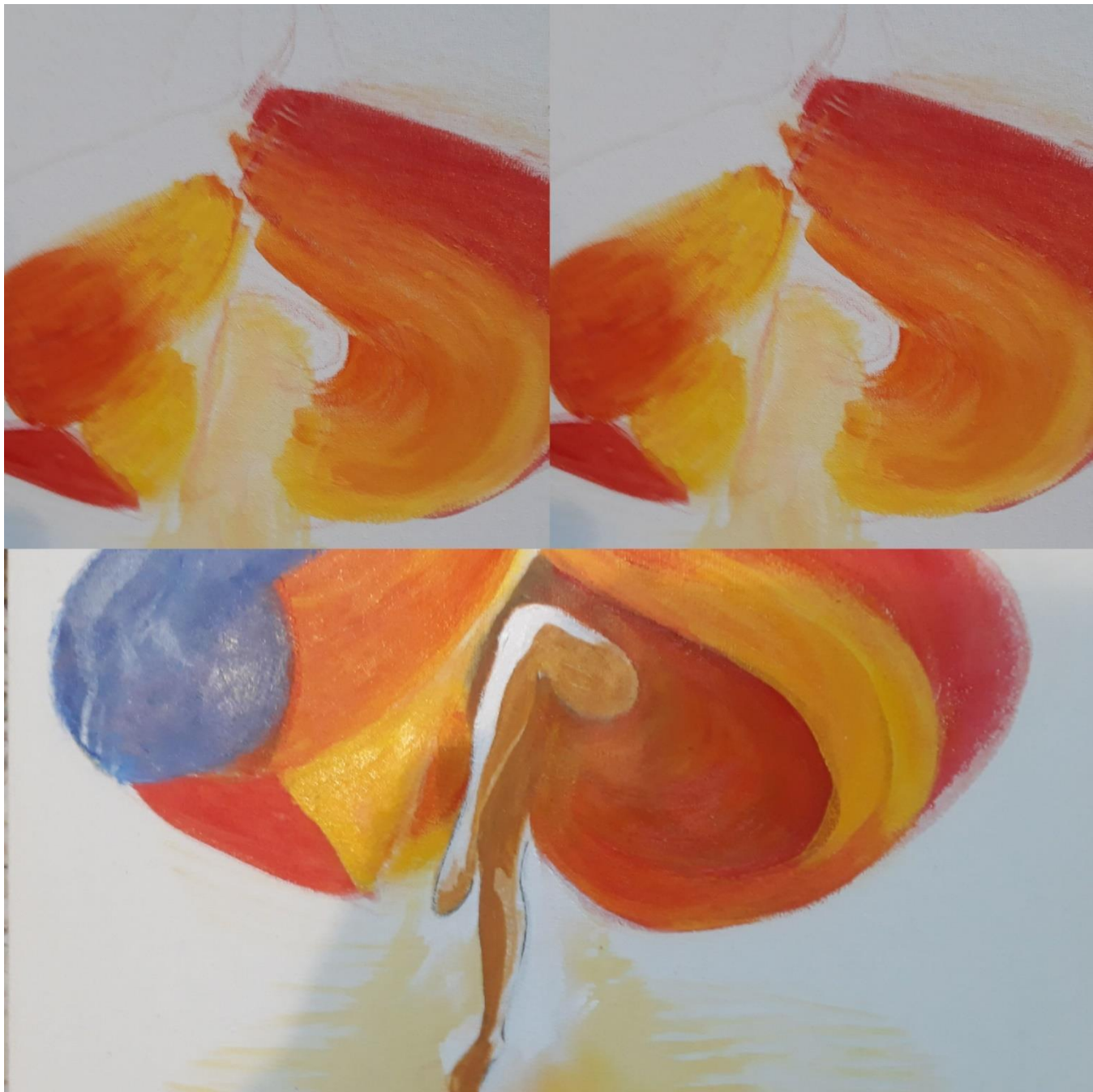
Afro-disíaca; acrílica s/ tela; 111 x 158 cm; 1999 (Coleção da artista). Fotografia da obra; impressão em papel fotográfico; tiragem 10; 39,5 x 27,75 cm

Graça Pizá



erospsique@luv.com; escultura de borracha e acrílica s/ máscara de acrílico;
40 x 16 x 10 cm; 2020

Helena Lustosa



Homage to Georgia O'Keeffe, série Pés, Pétalas e Pernas; acrílica s/lona; 30 x 30 cm; 2020

Helena Pontes



ATO V; impressão fine art, tiragem 1/10; 55 x 37 cm; 1997

Heloisa Alvim



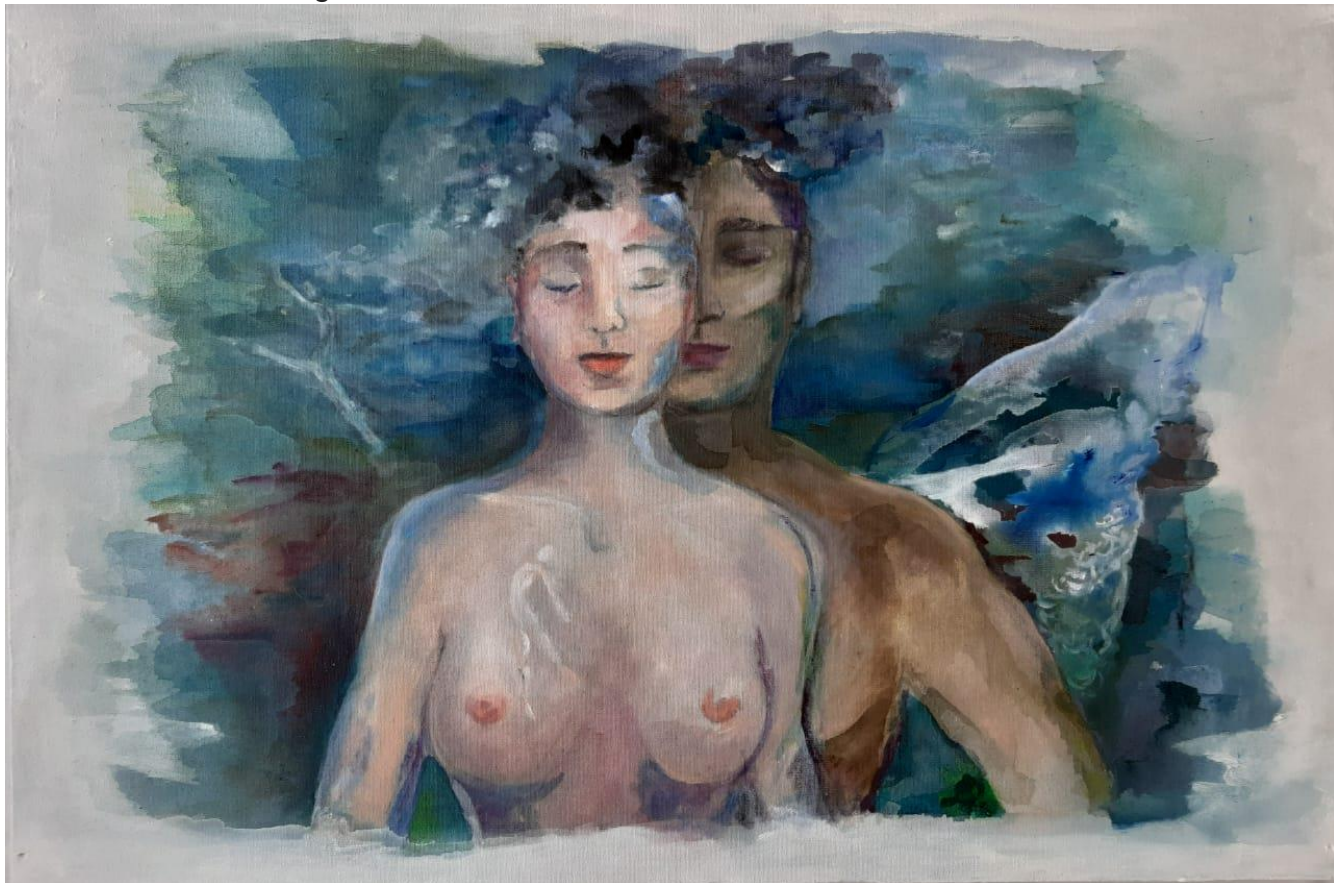
Sentir; gres 1240 graus; 30 x 28 x 10 cm

Henrique Rodrigues



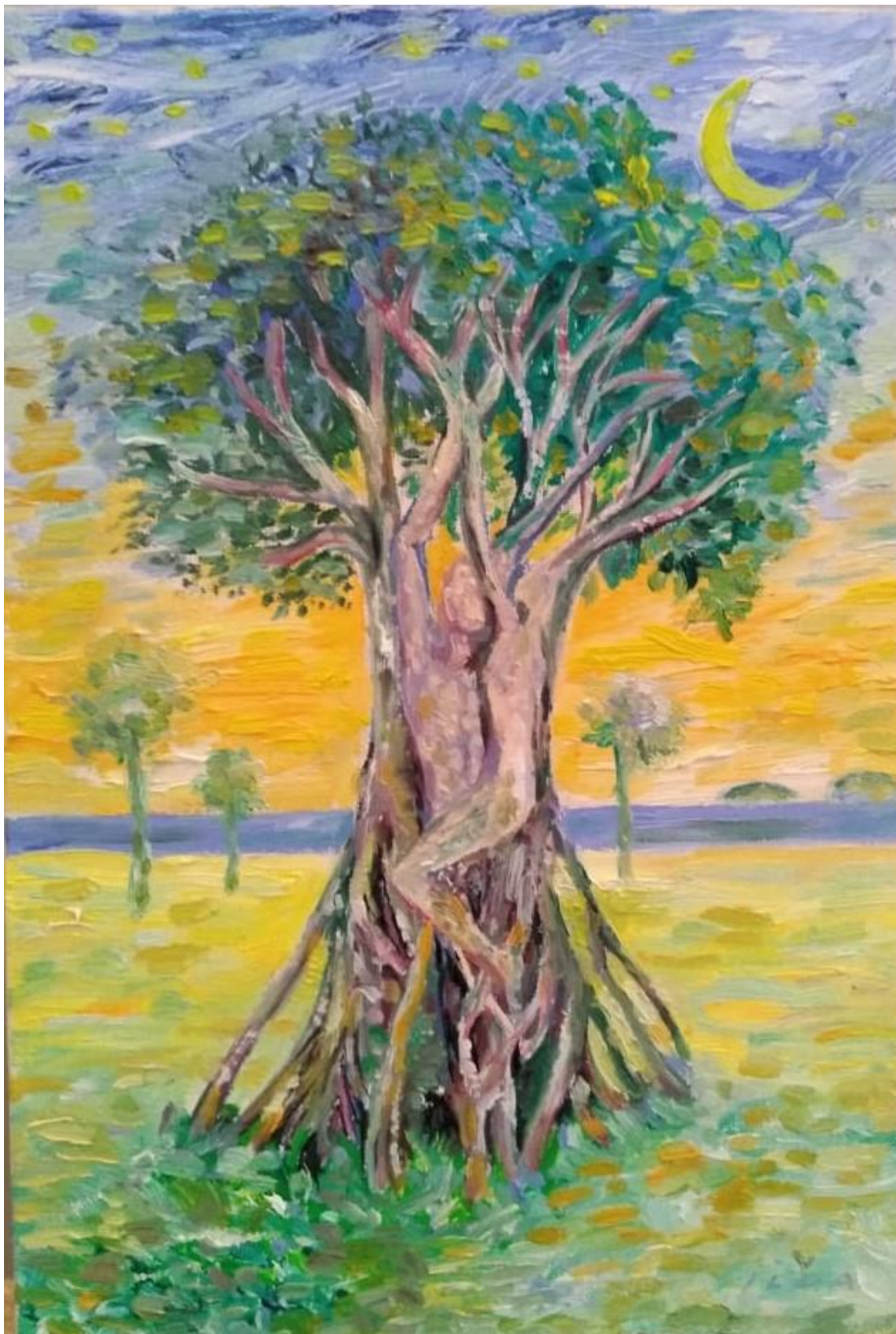
O Rosto do Prazer I (2020), da série O Rosto do Prazer; monotipia s/ papel; 21 x 29,7 cm; 2020

Hortensia Maria Pecegueiro



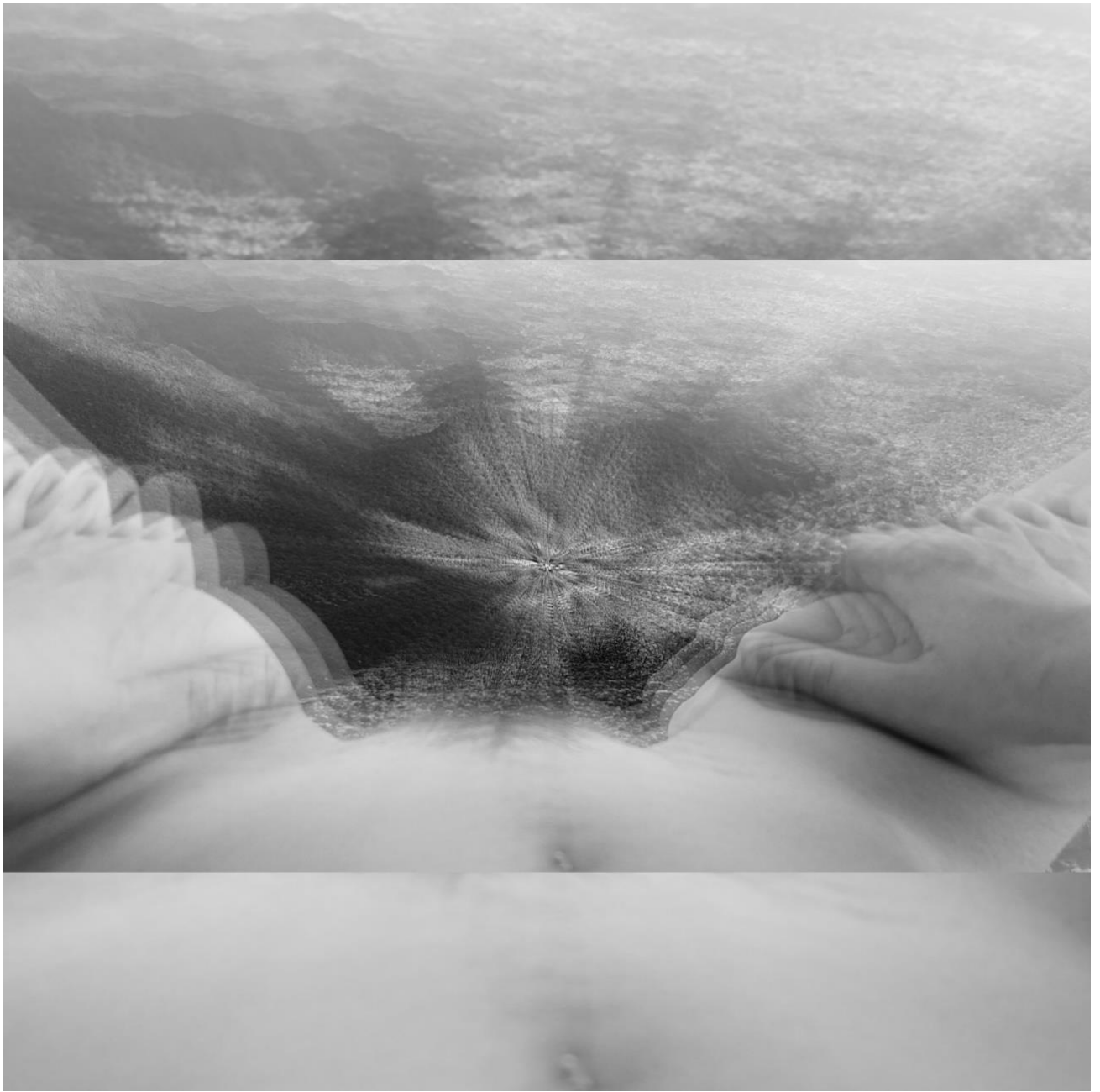
Sonho mítico – Eros e Psiquê; acrílica s/tela; 40 x 59,7 cm; 2021

Ilda Fuchshuber Falacio



Cio da Terra; óleo s/tela; 19 x 30 cm; 2021

Isabela Bentes



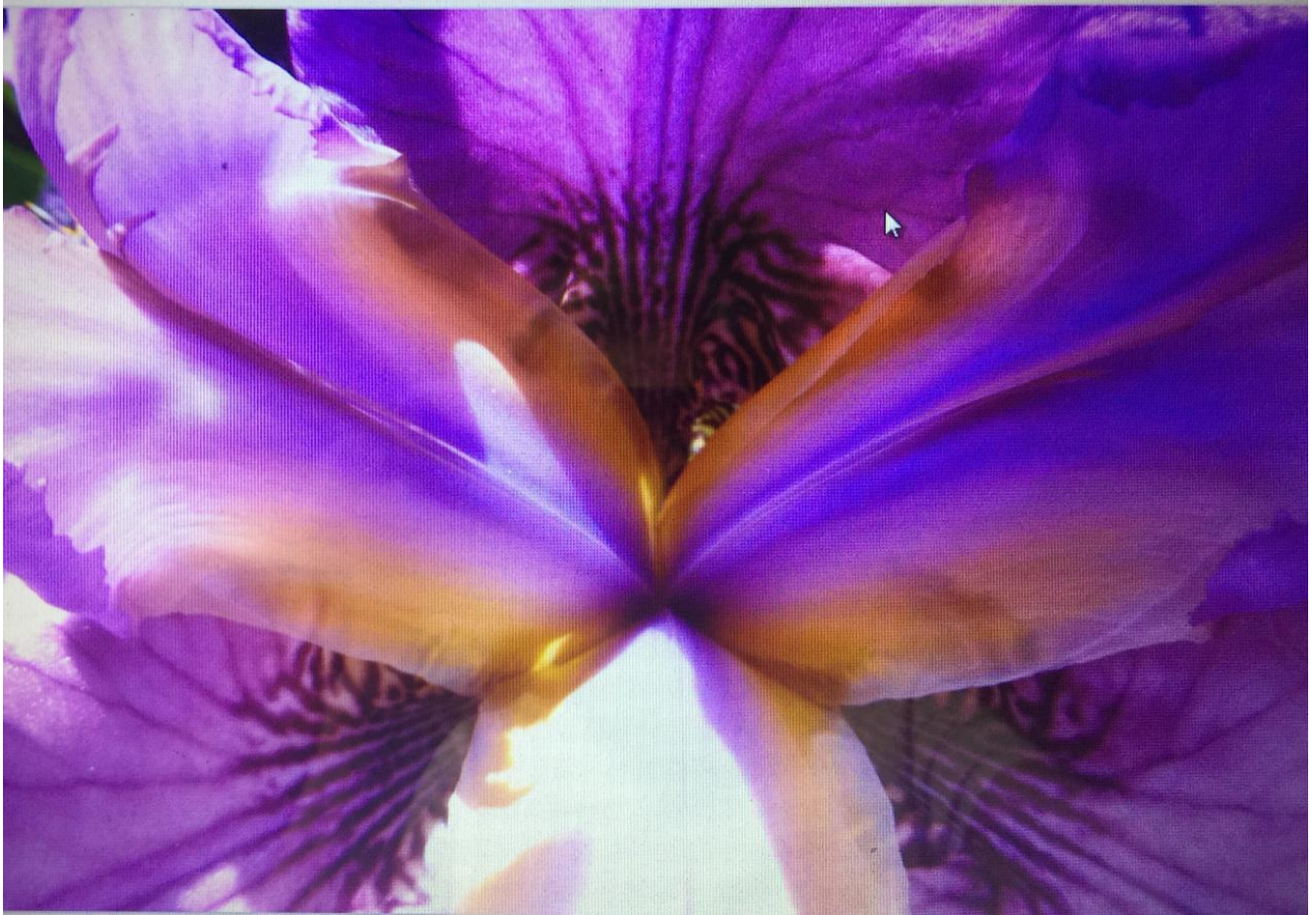
Origem; fotografia impressão fine arts em papel algodão; 60 x 60 cm; 2020; edição única

Isabella Marinho



Presente; técnica mista desenho em carvão vegetal, bastão a óleo e acrílica s/ papel Canson; 70 x 55 cm; 2019

Isis Braga



Amor; fotografia digital; 30 x 42 cm; 2017; tiragem 5

Izabel Vidal



Sururu; cerâmica vitrificada; 18 x 10 x 8 cm; 2020

Jarbas Paullous



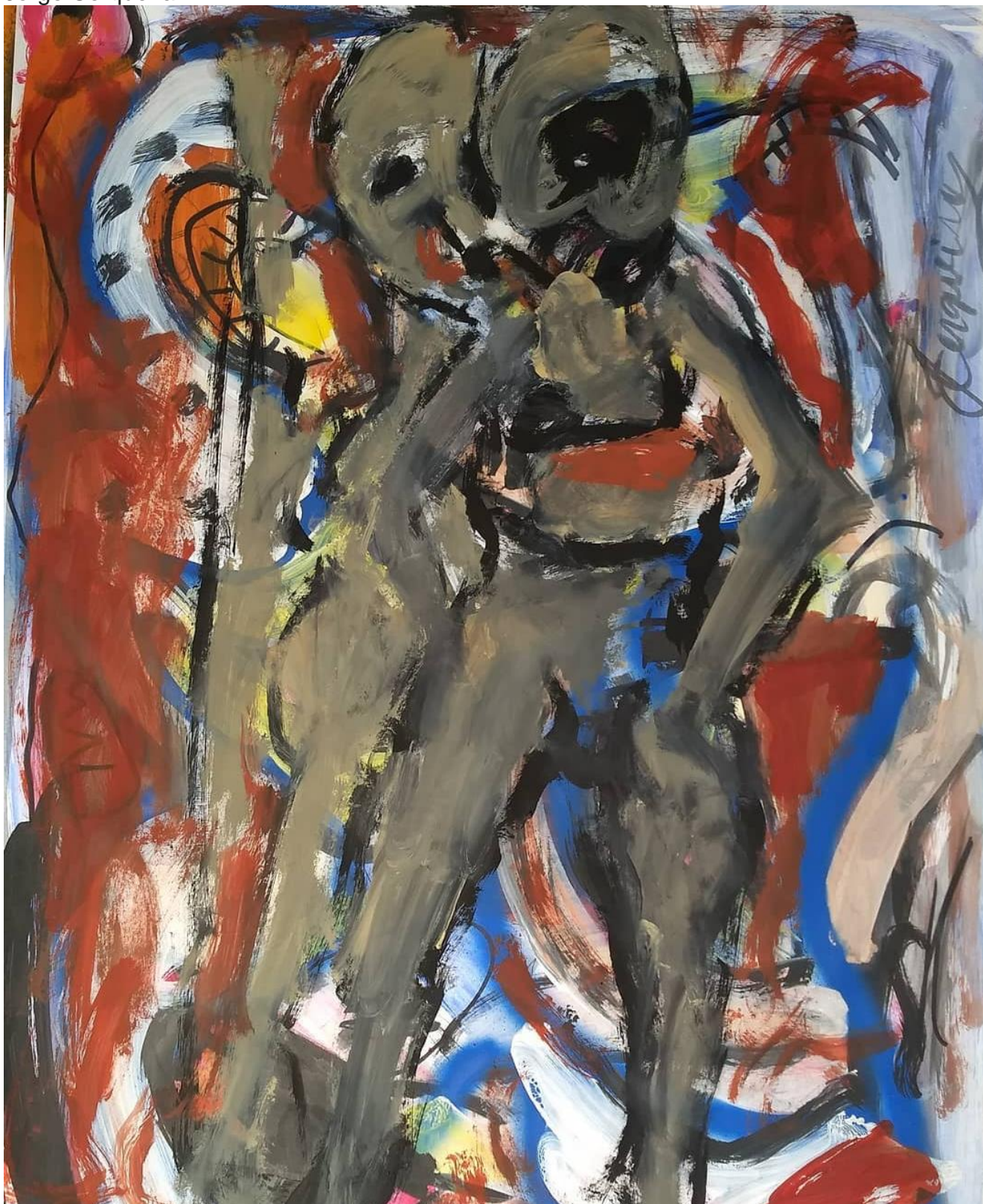
O banho; fotografia; 30 x 50 cm; 2021. Performance.

João Saboia



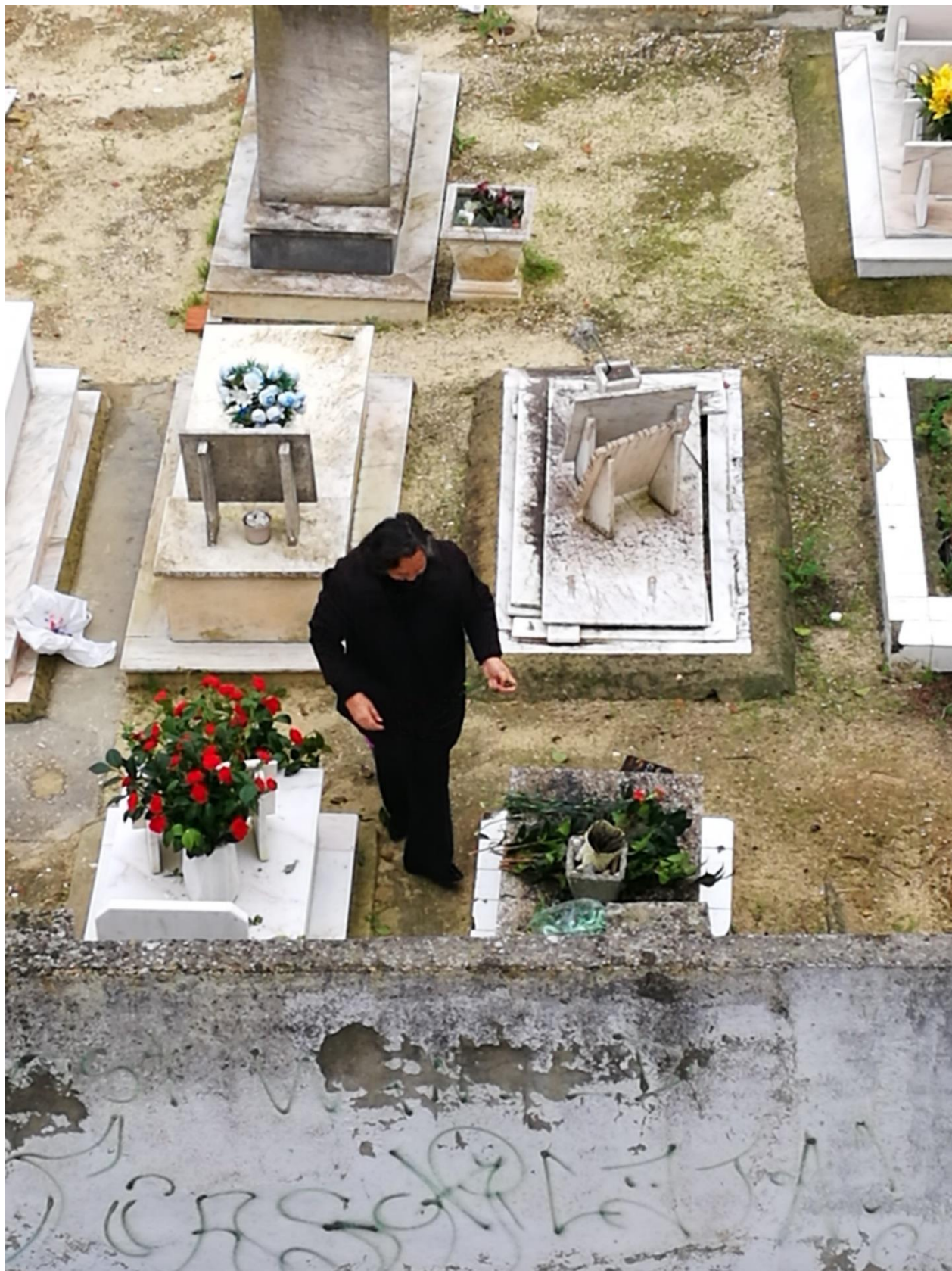
Movimento; fotografia, edição única; 30 x 40 cm; 2021

Jorge Cerqueira



Sonhado gozo; guache s/papel; 96 x 66 cm; 2020

Lando Faria



Sem título; fotografia; 90 x 60 cm; 2020; tiragem 5

Leila Bokel



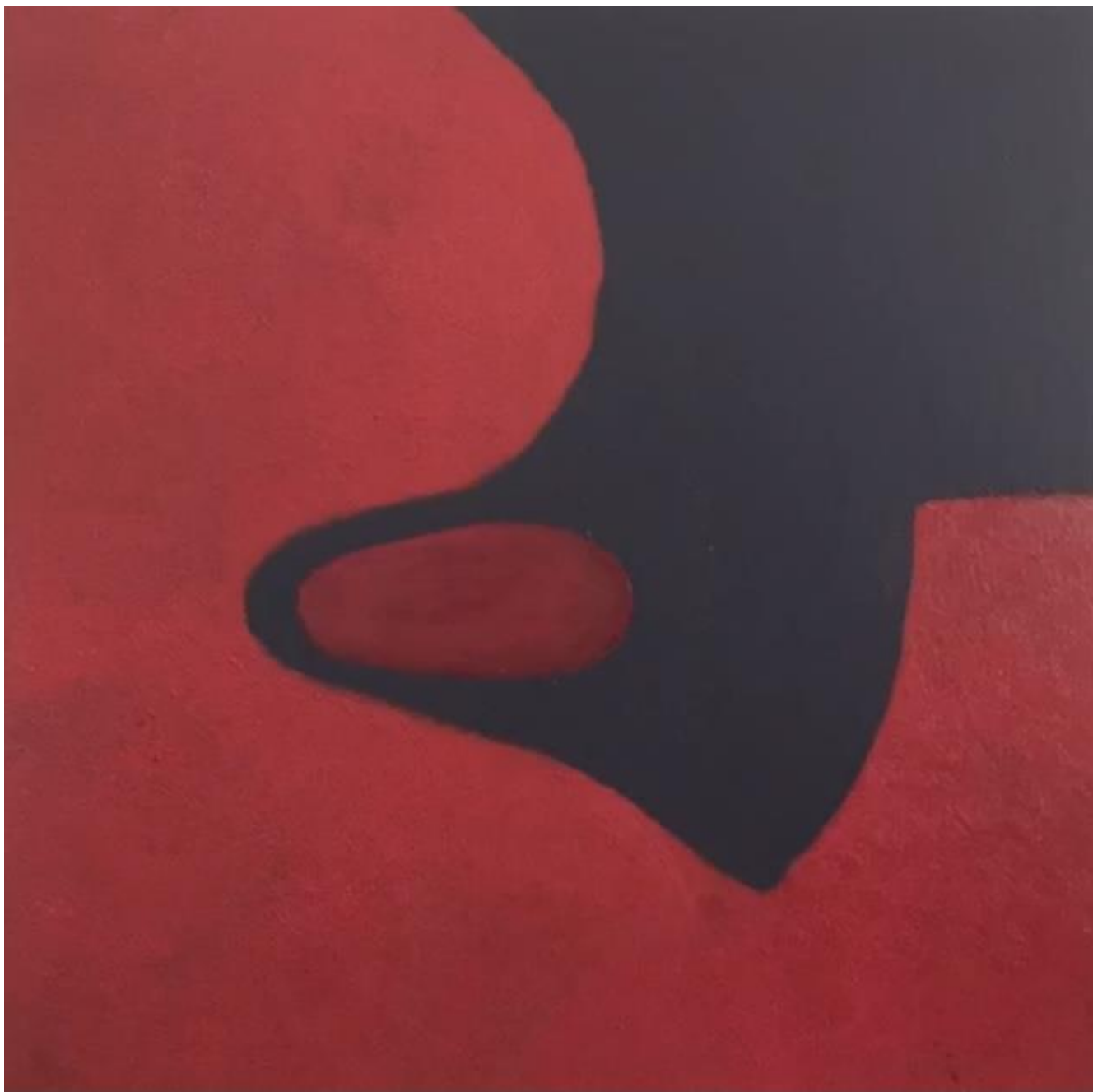
Haja imaginação !!!; série Sainhas; tecido, acrílica e fios de algodão 100 x 40 x 27 cm medidas aproximadas; 2016

Lena Tejo



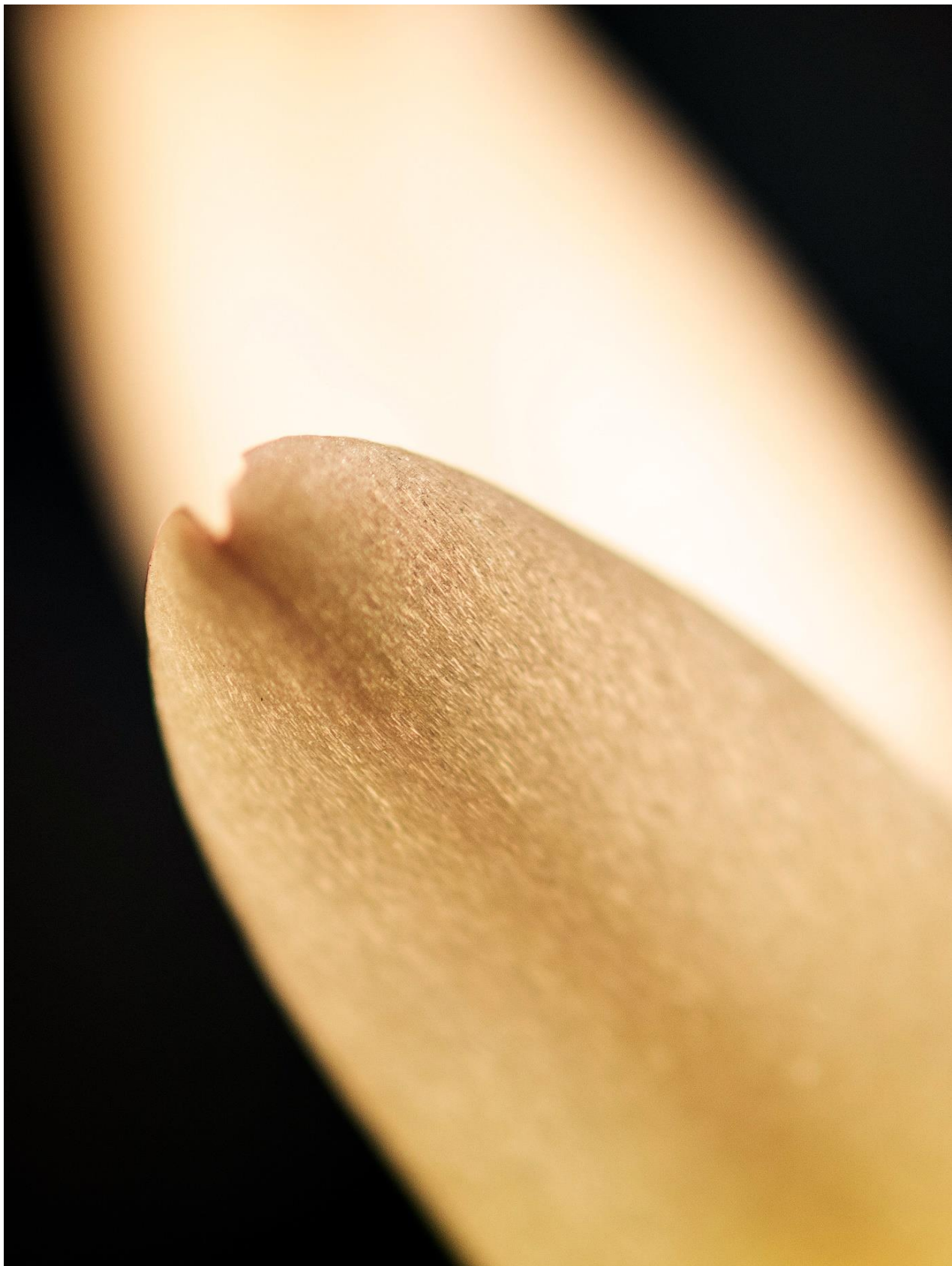
Fonte; técnica mista, madeira, plástico, lã, caixa acrílica; 40 x 30 cm; 2020

Lenn Cavalcanti



Sensual; acrílica s/tela; 60 x 60 cm

Let Cotrim



Âmbar elétrico; fotografia digital impressão fine-art em papel Hahnemühle Baryta; tiragem: 10; 42 x 29,9 cm; 2020

Lia do Rio



Le déjeuner; imagem; 15 x 10 cm; com moldura de época; duas tiragens; 2020

Liana Gonzalez



Queer Way, série Totens e Toas; escultura em papel; 32 x 15 x 5,5 cm; 2018

Liane Briand



Vitrine; escultura, técnica mista; 19 x 16 x 16 cm; 2020

Lígia Teixeira



Fetichismo; faca e pelúcia; 32 cm; 2020

Lizete Zem



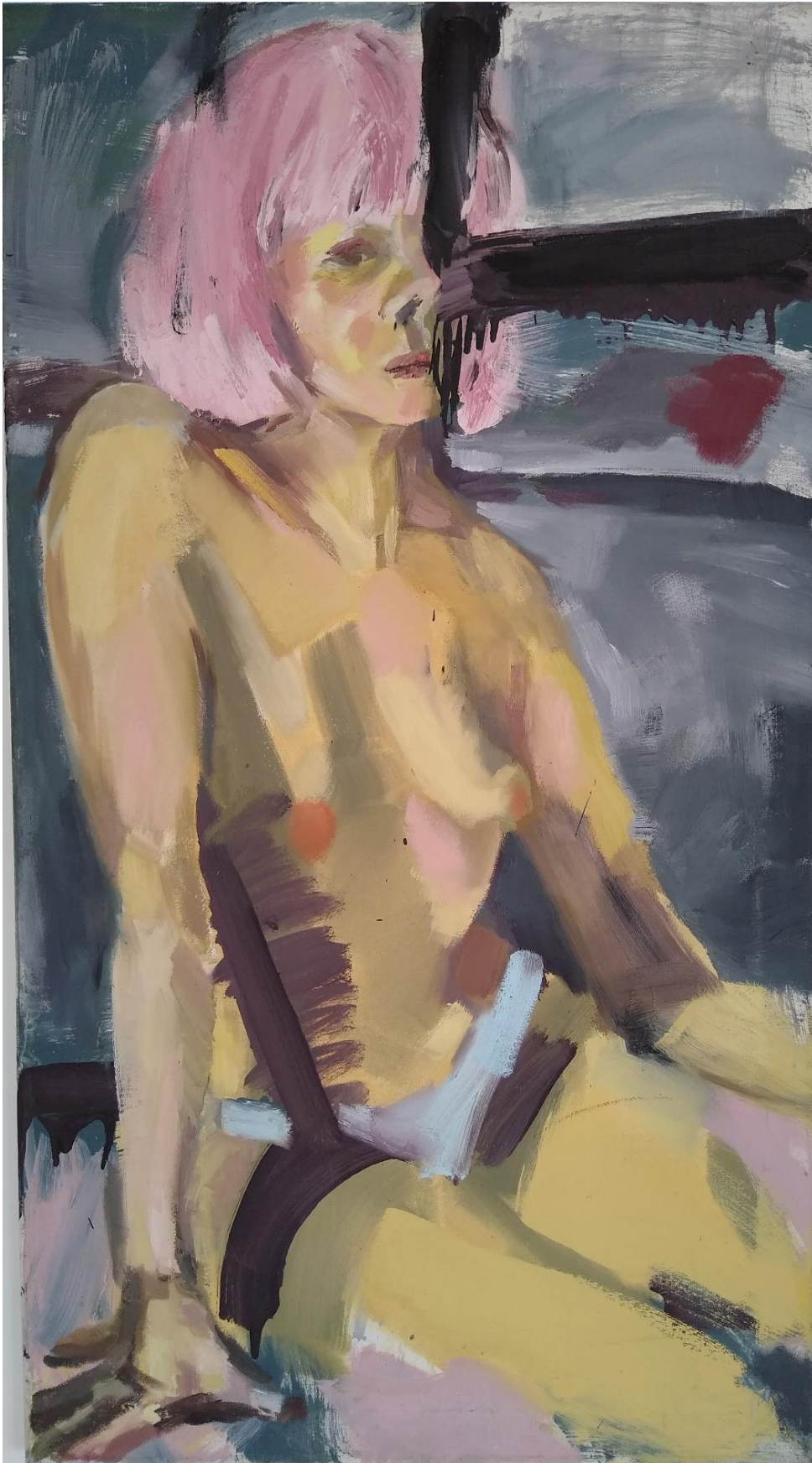
Idílio; placa de cerâmica esmaltada; 20 x 18 cm; 2019

Lucia Lyra



Eros; acrílica s/papel; 30 x 42 cm; 2020

Lucia Meneghini



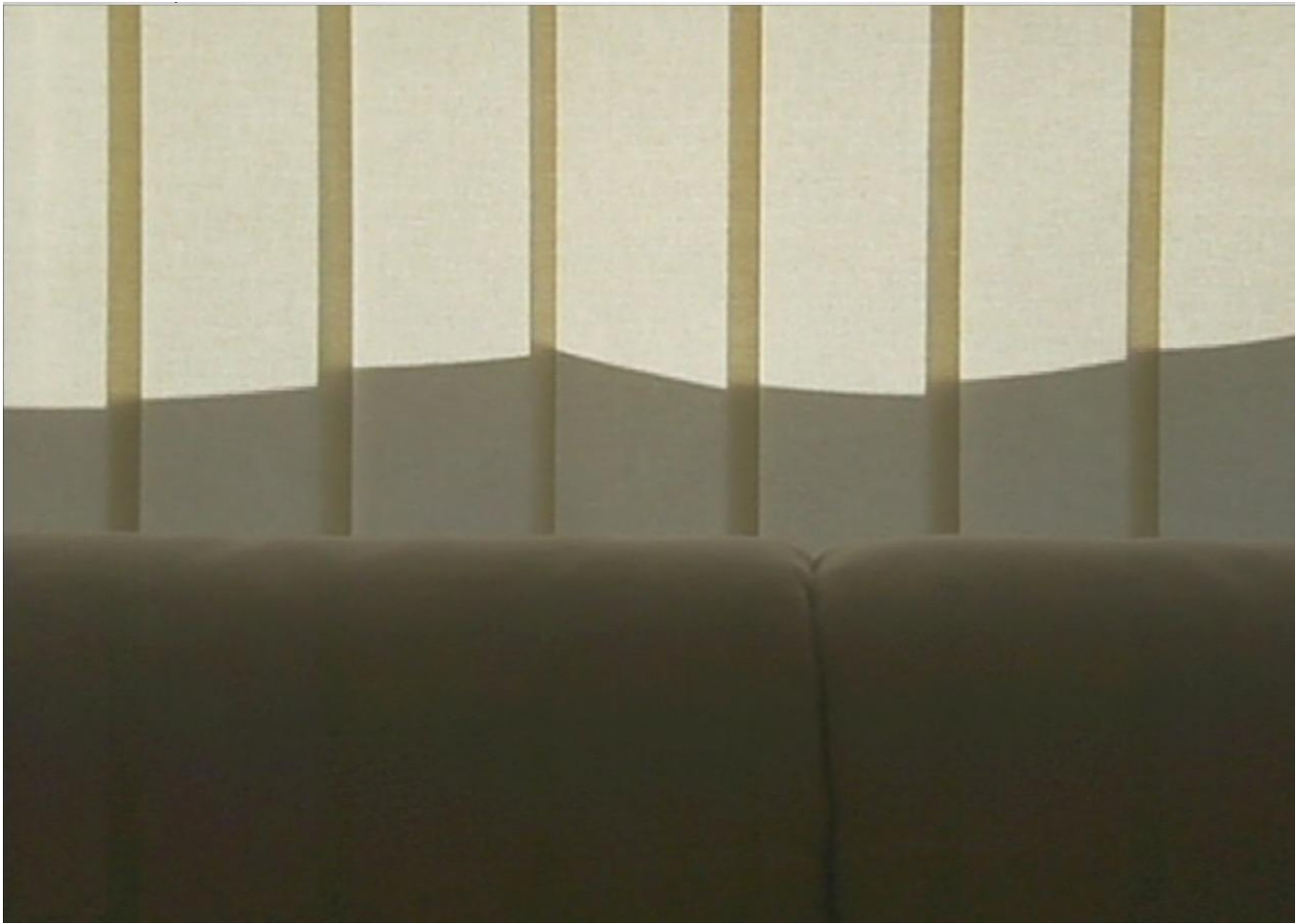
Strümpellstrasse 4; óleo s/ tela; 55,5 x 100 cm; sem data

Luciane Villanova



Feminino; fotografia digital impressa em papel 100% algodão Hahnemuhle PhotoRag 308g; 40 x 27 cm; 2020; tiragem: 1/3

Luiz Nogueira



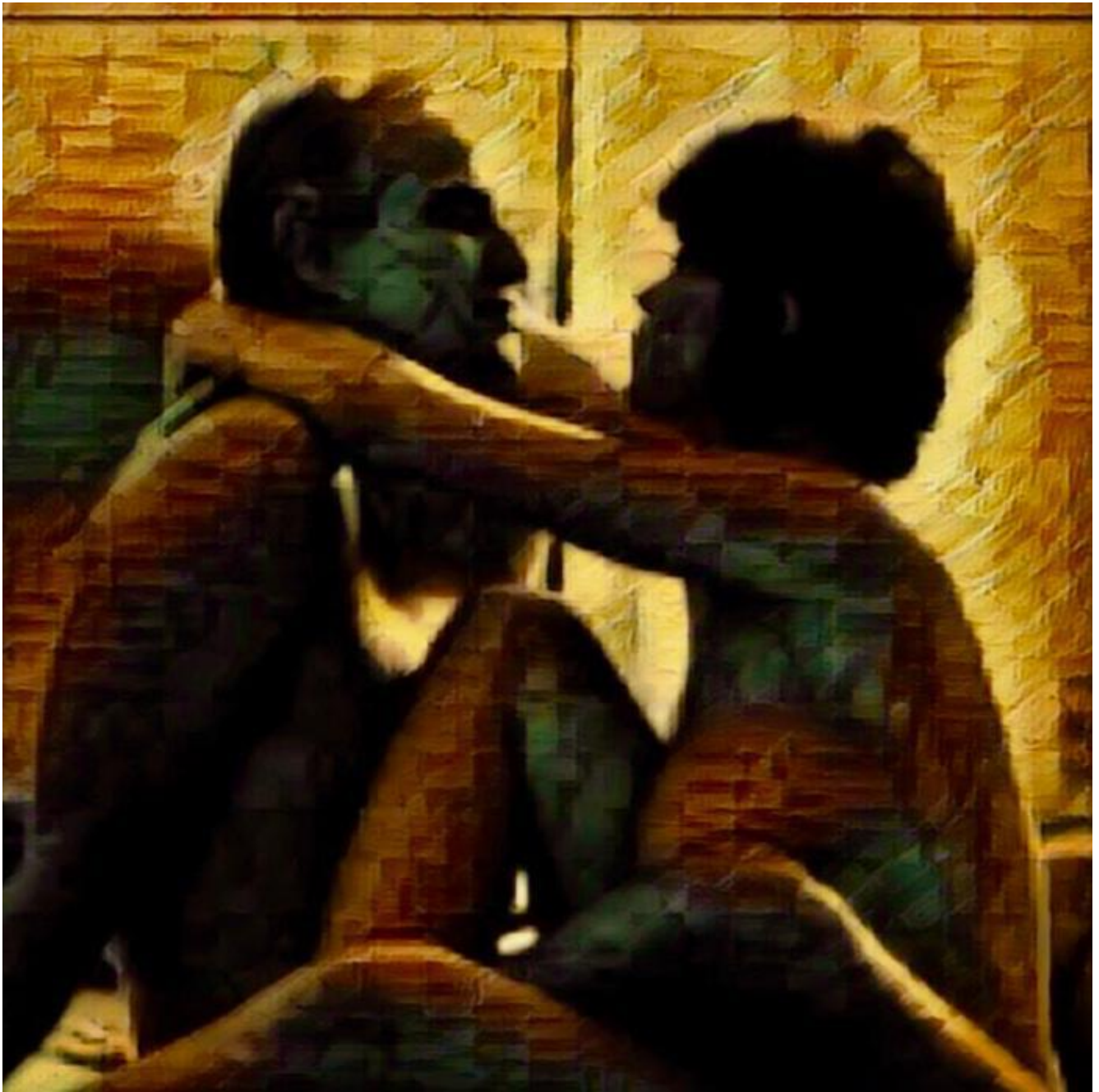
Train Chain; vídeo; duração 56 segundos; 2007; formato: Full HD

Luzia Velloso.



Mergulho; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2020

Marcelo Veiga



Hot; desenho digital; 50 x 50 cm; 2020

Marcia Cavalcanti



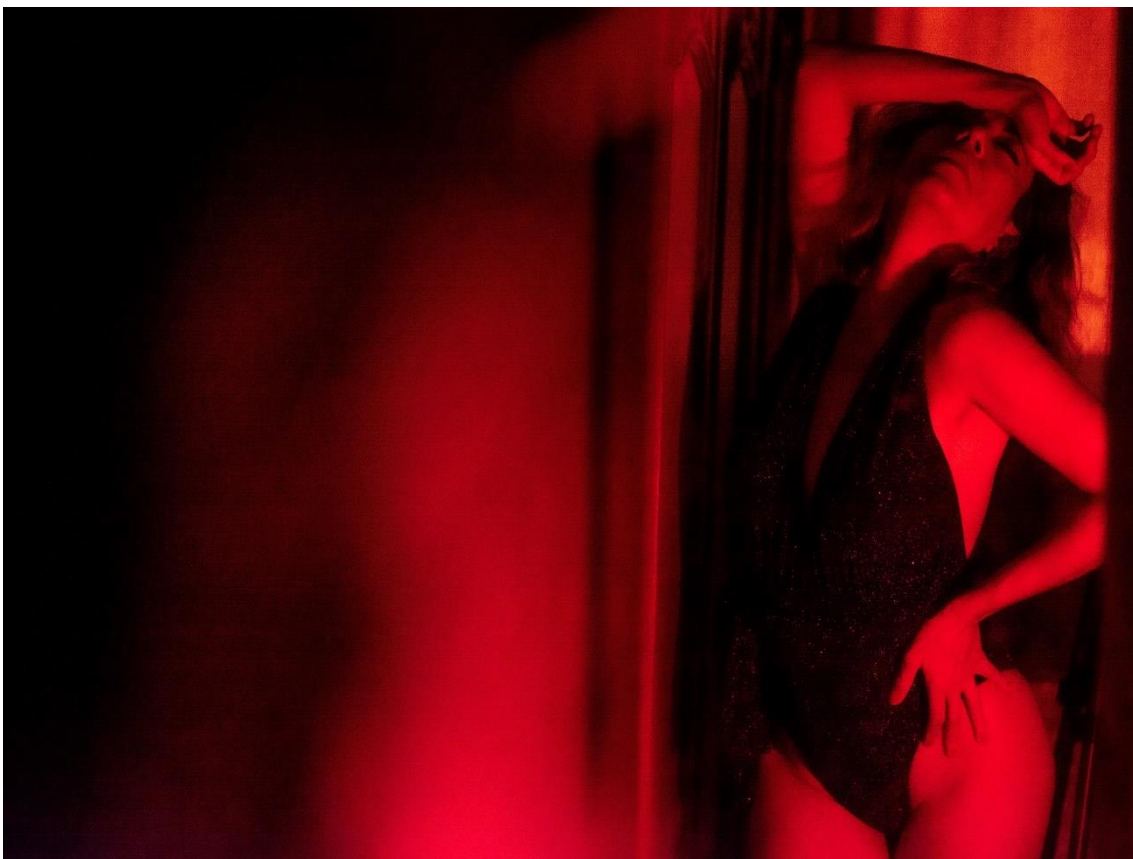
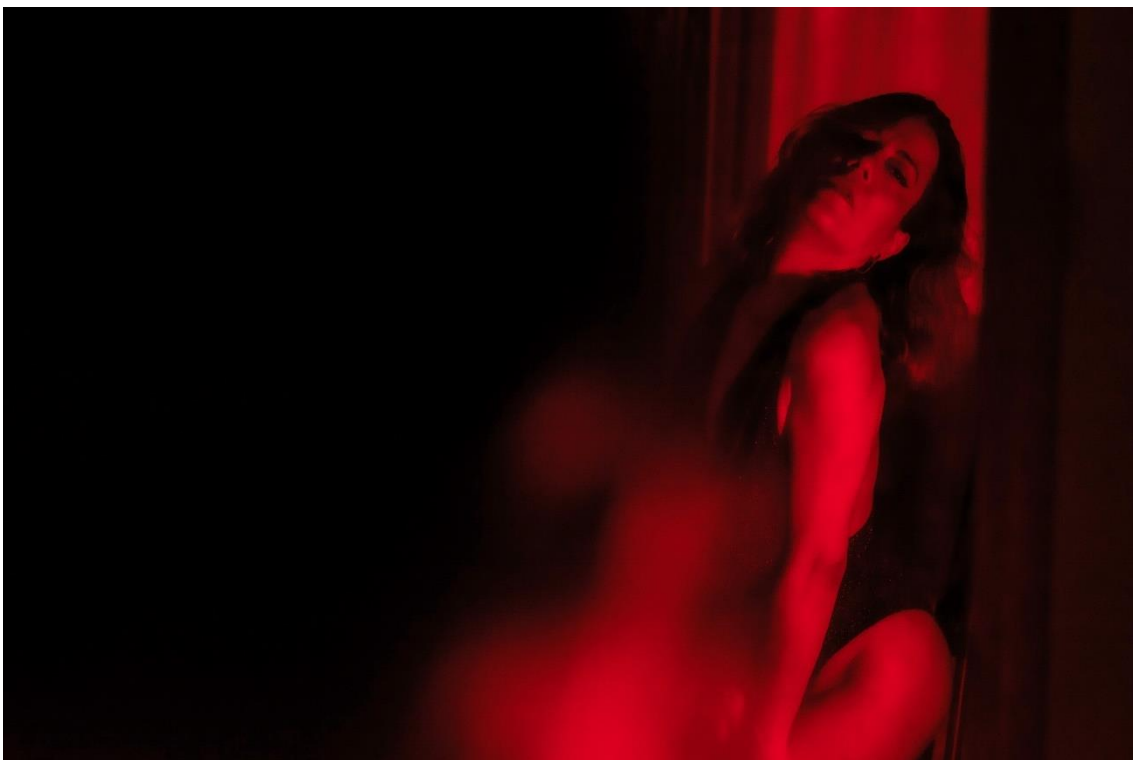
Sem título; óleo s/tela; 20 x 30 cm; 2021

Marcio Atherino



Sem título, da série Isolado; acrílica s/tela; 65 x 55 cm; 2020

Maria Cecília Leão



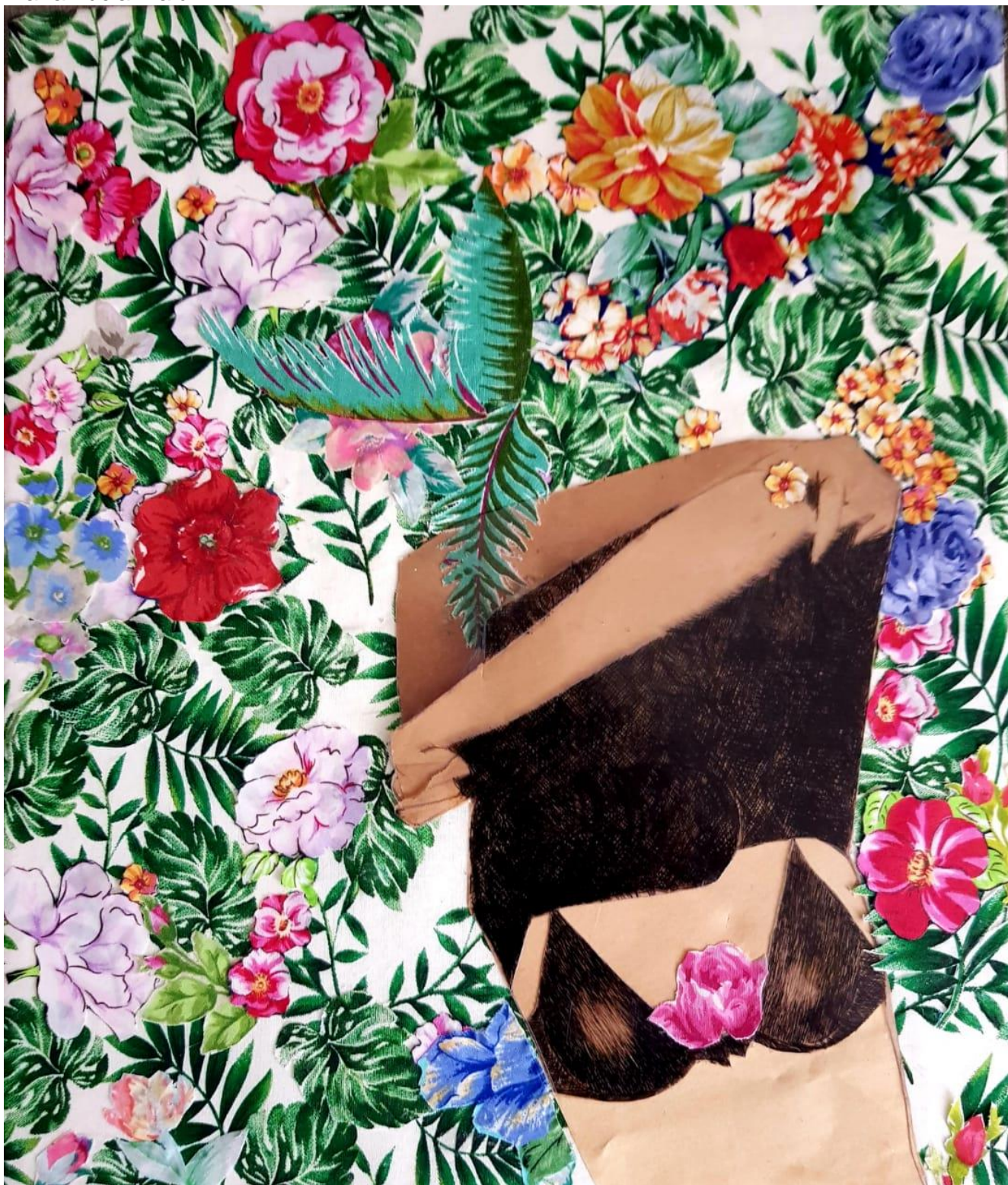
Um coração chamado desejo; Autorretratos em fotografia digital impressa em fine-art Hahnemühle 308g. (díptico na mesma moldura), tiragem 1/3; 30 x 40 cm; 2020

Maria Cherman



Assim é se lhe parece; desenho, nanquim sobre papel Fabriano, moldura em caixa de acrílico; 25 x 25 cm; 2017

Maria Lucia Maluf



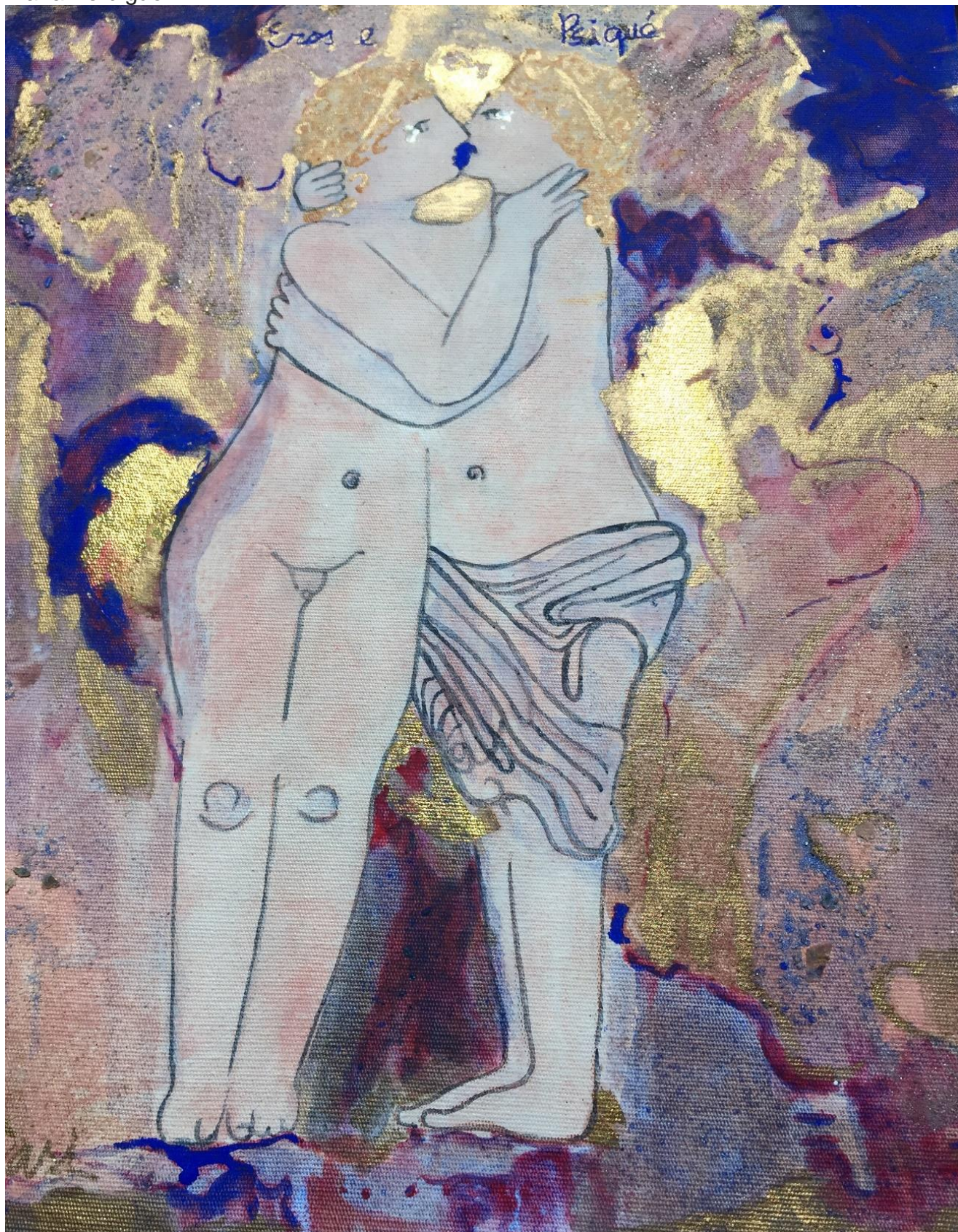
Sutil; colagem em caixa de acrílico; 36 x 33 cm; 2020

Maria Matina



Coleção INSTAntes Eróticos; montagem com 6 aquarelas, impressão em fine art, 50 x 30 cm; 2016

Maria Perdigão



Eros e Psiquê, d'après Marmoré de Óstia; pigmentos naturais e folha de ouro s/tela sem chassis; 42 x 34 cm; 2017

Maria Stefanon



A caixa dos desejos; acrílica s/ tela; 60 x 40 cm; 2020

Maria Veronica Martins



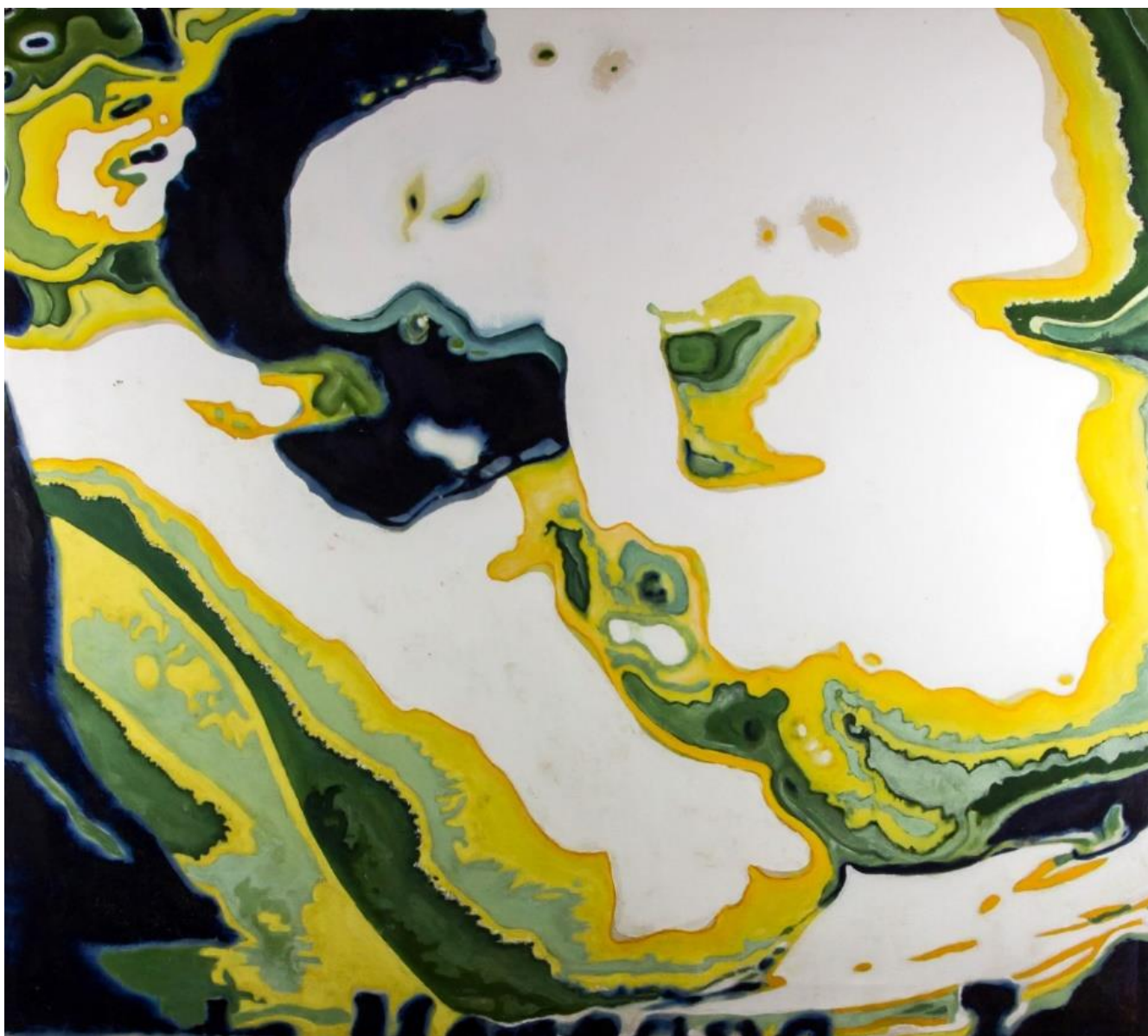
Prazer; guache; 50 x 70 cm; 2005

Marilou Winograd



Memórias#ObjetoCorpo; foto assemblage analógica, impressão fine art, montado em caixa de acrílico; 25 x 15 x 2 cm; tiragem 1/5; 2017

MarQo Rocha



Sem título; acrílica s/ lona; 115 x 125 cm; 2015

Marta Strambi



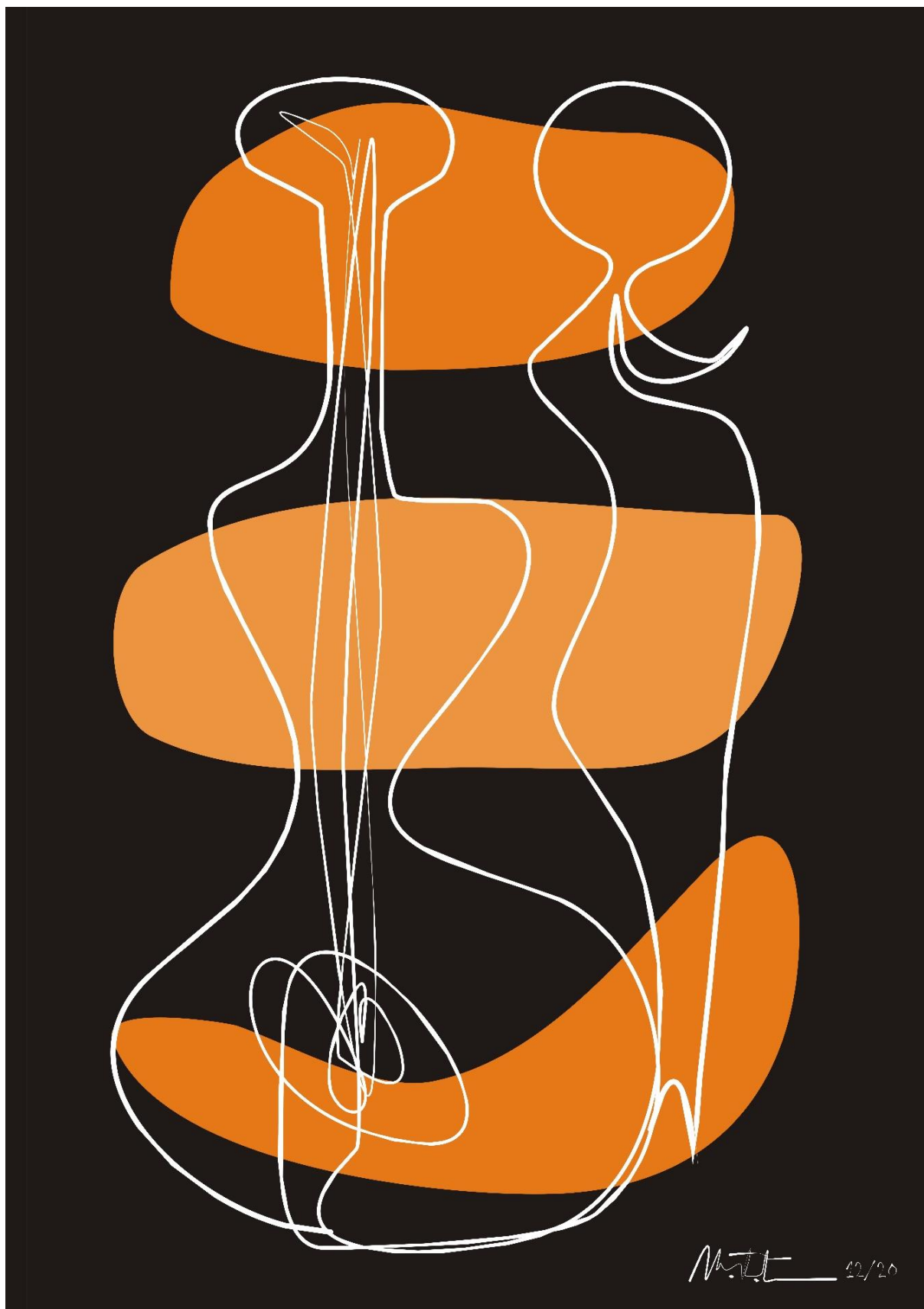
Infrutescência; porcelana, semente e tecido; 70 x 40 x 30 cm; 2019; foto: Mauricius Farina.

Martha Pires Ferreira



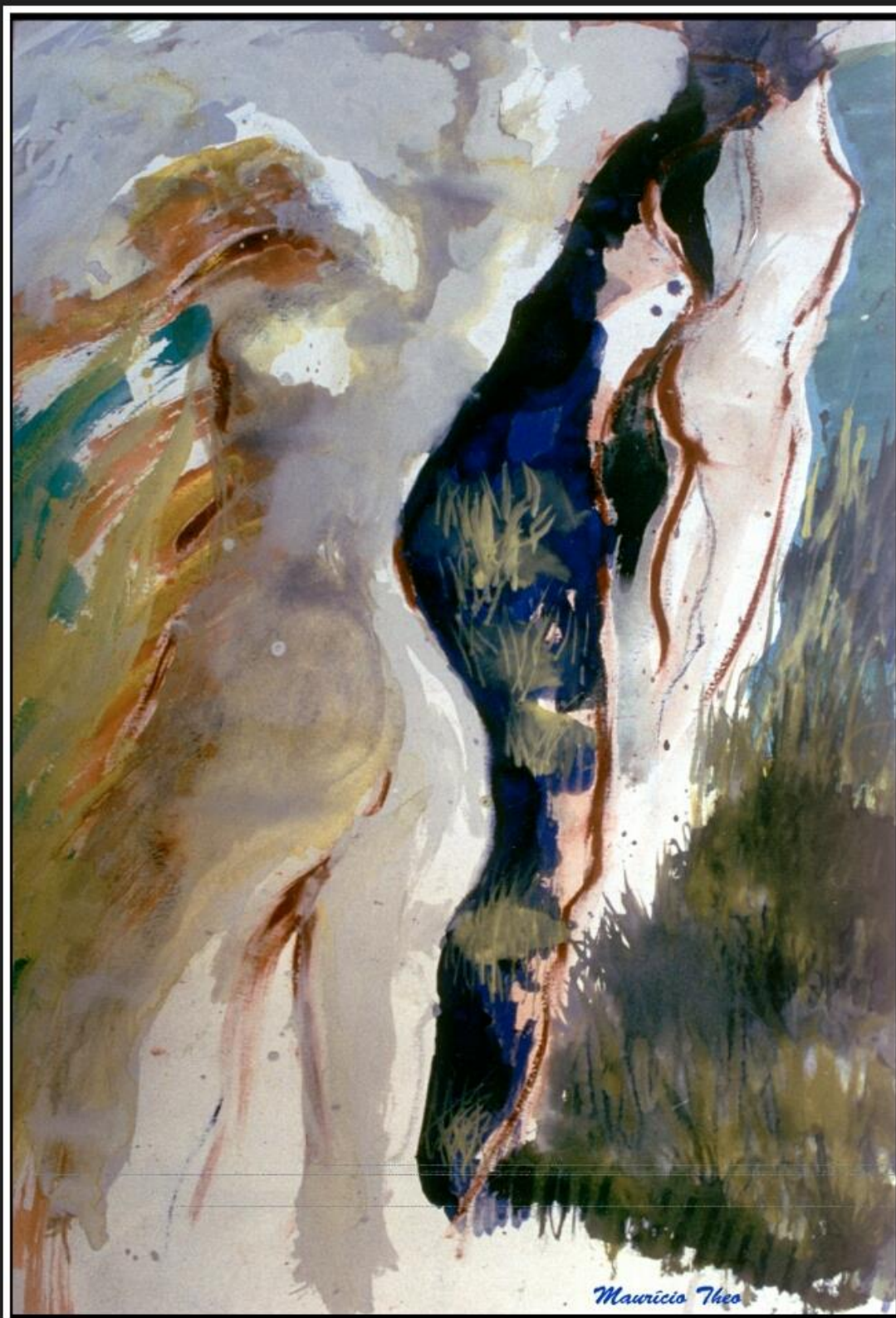
Flor vulva II; bico de pena e aquarela; sem data; 18,5 x 27,5 cm

Mauricio Tassi



Alma erótica; mão livre em computação gráfica; 84 x 118 cm (podendo ser impresso em diversos tamanhos); 2020

Maurício Theo



Erotismo ao Vento II, séries Observações com modelos vivos EAV/ RJ; técnica mista s/ papel Canson; 34 x 47 cm; 1987

Mauricius Farina



```
</xmpMM:History> <crs:ToneCurve> </crs:ToneCurve>
<crs:ToneCurveRed> <rdf:Seq> <rdf:li>0, 0</rdf:li> <rdf:li>255,
255</rdf:li> </rdf:Seq> exif:Mode="2" exif:Function="False"
exif:Fired="False" exif:Return="0"
exif:Mode="2"exif:Function="False" <rdf:Seq> <a história>
exif:RedEyeMode="False"/> <dc:creator> <a força>
<rdf:li>MAURICIUS FARINA</rdf:li> </rdf:Seq> </dc:creator>
<fábulas de uma interdição>ExposureMode= "E
<dc:rights> <rdf:Alt> <rdf:li xml:lang="x-default">
</rdf:Alt></dc:rights><xmpMM:History><rdf:Seq>
<o choque moral é ser exif:SceneType="1"
hipócrita>exif.CustomRendered="0"exif: reconhecendo
o bem como bem= exif <dc:creator> exif.SceneType="1"
"Então já não seria um bem" <dc:creator> = exif.DateTimeOriginal=
"dc:format="3129618"
= de um canto escondido aos olhos = dos anjos as vozes gritam e
seus impérios são dominantes =
<xmlns:x=" sobre todas essas coisas que o texto pode esconder
="http://ns.adobe.com/exif/1.0/aux/" a morte da distância, a
confusão = o sentidos se misturam na vida
xmlns:stEvt="http://ns.adobe.com/xap/1.0/s xmp:
CreateDate= exif:ExifVersion="0231"
exif:ExposureTime= "1/250" exif:Function="False"
= as palavras encantam serpentes douradas e elas voam = o sujo
e o malvado como inconsciência de mundo exif:SceneType="1"
exif:ShutterSpeedValue=
exif: <as imperfeições caluniosas> exif:Mode="2" exif:
Function="False" exif:RedEyeMode="False"/>
<crs:ToneCurvePV2012Blue> exif:FNumber="11/1"
exif:ApertureValue= "69188a63/1000000" 0"
exif: "quando os seres sob o céu reconhecem o belo
como belo então isso já se tornou um mal" "7965784/0"
exif:FocalLengthIn35mmFilm="70" aux:LensInfo="240/10 700/10
28/10 28/10"aux:Lens=exif:SceneType="1"
"24.0-70.0 mm f/2.8" aux:LensID="147"aux:ImageNumber=
```

Em conserva; fotografia, impressão em papel de algodão com pigmentos minerais; 58,7 x 90 cm; 2020

Meiga Rodrigues



Num corpo só, num só lugar; desenho, nanquim s/ papel; 42 x 30 cm (com moldura), 32 x 20 cm (área desenhada); 2020

Moema Branquinho



Orquídea; vidro, pigmento sobre cimento; 25 x 35 x 60 cm; 2005

Nilton Pinho



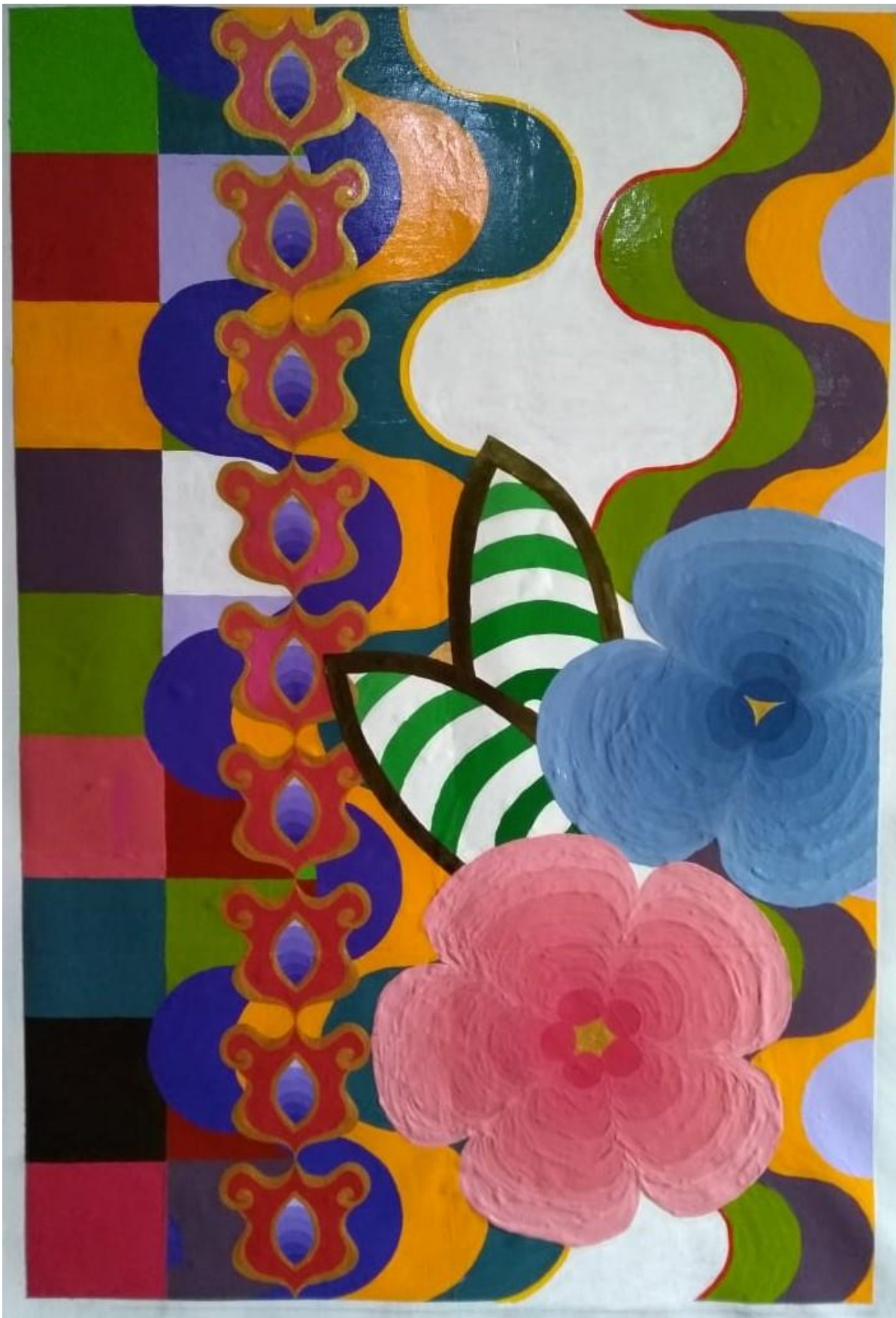
Chapéu; assemblage, carvão e pintura s/ tela; 50 x 40 cm; 2020

Noemi Ribeiro



A taça; digital composite impressa em Canson Cotton 100%; 50 x 50 cm
tiragem 1/5; 2020

Olívio Neto



Sem título; acrílica e vinílica s/ tela; 60 x 90 cm; 2021

Paloma Carvalho



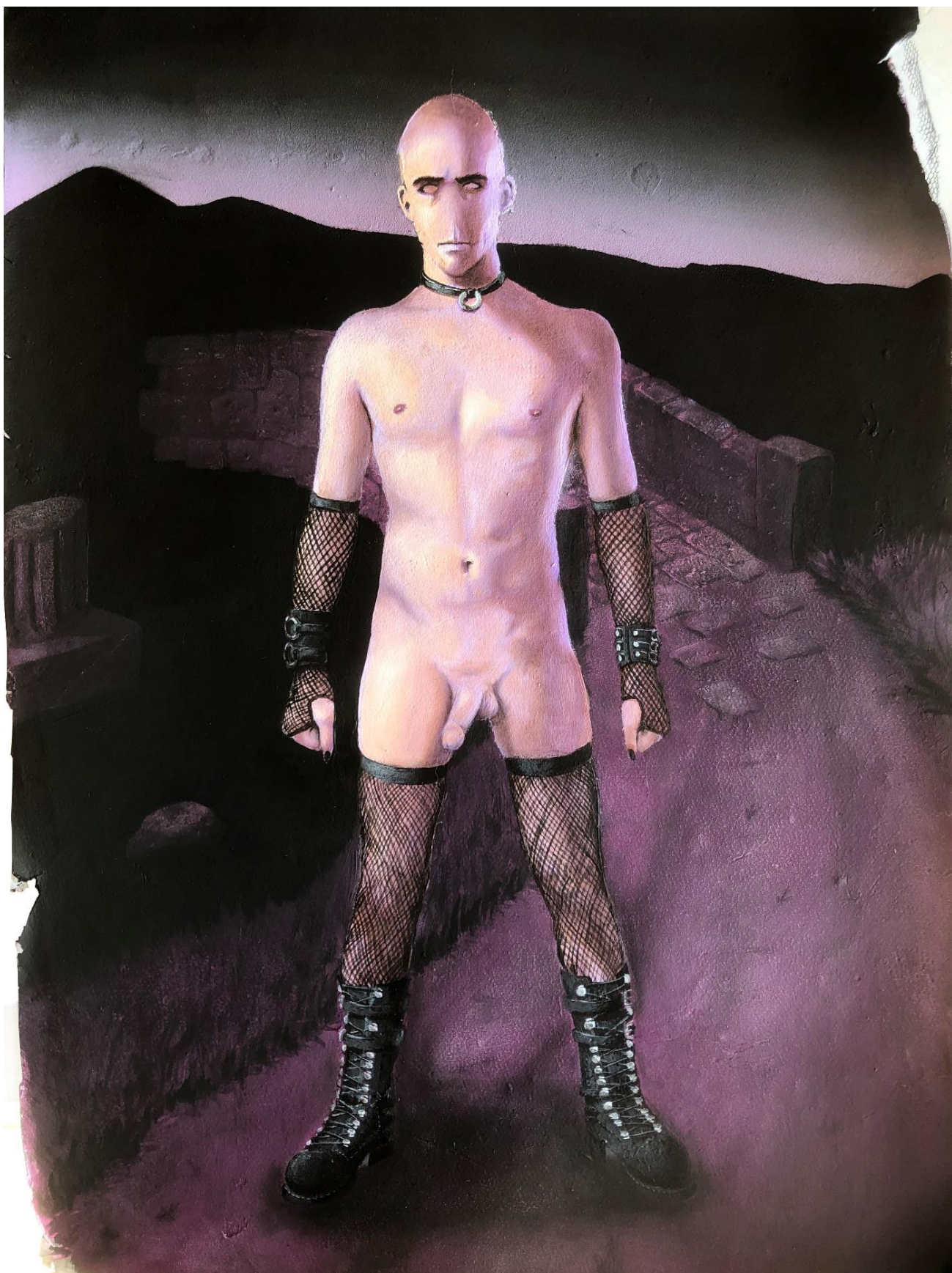
Erótica; acrílica s/ tela de poliéster; 20 x 29,5 cm; 2021

Paulo Innocencio



Andrógino; fotografia digital; 30 x 40 cm; 2006, edição única

Pedro Leão



Vampire: Road to Segra; óleo s/ papel reciclado e gesso; 30 x 45 cm; 2020

Peter O'Neill e Popklik Gabriella Massa



Relax; fotografia em papel fosco; tiragem 1/10; 29,7 x 42 cm; 2020

Pilar Domingo



Erotika; fotogravura impressa em fine art; 30 x 40 cm; 2013

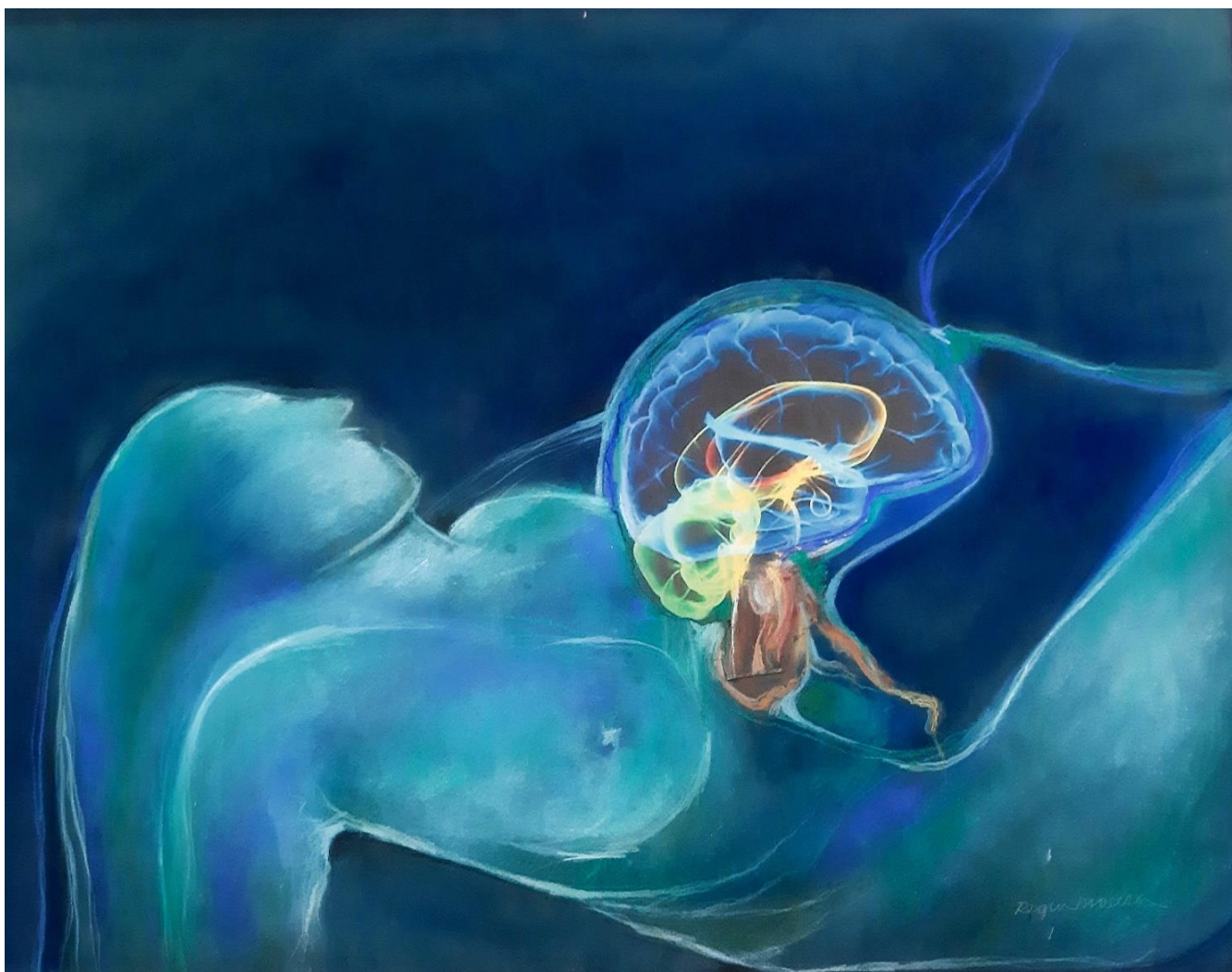
Raquel Camacho



Meu desejo; cerâmica raku; 16 x 32 x 9 cm; 2019

'meu desejo é assim...
vermelho, contorna o ar
se ergue, vibrante'

Regina Moura



Flor da pele; técnica: mista s/papel; 40 x 32 cm; 2020

Regina Vater



dois desenhos Caneta nanquim sobre papel Fabriano importado (frente e verso); 42 x 36 cm; 1999

Ricardo Newton



Voyeur, óleo s/ tela; 60 x 90 cm; 2017

Rogério Reis



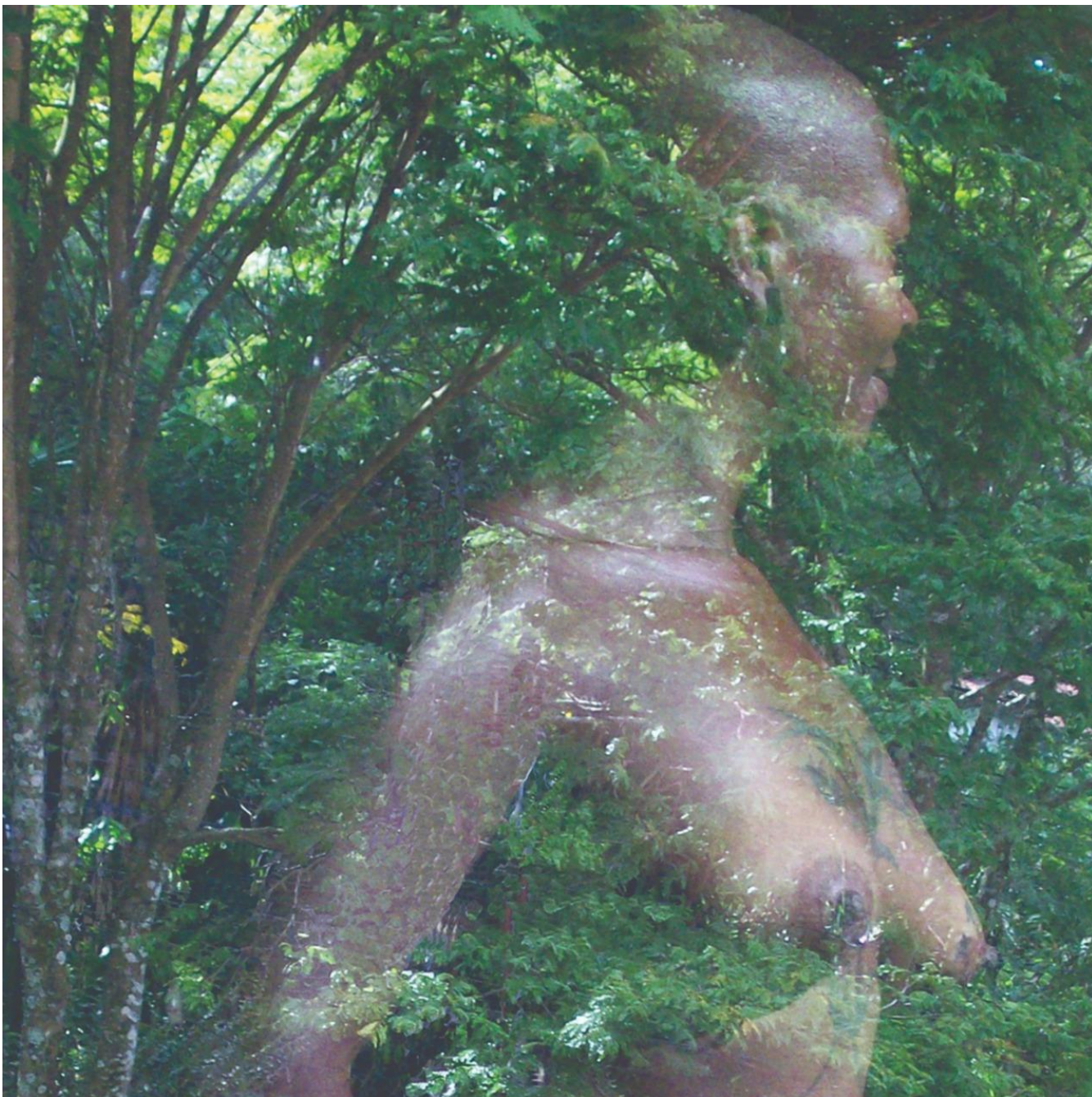
Copacabana, fotografia assinada, impressão: pigmento mineral s/ papel de algodão; 21 x 30 cm; 2014

Rosangela Soares Pinto



Perpetuação da espécie; fotografia flor de orquídea seca, impressão fine art; tiragem 1/5; 35 x 35 cm; 2021

Rose Aguiar



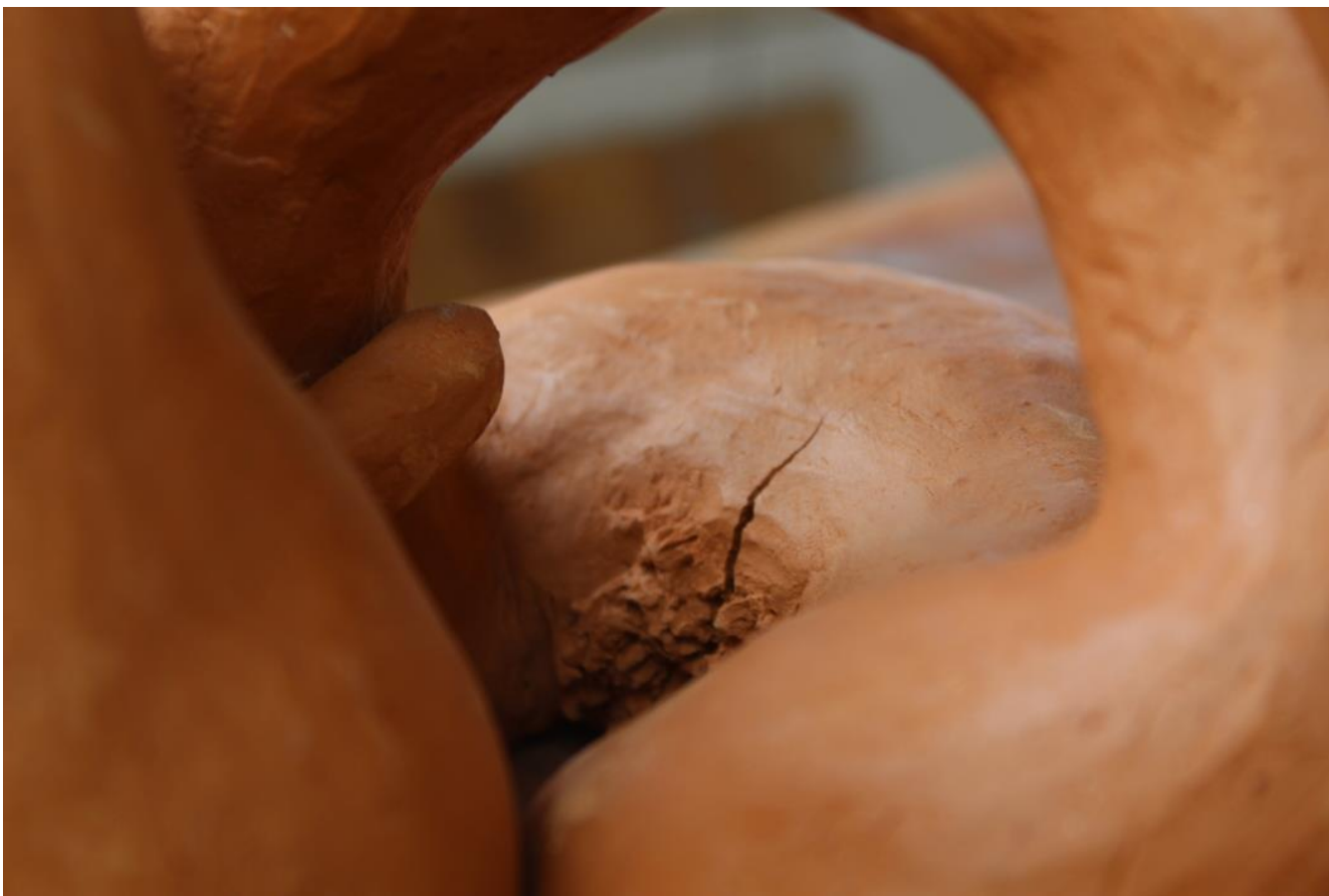
Erótica Exótica; fotografia digital, impressão em papel Hahnemuhle photo rag 308g.; tiragem 10; 50 x 50 cm; 2013

Rose Nobre



Lusco-fusco; acrílica s/tela; 50 x 100 cm; 2018

Rubens da Silva



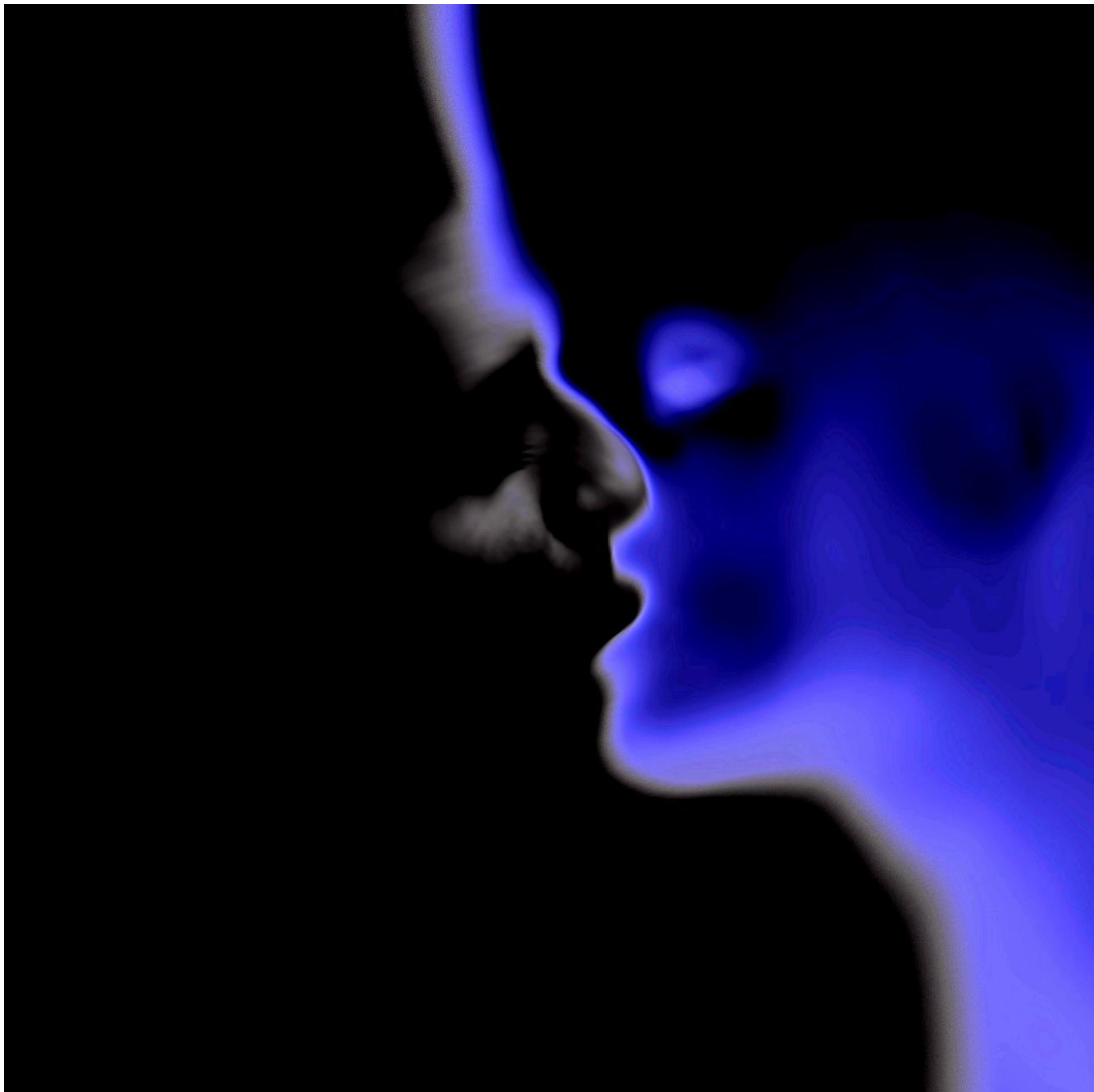
Encontro; 2 peças em cerâmica; 40 x 23 x 18 cm; 2019

Sandra Macedo



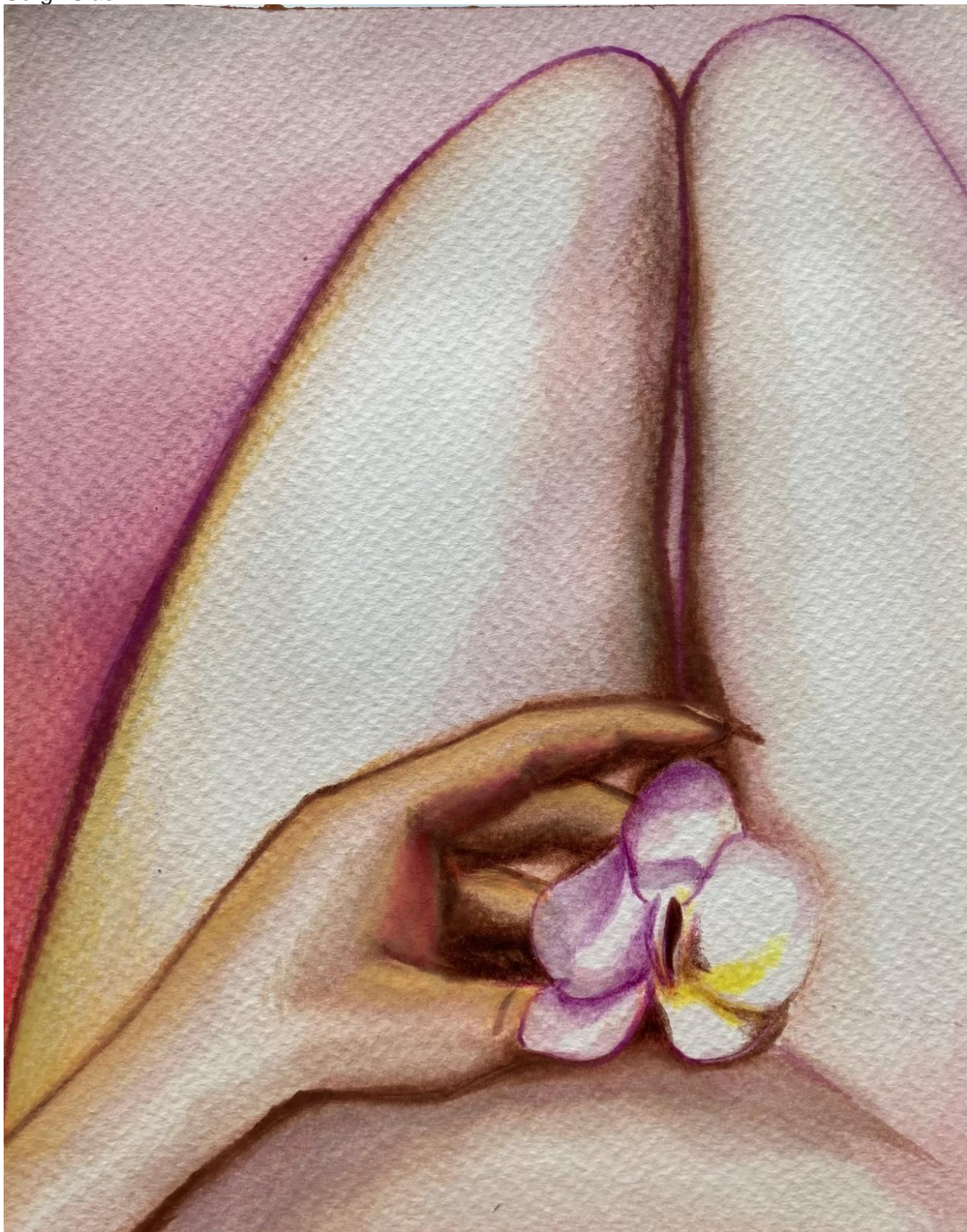
Lá vem a noiva, d'après Duchamp; técnica mista; 50 x 40 x 10 cm; 2012

Sandra Passos



A flor do desejo; gravura digital; 41 x 40 cm; 2015

Sergil Sias



Tenderness; aquarela e Caran d'Ache s/ papel 300g/ cm2 (grão grosso), 23 x 30,5 cm; 2020

Silvana Soriano



A espera; técnica mista, edição única; 40 x 38 cm; 2018

Simone Trombini



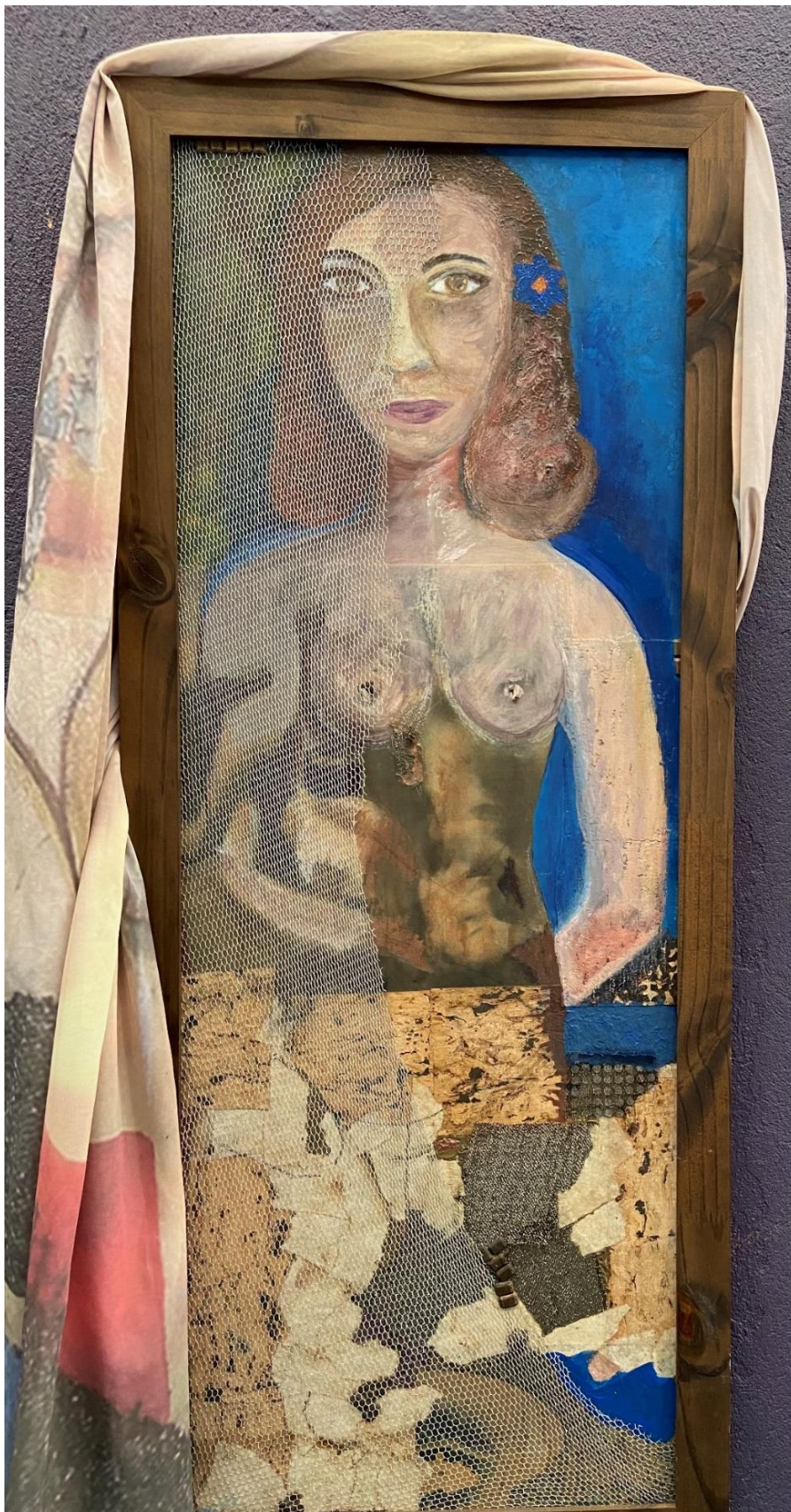
Pau-La; arte digital; 130 x 140 cm (outros tamanhos disponíveis); 2020

Sissi Kleuser



Essência de amor; colagem e acrílica s/ papel; 40 x 29 cm; 2020

Sonia Xavier



Viagem aos seios de Duília, série Mulheres da Literatura; acrílica, colagens, veladuras e panejamento; 140 x 40 cm; 2016

Tania Andrade



A leitora II; acrílica s/ papel; 34,5 x 42 cm; 2019

Tavinho Paes



A origem da terra; photoShop screen impressão em papel Couché Matte 250g.;
tiragem 25; 58,3 x 82,5 cm; 2021

Teresa Coelho



Demie-tace; acrílica s/ madeira; 27 x 31 cm; 1991

Teresinha Mazzei



Abraço Energizante, série Diálogo das Linhas (Digital sobre fotografia de fios de cabelos); impressão fine art s/ canvas; 30 x 40 cm; 2017/2021

Uiara Bartira



Série Mulheres Biônicas; óleo s/ tela; 70 x 70 cm; 2020

Vania Beatriz



Nú; fotografia, impressão fine art, pb; tiragem 1/2; 20 x 15 cm; 2017

VeraLu



Ducha; fotografia impressão fine arts; tiragem 1/6; 50 x 50 cm; 2019

Veronica Camisão



Quando somos mágicos; acrílica e spray s/ lona; 80 x 100 cm; 2018

Vilma Lima



Naturalmente...mulher!!!; acrílica s/ palma; 42 x 47 x 12 cm; 2020

Vitoria Szejnman



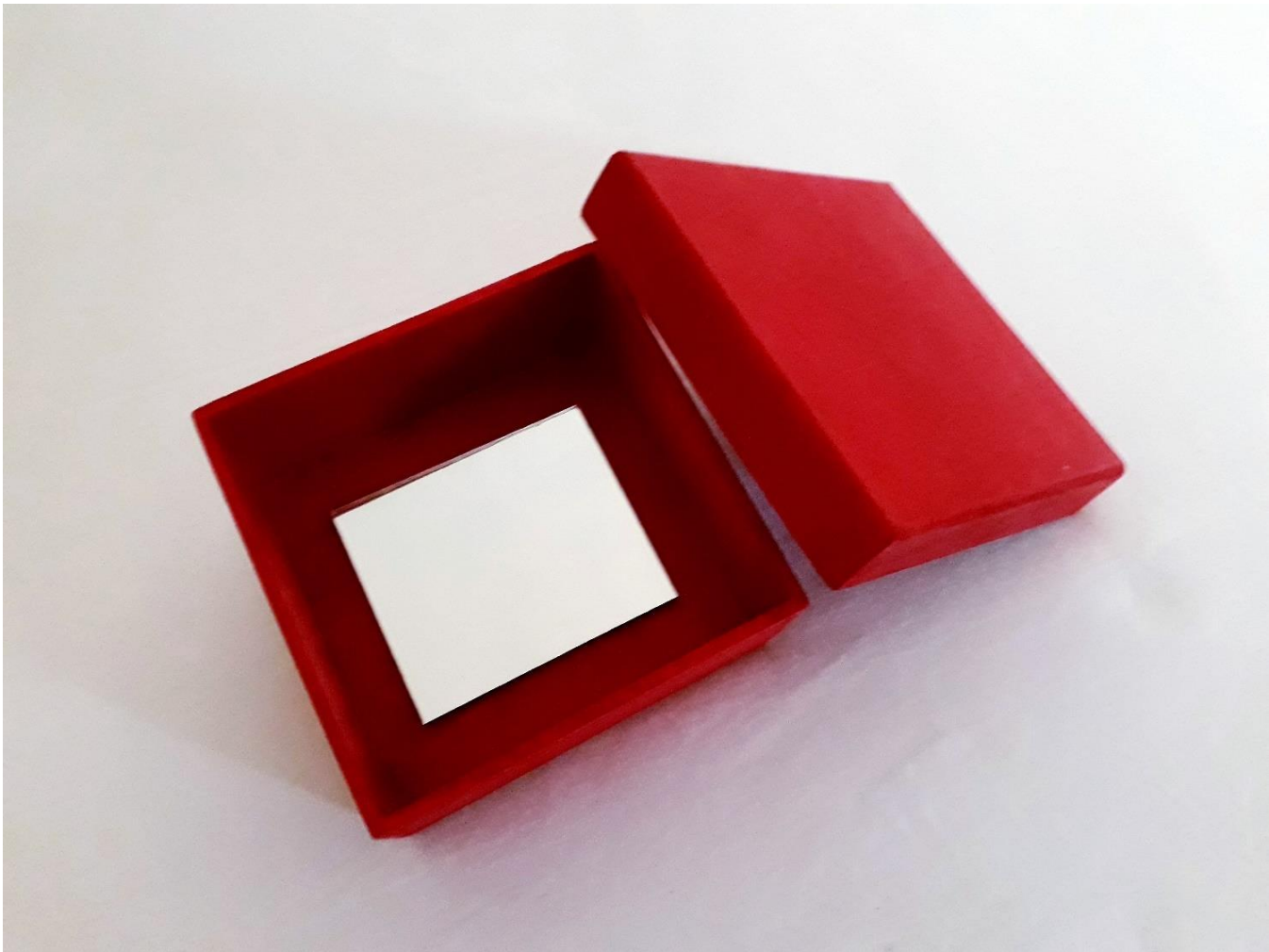
Piscar de olhos; desenho em pastel óleo s/ papel alta gramatura; 48 x 60 cm (Díptico); 2021

Vlad da Hora



Sem título; impressão; 40 x 33 cm; 2020

Walkyria Proença



Sem título, da série Caixas do Prazer; caixa de MDF com tampa, pintada com espelho colado; 10 x 10 x 5 cm; 2020

Wil Catarina



Intimista; carvão s/ tela; 60 x 50 cm; 2020

Zoravia Bettiol



Meias Amarelas, Série: Romeu e Julieta; xilogravura; 63 x 50 cm; 1970